



Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura

Vilson do Nascimento



Revista "BLUMENAU EM CADERNOS", fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 - il.

Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux, na Área de História – edição 1998, concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 2000 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS" ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425 CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC Fone/fax: (047) 326-6990 E-Mail: funculbl@zaz.com.br

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" Fotografias históricas diversas

> **DIREÇÃO** Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Ivo Marcos Theis (Presidente) Annemarie Fouquet Schünke, Cezar Zillig, Cristina Ferreira, Méri Frötscher, Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO

Vitor Alexandre da Cruz

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda. Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600 Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Blumenau 150 Anos de fundação	
Apresentação Ivo M. Theis	07
Blumenau 150 Anos de fundação	
Dr. Blumenau e sua proposta de colonização Dr. Hermann Blumenau	09
Blumenau 150 Anos de fundação	
História de Blumenau José Ferreira da Silva	36
Blumenau 150 Anos de fundação	
Blumenau e sua contemporaneidade Sueli M. V. Petry	99

Apresentação

Blumenau em Cadernos se congratula com os cidadãos desta cidade. De fato, os 150 anos de Blumenau constituem motivos para alegres e prolongadas comemorações, mas também para uma reflexão sobre o resultado do projeto dos imigrantes que há um século e meio aqui aportaram. Não se trata de um balanço crítico, certamente necessário; aliás, tão necessário que o ano tem sido pródigo em publicações analisando o desenvolvimento do município de um ponto de vista mais criterioso. Trata-se antes de trazer à superfície o que deveria ser retido da perspectiva de uma comemoração como a deste sesquicentenário de fundação da cidade. Blumenau em Cadernos, procurando fazer a sua modesta parte, oferece neste número de setembro/outubro, época em que oficialmente se comemora o início do processo colonizador no Vale do Itajaí, três preciosíssimos textos aos seus distintos leitores.

O documento de abertura desta edição foi escrito em português, pelo próprio Dr. Hermann Blumenau, em dezembro de 1850, propondo ao Governo Imperial brasileiro estabelecer uma política de incentivo aos interessados em implantar colônias de imigrantes europeus no sul do Brasil. Refere-se minuciosamente às condições climáticas favoráveis do Brasil e insiste na importância da introdução de novas culturas agrícolas para o conseqüente incremento da economia. Entre outras coisas, destaca a necessidade da propaganda imigratória na Alemanha, visando atrair colonizadores para o sul do Brasil, sugere procedimentos básicos para empreendedores coloniais e alerta para o fato de que não se pode esperar obter lucros com negócios deste gênero. Além disso, apresenta seu projeto colonizador para aquilo que denomina de "estabelecimento prático da pretendida minha colônia" e indica detalhadamente os prováveis acontecimentos dos 3 primeiros anos de uma colônia, incluindo as despesas deste período para a introdução de cem famílias no Vale do Itajaí.

O segundo texto, escrito por José Ferreira da Silva, idealizador de Blumenau em Cadernos, sintetiza o período que compreende 1850 a 1950. Sua publicação original foi no livro do Centenário de Blumenau, sob o título "História de Blumenau". O autor faz uma narrativa minuciosa do período colonial de Blumenau, enfatizando os esforços do fundador para alcançar seus objetivos relacionados à colonização. Quanto aos 17 primeiros imi-

grantes, cita uma pequena biografia de cada um deles, conferindo-lhes a função de pioneiros e desbravadores. Nota-se uma valorização dos aspectos estatísticos relacionados à densidade demográfica e economia do período analisado. As associações culturais e sociais são tratadas enquanto diferenciais do processo colonizador do Vale do Itajaí, encarando-as como locais onde se tomavam decisões voltadas aos interesses comunitários. Destaca os fatos históricos com mais ênfase até a 1ª. Guerra Mundial e, a partir de então, privilegia o lado político, principalmente no que concerne à década de 30, 40 e 50, priorizando as realizações dos governantes locais.

Na terceira e última parte, a historiadora Sueli Petry enfoca os acontecimentos mais relevantes do período que compreende 1950 a 2000. Em seu texto percebe-se a composição dos fatos históricos em contextualização com os aspectos sociais, políticos, econômicos e, sobretudo, culturais. Merecem menção os assuntos ligados às férteis manifestações culturais da década de 60, diante dos movimentos em favor das artes plásticas, literatura, música e teatro. Também o surgimento da Universidade Regional de Blumenau, que veio atender à demanda do ensino superior no Vale do Itajaí. Enfim, os momentos de nossa história recente estão ali representados, favorecendo ao leitor a realização de uma viagem pelos caminhos da memória regional.

É, certamente, desnecessário acrescentar muito mais ao que já foi dito. Contudo, antes que os atentos leitores de Blumenau em Cadernos mergulhem nos artigos que integram este número comemorativo, deseja-se reafirmar o compromisso da revista com o respeito às tradições e com a divulgação da cultura local, mas num contexto de pluralidade, democracia e liberdade. Traduzindo: os 150 anos de Blumenau, na medida em que se buscou resgatar o passado para reelaborar o presente, tornaram a cidade mais universal. Blumenau em Cadernos pretende ser o registro vivo das vivências cotidianas dos sujeitos históricos do Vale do Itajaí. Ao se valorizar o que é singular na história local, também se deseja contribuir para a construção de uma solidariedade global. Estamos preparados para os próximos 150 anos!

Prof. Ivo M. Theis

Presidente do Conselho Editorial

Blumenau 150 anos de fundação

Dr. Blumenau e sua proposta de colonização*

Texto:

Dr.
HERMANN
BLUMENAU

O documento transcrito nesta edição comemorativa revela a proposta de colonização apresentada pelo Dr. Hemann Bruno Otto Blumenau, redigida em dezembro de 1850, para ser apreciada pelo presidente da Província de Santa Catarina, Sr. José Antero de Brito.

Trata-se de uma longa proposta colonizadora, na qual o autor denota farto conhecimento e experiência no processo colonizador. Constata-se neste documento o quanto a sua proposta é minuciosa em detalhes no sentido de orientar os interessados, sobre a situação atual do país, procedimentos em relação aos recursos de comunicação com a Alemanha, como se comportar nas alfândegas, entre outras observações.

Relata ainda a necessidade de organizar uma força para afugentar os indígenas, estar preparado para sofrer alguma situação de prejuízo no empreendimento, como também dispor da confiança do Governo. Após a exposição das suas avaliações constituiu um quadro demonstrativo contendo as despesas que terá nos três primeiros anos para estabelecer a colônia. Especifica minuciosamente como devem ser as coberturas dos ranchos, tipos de palmeiras para cobri-las etc..

No sentido de dar o máximo de informações ao colono, Hermann Blumenau, chegou ao requinte de recomendar a necessidade da aquisição de um galo para servir de despertador.

Transcrevemos o presente documento com a maior fidelidade ao seu original, adaptando-se, para publicação, apenas a ortografia, permitindo ao leitor avaliar a redação, o estilo e acompanhar o grau de conhecimento do Dr. Hermann Blumenau em relação à língua portuguesa. O autor muitas vezes fazia uso de palavras do dicionário que não correspondiam exatamente à sua intenção de expor determinada terminologia. Além disso, devido ao estado de conservação precário, em certos trechos tornou-se impossível fazer a leitura das informações ali descritas.

Também se realizou uma transcrição literal da proposta, mantendo-se a escrita do século XIX, estando a mesma disponível para a consulta no Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva".



^{*)} Acervo do Arquivo Histórico de Blumenau – Fundo Memória da cidade – P.02.2 – doc. 25.



Observações Gerais; Condições fundamentais; clima

Condições e expedientes acessórios; sua alta importância Ser a colonização e imigração espontânea de gente [rasgado] honesta, trabalhadora e industriosa uma das mais imperiosas necessidades e assunto verdadeiramente vital pa o Império do Brasil, está hoje reconhecido por todos os homens pensativos e sinceros amigos deste belo e vasto país; igualmente não há dúvida sobre as questões fundamentais, digo condições fundamentais indispensáveis pa a prosperidade de colônias, constando elas de uma população industriosa, de um solo fértil, de variedade dos produtos e facilidade da venda e exportação dos mesmos pa fora, e enfim de um clima sadio e proporcionado a antiga pátria e nacionalidade dos emigrados, com os quais se quer colonizar, divergindo sobre o ultimo ponto as opiniões somente no Brasil, pois na Alemanha e Inglaterra a questão está decidida, já há tempo, e reconhecido relativamente aos emigrados da Europa setentrional, que qualquer colonização com os mesmos numa terra inter-tropical, a não ser situada em serras altas, é empresa arriscada, temerária e imperdoável, e ninguém naqueles países se pode apresentar com tal proposição, sem levar o honroso título de "vendedor de almas" da parte da imprensa e da opinião pública.

Litigiosas porém e mesmo, como parece omitidas ou desconhecidas por diversos são as condições acessórias e sua alta importância para - não quero dizer, o bom sucesso de uma isolada empresa colonial, mas sim o efeito enérgico e durável de um sistema de colonização regular e bem calculado, p^a atrair ao Brasil por meio do mesmo uma maior imigração espontânea produtiva e vantajosa pa o país; e todavia muitas destas condições acessórias são do mesmo peso como as fundamentais, pa produzirem aquele efeito e a culpa das colônias existentes no Império e o fraco incremento da imigração espontânea deve-se atribuir por grande parte à pouca atenção daquelas condições, como também a sua diligente observância da parte dos outros países, pretendentes a atraírem emigrados, trouxe e traz a estes milhares de colonos. — Pertence a esta categoria uma multidão de cautelas e expedientes, que não raras vezes parecem minuciosos ao imperito nestes negócios, os quais porém, observados com diligência, perseverança e profunda integridade, produzirão aqueles efeitos maravilhosos, de cujas vantagens os Estados Unidos, a Austrália e mesmo já o



Chile e a Califórnia hoje se regozijam. Fica pois também ao Brasil, querendo gozar iguais vantagens, indispensável a observância daqueles expedientes e cautelas que nas circunstâncias do país agora se devem estender sobre a introdução de novas culturas, como aquela dos cereais europeus em ponta grande, de linho, cânhamo e outros, plantas filamentosas e oleíferas, plantas tintureiras, da amoreira, do tabaco e outras desta natureza, não produzindo nas províncias do Sul do Império a cultura dos mantimentos usuais do país por si só lucros bastantes e precisando a cultura do café e da cana-de-açúcar cabedais maiores dos que os colonos ordinariamente trazem consigo; sobre a introdução de novos ramos da indústria rural, como criação das abelhas da cochonilha, do bicho da seda e das sanguessugas ou bichas e a melhoração das raças do gado vacum /:fabricação de manteiga e queijo em grande :/ e lanar/: merinos, alpacas, vicunhas e cabras de Cachmir nos campos acima da Serra :/ e aquela das indústrias e culturas já existentes no país; sobre o estabelecimento de moinhos pa fabricação da farinha dos cereais e dos óleos vegetais, pa poderem estes lavrar aqueles e as sementes de linhaça, cânhamo, gergelim, mamona, colza etc., etc., que os colonos deviam produzir, mas não e nunca hão de cultivar, quando não estarem certos, que logo depois da colheita haja algum comprador pa os mesmos; sobre engenhos a serrar e olarias, pa os colonos logo acharem todo o necessário pa esses e outros misteres, e enfim sobre outros expedientes pa assegurar e garantir aos colonos, que introduzirem novas e úteis culturas e indústrias a venda dos produtos até então desconhecidos ou desusados e a todos um mercado fácil e vantajoso pa compra e venda. - Fora destes expedientes e medidas, pa cujo exercício, não obstante, pertencerem usualmente ao foro da indústria particular, a causa das circunstâncias peculiares do Brasil e da índole cômoda da maior parte da sua população, o Governo Imperial não poderá omitir de concorrer mais ou menos diretamente (p. 1) tem ainda outros de sua só e única competência e da mais transcendente importância pa o fim desejado; pertence pa cá a expedição segura, veloz e pouco custosa da correspondência dos colonos pa a Alemanha e da mesma, como a entrega segura das cartas destinadas aos colonos no Império, sendo esta última hoje das mais defeituosas, negligentes e incertas fora das grandes cidades;

Correspondência e Anúncios! Alfândegas!

Quartéis contra Índios Bugres - mais um sistema de anúncios não interruptos nos jornais alemães, a publicação das leis, regulamentos, esclarecimentos e de outros autos oficiais, em quanto se referem a emigração e colonização e podem servir, a destruírem prevenções, refutarem calúnias, esclarecerem dúvidas etc. etc. nos mesmos jornais, pa conservar sempre o Brasil na memória do grande público alemão e particularmente daquela parte, que pretende emigrar. Pertence ainda pa cá a fiel observância dos regulamentos e efetivo cumprimento dos favores concedidos aos colonos da parte dos empregados das alfândegas, pa os emigrados, chegando ao Império, não estarem expostos à perda de tempo precioso, vexações inúteis e extorsões injustas /: como se tentava praticar na cidade de Desterro com os colonos ultimamente chegados, impedindo unicamente a intervenção tão justa como benevolente do Ex.mo Presidente da Provcia tal procedimento imprudente e inteiramente hostil aos verdadeiros interesses do Império, pois está repelindo qualquer colono afazendado, e como se praticava como o autor d'esta memória no mês de julho deste ano na alfândega do Rio de Janeiro, devendo o mesmo, contra o sentido dos regulamentos, pagar direitos sobre todos os seus livros trazidos da Alemanha, datando alguns dos mesmos do século passado, sendo outros impressos no Rio de Janeiro mesmo e não havendo entre todos senão um exemplar de cada obra, sobre roupa marcada com tinta indestrutível e miudezas sem valor com uso manifesto de anos :/ e gozarem os mesmos colonos também no Brasil e na realidade as vantagens e indulgências, acordadas pelos Governos dos Estados Unidos e de outros países, havendo o Governo Imperial de publicar pa melhor clareza dos emigrados uma lista exata dos objetos, que os mesmos podem introduzir livres de direitos e expedir um regulamento especial, facilitando e apressando a visitação da bagagem e impedindo ao mesmo tempo a fraude e o contrabando. -

Enfim pertence ainda indispensavelmente pa cá o estabelecimento de uma linha regular de quartéis ou arraiais em redor das colônias contra os assaltos dos Índios Bugres, conforme o modelo daqueles estabelecidos na Guiana Holandesa contra os Caraíbas, devendo ser equipados por verdadeiros soldados, que fazem o seu dever, inspecionados e comandados por



Modo pratico de estabelecer colônias e papel do Governo

Efeito da nova Lei das terras devolutas comandantes vigilantes e diligentes no serviço, pois sem tal diligência e sem a necessária energia todo o expediente é inteiramente inútil, como hoje se pode ver em muitas partes.—

Mais litigioso ainda, que as matérias acima tratadas são o modo prático de estabelecer colônias e o papel, que toca ao Governo Imperial em fundá-las; e tendo este até agora administrado aqueles negócios quase unicamente e ás suas despesas, há neste momento não poucos, que desanimados por tantos ensaios malogrados, por tantos enganos e infâmias, cometidos nos mesmos, e enfim pelo infrutuoso sacrifício de tão grossas somas da parte do Estado, pretendem, dever o Governo d'ora em diante abster-se de toda a intervenção direta nestes negócios, deixálos inteiramente à indústria particular sem algum socorro e restringir-se de aguardar o efeito da nova lei das terras devolu-- No meu modesto ver a verdade está nos meios termos, não se podendo negar, que o Governo nas suas empresas coloniais desde os anos de 1818 muitas vezes foi enganado por phantastas (sic) aventureiros ou mesmo diretamente por velhacos, cujos enganos por parte se podiam evitar por maior cuidado na escolha das pessoas, e pode-se evitar pa o futuro pelo atento exame da aptidão, do passado e presente dos pretendentes pa tais empresas, deve-se pronunciar ao mesmo tempo, que a nova lei, quando promulgada, há cinco ou quatro anos, teria tido o melhor efeito em atrair uma imigração espontânea, porém nas conjunturas atuais e não crescida e ainda sempre crescente concorrência de outros países não produzirá por si só senão um sucesso mínimo (p. 02) ao fim desejado; mesmo a passagem livre, sendo acompanhada da mínima condição restritiva, tocante à livre vontade dos emigrados, não terá algum efeito benfazejo pa o país, introduzindo nela, é verdade, colonos, mas também, como mostram todas as experiências práticas, pela maior parte inúteis e mesmo danosos, constando os mesmos sempre de uma multidão de vagabundos e aventureiros preguiçosos com mui poucas famílias honestas, afazendadas e industriosas, cujas últimas unicamente podem servir ao país. -

Esperar e sempre esperar é perder o terreno já ganhado e deixar inteiramente o campo; entregar a causa exclusivamente à especulação particular sem ajuntar as cautelas a



Prejuízos de ainda aguardar; empresas coloniais /:como meio de lucro:/ não podem prosperar; necessidade de socorros pecuniários

expedientes necessários acima indicados, sem socorros pecuniários e superintendência vigilante da parte do Estado, deve se chamar a destruição da mesma causa de antemão e mais da reputação do Brasil apenas restabelecida e ainda a restabelecer na Alemanha. No primeiro caso a incessante e sempre ainda crescente concorrência e atividade dos outros países deitaria em breve o Brasil em esquecimento perfeito e irreparável, e quanto ao segundo, é cousa reconhecida, que qualquer empresa de colonização, considerada e prosseguida como especulação pecuniária e meio de lucro nunca pode prosperar, ficando ou caindo os colonos em pobreza, enriquecendo então às suas custas o empresário, mas gritando também seguramente em todas as vozes pa a Europa sobre dolo, engano e mau tratamento; do outro lado porém considerada e prosseguida como ato de filantropia ou ambição há de arruinar com certeza irresistível o empreendedor pecuniariamente, caso não puder ele dispor sobre mui grandes cabedais /:e querer fazer sacrificios voluntários e avultados, o que parece mui improvável não só no Brasil mas no mundo inteiro:/ não produzindo tal empresa lucros senão depois de muito tempo e derramando suas vantagens sobre tão grande periferia, que nelas participam fora do empreendedor, que se carrega de todas as fadigas, trabalhos e despesas direitas, não só muitos particulares, mas ainda o estado mesmo e isso direitamente. Não há pois cousa mais justa e razoável, da que o Governo concorra pa empresas tão úteis com subsídios pecuniários, porém deve-se sempre lembrar, que todos e subsídios ainda vez e inutilmente hão de ser dilapidados, enquanto não estiverem acompanhados e ajudados por um completo, bem regulado e sobretudo bem executado sistema de meios atrativos pa os colonos. —

Reconhecida uma vez a exatidão das opiniões acima expostas e a urgência da colonização pª o Império, não há mais dúvida, que o Governo Imperial há de lançar mão aos negócios da mesma, quanto mais antes possível, principiando com o estabelecimento de colônias modelos naquelas regiões, que se ressentem particularmente da falta de população ou de uma população trabalhadora e industriosa e cujas circunstâncias podem favorecer a prosperidade daquelas colônias no presente e o incremento da imigração espontânea no futuro, devendo este pronto estabelecimento principalmente produzir o efeito,



Necessidade de pronto estabelecimento de colônias

de dirigir a atenção e o torrente dos emigrados alemães de mais em mais ao Brasil, e ter esta torrente já ganhado algum engrandecimento naquela época, em a qual à nova lei das terras há de desenvolver a sua eficácia. — Sempre dada um destes novos experimentos de colônia é da mais transcendente importância pa o desejado futuro da imigração espontânea no Império, devendo formar o núcleo, ao qual novos emigrados se podem aglomerar com vantagem no princípio e por cujo caminho se hão de espalhar sobre o país inteiro no futuro, particularmente neste instante, onde o Chile e os países do Rio da Prata ameaçam com concorrência enérgica; deve ser por isso bem calculado e preparado com toda a circunspecção e obserconjunturas, vância das que podem favorecer ou talvez se opõem à empresa intentada, pa não arriscar a mesma a naufragar já no princípio, e o Governo Imperial há de conceder as quantias necessárias não com demasiada parcimônia, sendo muitas vezes tal parcimônia mal aplicada e demasiada a mais das mais consideráveis perdas de dinheiro e usufruto.

O empreendedor ou dirigente e sua índole; confiança do Governo ao mesmo indispensável ou a empresa não pode prosperar.

O empreendedor de tal estabelecimento novo deve ser bem conhecido pelo Governo Imperial como ativo e apto pa o seu ofício, conhecendo tanto este em todas as suas repartições grandes e miúdas, como o tratamento prático e difícil da gente que há de dirigir, como absolutamente probo, honrado e á prova das tentações de qualquer qualidade, que não hão de ficar fora, e enfim como homem, que tem verdadeiro interesse moral na empresa, não trabalhando na mesma unicamente como jornaleiro por sua soldada (sic) ou como especulador por lucro, ao qual muitas vezes e por desgraça do Império se sacrificarão vidas e fortunas de famílias inteiras. Uma vez (p. 3) reconhecido como tal o Governo Imperial, este não lhe há de negar confiança plena e inteira nem restringir-lhe demasiadamente na sua atividade e nas operações, que ele julga necessárias ou vantajosas, auxiliando-o ainda na sua árdua tarefa fora dos socorros pecuniários com o seu apoiamento moral, tendo na Europa como no Brasil e protegendo-o contra as invejas, ciúmes e hostilidades, que ele deve aguardar com toda a certeza da parte tanto de particulares como de autoridades subalternas, podendo um simples juiz de paz ou seu escrivão pôr em barulho uma inteira colônia bem regulada e até então

sossegada e pacifica. – Não podendo ou não querendo o Governo Imperial conceder ao empreendedor ou dirigente aquela confiança, socorro pecuniário e moral e esta proteção indispensáveis, parece melhor, abandonar toda a obra, sendo uma superintendência tão atenta e rigorosa, que impossibilite qualquer fraude ou transgressão de autoridade da parte de um homem prevaricador é ou inteiramente inexecutável, ou tão dispendiosa e ao mesmo tempo tanto retardando a marcha dos negócios, que debaixo do seu peso nunca pode prosperar uma empresa tão complicada, como aquela em questão, e o seu dirigente, quando homem de bem e de honra, em breve será desgostado e desanimado por tantos obstáculos artificiais, como os quais lhe devem aparecer e estão em realidade pª ele.

Projeto do estabelecimento prático da pretendida minha colônia

Engajamento dos colonos. Primeiro ano.

Caso eu ganhar a confiança e os socorros pecuniários indispensáveis p^a a minha empresa de colônia da parte do Governo Imperial, pretendo obrar conforme o seguinte esboço, ao qual se refere a conta junta ao fim, que me parece aplicável a qualquer outro novo estabelecimento de colônia com poucas alterações, devendo estas conformar-se às circunstâncias peculiares das diversas partes.

Repartindo-se as operações e os trabalhos com a nova colônia em duas seções, uma no Brasil e outra na Alemanha, e devendo-se calcular as despesas por três anos pelo menos, até a colônia haver ganhado fundamento permanente no Brasil e simpatia viva e durável na Alemanha, logo depois de um ajuste de contracto com o Governo Imperial hei de mandar circulares aos meus numerosos parentes e amigos na minha antiga pátria, advertindo-lhes do contracto feito e das vantagens, que estou no caso de poder oferecer aos emigrados, e pedindo a cinco dos mesmos, habitantes em diversas partes da Alemanha setentrional, com cuja honradez, habilidade e amizade eu posso contar, cuidarem cada um no seu circuito quanto mais possível da derramação das novidades recebidas e do engajamento de quatro famílias dispostas pa a emigração e aptas ao fim indicado. Tendo eu já escolhido estes meus correspondentes naquelas partes da Alemanha, nas quais tem uma população numerosa, geralmente afazendada e industriosa, mas ainda pouca emigração pa os Estados Unidos, resultam daí muitas vantagens, particularmente aquela, que tendo tido uma vez daquelas partes emigrados que prosperarem no Brasil, lhes hão de seguir mais e mais daquelas mesmas regiões, o que é muito menos provável, quando dali já muitos emigravam pa os Estados Unidos. - Fora destes circulares confidenciais hei de publicar nos jornais, que tratam sobre emigração, uma circunstanciada descrição das terras da nova colônia, das vantagens a oferecer e dos princípios conforme as que aquela colônia há de ser estabelecida e regida. Em todos estes atos como ao engajamento dos colonos deve presidir a mais rigorosa retidão, veracidade e clareza, evitando-se com cautela cada qualidade de ufania, de vãs frases, de meias e incertas promessas; deve-se sempre lembrar, que se trata de um efeito durável, sendo pa isso melhor, de prometer menos e cumprir mais, do que fazer o contrário; que o Brasil na Alemanha ainda está muito desacreditado - tendo o grande público ainda sempre os faros de tráfego de carne humana, quando se trata de uma colônia alemã no Brasil e que se deve cortar aos inimigos do mesmo cada e qualquer oportunidade de atacá-lo e caluniá-lo.

Pa garantir inteiramente o sucesso da nova colônia, o número das famílias a engajar como colonos e a estabelecer no primeiro ano, não pode ser maior de vinte, e mesmo não se deve admitir por ora colonos voluntários à mesma colônia, caso eles não possuírem fora do importe da passagem ainda bastantes fundos pa poderem subsistir por ano e meio pelo menos. A escolha destas vinte famílias a engajar /:e dos voluntários que talvez se acharem:/ deve ser a mais cuidadosa e escrupulosa, dependendo dela por grande parte o sucesso e progresso inteiros da colônia. Estes primeiros colonos devem ser bem arranjados e bem tratados por todos os meios possíveis, pa ficarem satisfeitos e escreverem de contente aos seus (p. 4) amigos na Alemanha, animando-os, de juntar-se com eles na sua nova pátria. Para poder porém granjear tais famílias, escolhidas pa a nova colônia pode-se dispensavelmente, concederlhes favores extraordinários e maiores dos que lhe oferecem outros países concorrentes. Tendo sido, há cinco anos, a concessão gratuita de terras muito bastante, pa atrair colonos; neste momento, onde o Chile oferece o mesmo favor e milhares de emigrados usurpam sem importunação alguma na Califóranárquica quantas terras lhes agradem nia



favor não é suficiente, pa atrair as famílias escolhidas, que a nova colônia precisa absoluta e indispensavelmente pa bom princípio e fundamento durável. Estou pois convencido, que, para alcançar o fim desejado, se deve oferecer às primeiras vinte famílias, fora de uma concessão de terras, maior daquelas ultimamente oferecidas pelo Governo Chileno, um adiantamento da passagem e dos mantimentos necessários pa o primeiro ano, abrigo gratuito depois da chegada na Colônia, as mais necessárias preparações, constando de derrubadas, de construção de casinhas nas respectivas partes e de fornecimento de gado miúdo, pa os colonos poderem começar logo depois da chegada com a efetiva cultura, e enfim o emprego e a paga de um professor de primeiras letras por cinco anos pelo menos, pa os meninos não esquecerem aquilo, que já aprenderam na Alemanha. - Deverem (sic) os colonos restituir em prazos razoáveis, os quais todavia não podem principiar antes de acabarem os primeiros dois anos depois do estabelecimento efetivo, as quantias adiantadas na passagem até a colônia e nos mantimentos, - não há nenhuma dúvida; menos bem pode-se porém decidir a questão, se não está mais favorável aos interesses do Brasil, de entregar aos primeiros colonos as terras com as preparações acima indicadas plenamente como presente, havendo tal generosidade de fazer a mais proveitosa impressão na Alemanha. – Bem arranjadas uma vez e efetivamente satisfeitas estas primeiras vinte famílias, a nova colônia pode-se considerar por bem e duravelmente fundada, e pa obter tal sucesso não se deve poupar em casos urgentes e imprevistos de desgraça nenhum sacrifício possível, é pois inteiramente razoável, de não engajar pa o princípio senão um número limitado, o qual em qualquer caso se pode bem inspecionar, reger e socorrer.

Contratos com os colonos.

Nos contratos, a fazer entre os emigrados e os meus agentes na Alemanha aqueles devem garantir o reembolso das quantias adiantadas com fortuna e pessoa e as suas terras ficam hipotecadas pela dívida até ao inteiro reembolso final. Todavia este reembolso não pode principiar antes de passarem dois anos depois do efetivo estabelecimento do respect. colono, ganhando este no primeiro ainda não o bastante p^a seu sustento e no segundo somente o necessário, p^a se poder munir sofrivelmente com gado e outros objetos necessários a sua la-



voura, e não pode acabar sem sensível prejuízo dos colonos antes de findar o quinto ano, depois do estabelecimento, não havendo sempre nenhuma dúvida, que se hão de achar muitas famílias, que mesmo neste prazo ainda não reembolsarão as quantias devidas por circunstâncias e talvez desgraças particulares. Em geral pode-se porém contar com o reembolso depois de findar o quinto ano ou quatro anos e meio depois do efetivo estabelecimento do resp. colono. - Devem os colonos mais sujeitar-se ao regulamento interno da colônia, a estabelecer, conformando-se as leis do Império, sobre bases razoáveis, liberais e proporcionados aos costumes dos colonos, e proibindo expressamente e pa todo o tempo futuro o emprego e a posse de escravos nas terras da colônia, e obrigar-se, passado dois anos depois do seu estabelecimento efetivo, ao pagamento de uma contribuição anual e perpétua aos cofres da comuna, cujo rendimento há de ser administrado por uma comissão eletiva por entre os membros reconhecidos e proprietários de fogos da mesma sem intervenção do Governo, e aplicado nos primeiros tempos às igrejas, escolas e pa sustento dos seus ministros, e no futuro as obras e arranjamentos de pública utilidade pa a comuna. Insistindo nas determinações e obrigações enumeradas, todavia se deve evitar qualquer obrigação coercitiva pa os colonos, v. gr. prestação de trabalho pa o empreendedor ou tributo de produtos naturais ao mesmo, pondo os emigrados o mais alto peso e valor na sua independência e estigmatizando a imprensa tais contratos logo como escravidão, sobretudo quando se celebrarem com emigrados destinados como colonos ao Brasil; o melhor expediente, de ficar seguro do reembolso das quantias adiantadas é sempre a hipoteca das terras, apreciando os colonos em geral a propriedade das mesmas mais que qualquer outro objeto.

Projeto e chegada dos colonos no Brasil. Quanto ao trajeto dos colonos não há nada de lembrar; em respeito porém à chegada dos colonos nesta província deve-se lembrar e observar, que, caso o Governo Imperial querer conceder à pretendida colônia as vantagens (p. 5) relativas ao trajeto e desembarco direto e outorgadas ultimamente por lei à companhia da Colônia da Princesa a Snra. D. Francisca, este favor serviria àquela nova colônia pretendida do maior fomento, trazendo o desembarque dos colonos no porto de Desterro consigo muitos e graves inconvenientes. – Gastam os



colonos um tempo e dinheiro preciosos, que lhes podiam servir de grande proveito no seu estabelecimento, com a demora na cidade e na viagem com os navios costeiros, prolongandose a demora por diversos motivos, vento menos favorável, alfândega etc. etc. não raras vezes até quinze dias e mais e o trajeto ao rio Itajaí mesmo, o qual se pode fazer com bom vento em 12 até 15 horas e ainda em menos tempo, até quatro e cinco dias, pois os patrões dos costeiros por inércia ou demasiada timidez e providência tem o costume, de não saírem fora da barra e ficarem no mar senão em pleno dia e com o vento mais favorável possível, e devendo os colonos durante a mesma demora e viagem pagar sempre caro a sua comida tanto no navio como também e ainda mais na cidade. Fora desta perda de tempo e dinheiro porém tem ainda outro e mui grave incômodo, cuja não-observância desmoraliza (sic) de antemão parte dos colonos e traz sempre o primeiro gérmen de descontentamento, da difusão e renitência e muitas vezes aquele da dissolução ao seio dos colonos e da inteira colônia, - e consta este grave inconveniente, a cuja perniciosa influência os colonos, quanto mais possível, devem ser subtraídos, das maliciosas insinuações e sugestões, desgraçadamente muito bem calculadas sobre a imperícia e credulidade dos recém-chegados, da parte de vagabundos e trapaceiros e pa vergonha sua também não raras vezes de chamados homens honrados, os quais todos, encostando-se aos colonos, querem colher onde não semearam, invejando e hostilizando por qualquer modo o empreendedor ou dirigente e dificultando cada passo do mesmo.

Engajamento de colonos. Segundo ano A mesma escrupulosidade na escolha dos colonos como no primeiro ano deve ser observada no segundo; o número das famílias porém pode ser maior e o valor dos favores, a conceder; menor, exercendo o estabelecimento dos primeiros colonos, já por si só alguma força atrativa sobre novos emigrados. Não precisa mais o adiantamento de toda a importância da passagem, mas só de uma ajuda, pª igualar o preço da passagem pª o Brasil àquele da mesma pª os Estados Unidos; os derubados podem ser menores à metade, os mantimentos adiantados somente por seis meses, ficando todavia a construção de casas invariada. — A parte dos colonos, que não está possuindo bastantes fundos pª o seu sustento por maior tempo, do que aqueles seis meses, deve emprestá-las ou comprá-las



O mesmo. Terceiro ano e mais futuro. dos vizinhos ou ir trabalhar em jornal, pa o qual último nunca falta oportunidade.

No terceiro ano já não precisa tanto cuidado na escolha dos colonos podendo-se admitir ao mesmo tempo maior número de emigrados voluntários, mesmo, quando forem pobres e sem meios de sustento, devendo estes então procurar trabalho em jornal. Adianta-se todavia aos colonos engajados a ajuda supra mencionada na passagem, os mantimentos porém somente pa os primeiros três meses, devendo os indigentes trabalhar como jornaleiros e auxiliar os vizinhos e os habitantes do país nas suas empresas, pa ganharem a subsistência; os derubados ficam ainda os mesmos, porém a construção das casas não tem lugar, ficando esta a cargo dos colonos mesmos, os quais devem morar no tempo preciso pa edificação das suas casas, nas moradas vizinhas ou no rancho comum. - Acabado o terceiro ano e prosperando, como se pode esperar, a colônia, pode-se admitir quaisquer colonos que se apresentarem aos meus agentes na Alemanha com os seus documentos, de serem gente honesta e quererem estabelecer na colônia as suas sós despesas, acabam desde então os favores extraordinários, ficando conforme as conjunturas persistindo unicamente aquele da concessão gratuita de terras pelo tempo conveniente, e pode-se então esperar, que a imigração espontânea tenha ganhado fundamento e incremento durável. A atividade dos agentes na Alemanha pode desde então em diante restringir-se ao espalhamento de anúncios, cartas, prospectos, artigos de jornais etc. etc. e ao transporte dos emigrados pa o Brasil pela maneira menos dispendiosa possível, devendo aqueles agentes todavia conservar grande diligência no seu ofício, pa não estarem superados por outros muitos concorrentes. (p. 6)

Trabalhos no Brasil. Primeiro ano. No Brasil hei de principiar pela medição e demarcação da circunferência dos dois distritos de colônia ou das oito léguas quadradas, concedidas em conformidade das leis da província pelo Ex^{mo} Presidente atual da mesma devendo este ato, conforme as mesmas leis ter lugar dentro de dois anos depois da concessão e podendo levar seis meses de tempo ou ainda mais; segue-se logo a medição e demarcação de uma porção de sortes singelas, começando nas minhas terras par-



Distribuição das terras

Terras reservadas p^a as comunas

ticulares, por serem estes mais certos à navegação do rio e bastante pa maior número de colonos, do que se pretende mandar engajar ao primeiro ano, pa ficarem prontas pa a entrega aos colonos afazendados, que acaso chegarem às suas próprias custas. As disposições da lei provincial, que regulam aquelas sortes, são por parte menos vantajosos ao pretendido fim, e por isso hei de solicitar da próxima Assembléia Legislativa Provincial a sua reforma; tendo as sortes hoje uma demasiada superfície, que mesmo uma numerosa família não pode cultivar dentro de trinta e mais anos, segue-se daí, que os colonos moram muito dispersos e por isso muitos expostos aos assaltos dos Índios Bugres, que o ensino da mocidade nas escolas e a conservação dos caminhos, pontes etc. etc., dos quais todos dependem tanto pa a prosperidade moral e material dos colonos, são muito dificultados e enfim, que os colonos, em vez de introduzirem no país uma cultura regular e assemelhada àquela dos Estados Unidos e da Europa, logo adotam a agricultura cômoda e devastadora de terras da maior parte dos brasileiros. Sendo porém as sortes de menor e de tal superfície, que bastam somente mas com suficiência pa o sustento de uma única família ou geração, hão de estar necessariamente melhor cultivadas e a seguinte geração, pela maior parte não achando mais sustento na gleba paternal, não pode se apegar à mesma, há de espalhar-se sobre todo o país, trazer em toda a parte sua indústria, comprar terras ao Governo e formar aquela classe útil de pioneers, que nos Estados Unidos tanto está contribuindo pa o derramamento da colonização e cultura; em terras bem situadas e férteis a superfície de 50000 braças quadradas /: quase 100 jeiras da braça :/ basta perfeitamente pa uma família e a superfície de 100000 braças quadradas em todos os casos ordinários.

Hei ainda de reservar em cada uma légua quadrada, cuja superfície sempre forma uma comuna, terrenos suficientes pa futuro sustento da igreja, das escolas e dos ministros de ambas, ficando estes terrenos pa todo o tempo da propriedade incontestável da respectiva comuna e o seu rendimento destinado aos fins indicados, competindo a uma comissão eletiva dos membros efetivos da comuna repartir convenientemente este rendimento e tendo o Governo a superintendência sobre estes negócios. Parece-me este expediente um dos melhores, pa

aliviar os cofres do estado num futuro pouco remoto da maior parte das despesas com igrejas e escolas e criar em cada comuna desde o momento do seu estabelecimento um núcleo permanentes e de espírito conservador, tendo estes e suas famílias um interesse perpétuo e importante na boa administração deste ramo do seu serviço público e opondo-se por isso às mudáveis cobiças dos elementos vagabundos e turbulentos, que não faltam em nenhuma parte.

Abrigo p^a os colonos

Ao mesmo tempo, que progredirem as medições, deve se cuidar da edificação de um grande rancho pa o primeiro abrigo dos colonos depois da chegada na colônia; pa poupar maiores despesas no futuro e já no segundo ou terceiro ano, deve logo ser feito bastante grande, pa poder servir por mais tempo e abrigar maior número de famílias, do que se espera no princípio. Pretendo estabelecer o mesmo na embocadura do grande ribeirão da Garcia, navegável por canoas, no Rio Itajahy grande, principiando então as sortes dos colonos em distância de 500 braças do mesmo. — Caso o Governo Imperial conceder permissão, pa poderem colonos ser desembarcados logo na barra do Rio Itajahy, precisa na mesma de um rancho igual ao sobredito e da compra de um terreno apto para este mister.

Derubados e casas p^a os colonos.

Igualmente se deve cuidar dos derubados nas sortes dos primeiros colonos e, logo depois da queima dos derubados, da construção da casa em cada uma sorte, estando já de antemão preparadas as madeiras, portas, assoalho e esteiras (p. 7) de palha pa os betos (sic) etc. etc., para logo depois da chegada os colonos poderem tomar posse das mesmas e principiarem com os trabalhos da efetiva agricultura. De mesmo o armazém da colônia deve ser munido dos mantimentos e outros objetos necessários; como munição de caça, algumas ferramentas e miudezas etc. etc. e precisa-se de um homem hábil, pa instruir os colonos na prática dos trabalhos do lavrador brasileiro; principia pa os mesmos agora o árduo e crítico ano, chamado "de pena" pelos emigrados, durante o qual, lembrandose porém e sempre, que não há cousa mais perniciosa em tais empresas, de querer unicamente dirigir, governar e ordenar, nunca os deve deixar a vigilante e cuidadosa vista do dirigente, pa estar sempre pronto com consolação, animação, bons conselhos e socorro efetivo pa com os bons e com rigor e severidade contra os maus, encaminhando todos a sua vantagem.



Preparações do segundo e terceiro ano e do mais futuro.

Ao fim deste ano "de pena" pa os colonos e igualmente e talvez ainda mais pa o dirigente, o qual não há de cuidar somente do grande, mas cuja vigilância se deve estender até aos bichos nos pés dos colonos e às cartas, que cada um tem de escrever aos seus amigos e parentes na Alemanha, seguem-se as preparações pa o arranjamento do segundo transporte dos colonos a esperar daquele país. Deve-se fazer picadas, caminhos e pontes, e arranjar derubados e casas como no primeiro ano pa o número de 35 famílias; as sortes, quanto mais possível o permitirem as circunstâncias locais do terreno, fazem frente ao caminho geral, pa este ficar melhor conservado, devendo todos os colonos sem exceção alguma contribuir pa este fim.

Da mesma maneira continua-se no ano terceiro, podendo os colonos menos abastados logo achar trabalho nas preparações pa o terceiro transporte de 45 famílias, pa as quais se prepara somente derubados; - De então em diante as preparações pa novos colonos hão de restringir-se á medição das sortes e ao estabelecimento de picadas, caminhos e pontes, propondo-se todavia na Alemanha aos emigrados abastados preparações nas suas futuras terras, cujas importâncias tem de depor ao pagar antecipadamente em Hamburgo; o maior cuidado do dirigente deve então ser, de procurar trabalho aos recém-chegados colonos menos abastados ou afazendados logo depois do desembarque seja na colônia ou em outras partes, pa não perderem inutilmente tempo e dinheiro. - Prosperando a colônia, precisa logo e indispensavelmente de um caminho até aos campos da acima da Serra, pa haver pa consumo e lavoura gado a menor preço, do que o atual, sendo este sempre um terço até metade e ainda mais alto, que na maior outra parte da provincia, e retardando por isso consideravelmente o progresso material dos presentes habitantes do rio Itajaí. - Sendo tal caminho da maior utilidade pública pa todo o distrito adjacente, e obra, pa cuja execução as forças dos colonos sós, não hão de chegar, pode-se esperar, que o Governo Imperial ou Provincial haja de concorrer pa as despesas da mesma.

Cálculo das despesas

A justa conta indica as despesas mais necessárias de uma empresa de colônia, como daquela, de cujo estabelecimento



Reembolso das quantias adiantadas aos colonos da parte dos mesmos.

Restituição da importância adiantada ao empreendedor pelo Governo

Imp.al

sobre a atração de colonos espontâneos. Pode-se, é verdade, começar com muito menor quantia, mas não podendo o empreendedor contar com toda a certeza sobre as outras quantias precisas, também não pode responder por sua obra, a qual, quando as outras quantias precisas não estarem pontualmente pagadas ao empreendedor no tempo convencionado, ficara estagnante e ainda exposta ao atraso.

O reembolso das quantias adiantadas da parte dos emigrados não poderá principiar antes de acabarem dois anos depois do estabelecimento do respect. colono e apenas se pode contar com o inteiro reembolso ao fim do quinto ano, distribuindo-se mais ou menos com uma sexta parte pa o primeiro ano do reembolso, com duas sestas pa o segundo e com três sestas pa o último ano, não havendo todavia dúvida, que muitas famílias se hão de achar, com os quais o empreendedor (p. 8) deve haver paciência e compaixão por ainda mais tempo. Supondo-se como termo médio o prazo de cinco anos, é claro, que o empreendedor destes primeiros três anos sempre tem de despender, que desde então pode principiar de contar com as cobranças do dinheiro adiantado, crescendo as mesmas pouco a pouco até o sexto ano e diminuindo-se outra vez no sétimo em cujo fim ou no princípio do oito ano desde a fundação da colônia todas as quantias em ternos (sic) médio e tempos ordinários podem ser restituídos. O colono que, passados sete anos depois de seu respect. estabelecimento, ficar ainda devendo ao empreendedor, há de ser homem preguiçoso e devasso ou terá tido muita desgraça na sua família e lavoura; no primeiro caso deve ser tratado com rigor e pagar os juros em costume no país, enquanto no segundo o empreendedor não poderá negar indulgência e espera pa o definitivo reembolso. -

A restituição das quantias adiantadas ao empreendedor pelo Governo Imperial da parte daquele há de conformarse aos prazos fixados p^a o reembolso da parte dos colonos e devia ser efetuada desde o fim do quarto ano em rotas e prazos proporcionados, descontando-se então das mesmas quantias adiantadas a indenização, que o Governo Imperial concede aos proprietários de terras pelo estabelecimento de certo número de colonos. Não podendo, como eu já disse acima, prosperar qualquer empresa de colônia, quando for considerada e



prosseguida como meio de lucro ou de especulação pecuniária, e não tirando o empreendedor da mesma vantagens senão mui indiretas, nas quais sempre participam muitas outras pessoas, e em tempos bastante longínquos, parece inteiramente justo e razoável que lhe seja garantida uma recompensa proporcionada a tantos trabalhos, fadados e riscos e a tão pesada responsabilidade, com as quais ele se carrega, cuja certeza havia de animar, se era possível, ainda mais no zelo, de introduzir bons colonos no país. Ouso neste caso ao bem conhecido sentido de justiça e equidade do Governo Imperial o pedido e apelo, que me seja concedida aquela indenização por cinco ou seis anos e não só pelos colonos, que se estabelecerem nas terras da minha pretendida colônia, mas ainda por todos, que vierem fixar-se nas margens dos rios Itajaí Grande e Mirim, ou seja, comprando - eles terras ás suas custas ou arranjando-se com outros empreendedores de colônias, com a única exceção, quando estes forem brasileiros natos e possuírem já neste momento terras nas bandas dos mesmo rios, no caso qual estabeleceriam com as indenizações pelas famílias, que estabelecerem nas ditas suas terras em lhes dando terras gratuitamente como eu hei de fazer. - Havendo talvez maior número de colonos afazendados, que preferirem comprar terras em melhor situação do que recebê-las gratuitamente mas menos bem situadas, servindo tais colonos de maior proveito ao país, do que os indigentes, por cujo motivo não hei de poupar esforços nem trabalho, pa atraí-los, e enfim, não havendo dúvida alguma, que de todas as partes hão de chegar especuladores pa gozarem dos frutos das minhas penas, logo que a colônia prometer prosperidade e incremento, ouso de esperar, que o Governo Imperial não julgará imodesto e cobiçoso aquele pedido, pois, quando d'ora em diante a imigração alemã nesta província e principalmente nas margens dos rios Itajaí tomar algum incremento vantajoso, isso unicamente se deve atribuir - posso o pronunciar sem vaidade nem mentira - a mim e ao esmero, - provesse a Deus, que lhe não devo chamar um dia imprudente e pernicioso a minha felicidade, - com o qual me dedicava por longos cinco anos aos negócios da colonização brasileira - alemã, afrontando em dois hemisférios e com perseverança inalterada, cada qualidade de fadigas, trabalhos e dolorosos desenganos nas mais caras esperanças, abandonando uma posição de vida decente e agradável e todo que me foi caro na



minha antiga pátria, e sacrificando enfim grande parte da minha fortuna tanto diretamente em viagens custosas e operações dispendiosas, como indiretamente, não podendo eu à causa daqueles negócios de colonização cuidar dos meus particulares com toda a necessária atenção e devendo deixá-las, durante a minha volta à Alemanha e desta de novo pa o Brasil, nas mãos de um sócio, que, enganando indignamente a minha confiança, dilapidou por grande parte os bens engajados no estabelecimento, que então foi comum a mim e a ele, neste momento porém pertence somente a mim.



Orçamento

Despesas de uma colônia agrícola apresentado pelo número de cem famílias, pa estabelecer dentro do prazo de três anos na banda meridional do rio Itajaí Grde.

	Primeiro ano.	Milreis
1.	Medição e demarcação de quatro léguas de frte com duas de fundo /: 12 léguas em linha direita :/	1:200\$000
2.	Medição de cem sortes /: de 100 braças de frente com 500 de f ^{dos} :/ nos lados e fundos. Cada uma sorte a 11\$900	1:190\$000
3.	Passagem de vinte famílias, contada cada família por 5 passageiros inteiros /: pai, mãe, 2 filhos maiores de oito, e dois menores de oito anos:/ cada um passageiro em razão de 52 Thaler da Braça = 5.200 Thlr ao câmbio médio de Rs 1\$280 pr. Thaler	6:656\$000
4.	Desembarque, transporte da bagagem à alfândega, embarque de novo e despesas miúdas a Rs 2\$000 rs. família	40\$000
5.	Passagem da cidade de Desterro até as terras da colônia inclusa. Comida; 5\$000 pr. cada passageiro; despesas de comida etc. na cidade 2\$000 por cada dito, em todo Rs 95\$000 ps. Cada fama.	700\$000
6.	Rancho p ^a 40 fam ^a , do comprimento de 400 palmos com largura de 40, dividido em 40 quartos com outras tantas portas; as paredes de ripas de jiçara, coberta de 12 Co (sic) esteiras de palha de Uricana ao preço médio de 150 rs pr. Esteira, devendo se contar o outro trabalho ao menos, a Rs18\$000 por cada um quarto e todo junto e acabado com portas etc. ao menos por Rs 1:000 a	1:050\$000
7.	Vinte derubados, cada um de 50 braças em quadro a Rs 17\$000 de preço médio	350\$000
8.	Vinte casas, de 25 palmos em □, cobertas de palha, com asso- alho elevado acima do chão da terra dois palmos, com duas portas e duas aberturas p ^a janelas, cada uma ao menos Rs 45\$000	900\$000
9.	Mantimentos por um ano; cada uma família em razão de Rs 206\$320	4:126\$400



10.	Três galinhas e um galo – 1\$280 rs, e 2 leitões a Rs 2\$000 = 4\$; por cada uma fa Rs 5\$280	105\$600
11.	Quatro canoas grandes a Rs 36\$000; seis ditas pequenas a 20\$000	264\$000
12.	Despesas com armas e munição /:20 espingardas a Rs 6\$000:/	150\$000
13.	Ditas com medicamentos pa três anos	150\$000
14.	Despesas com caminhos e pontes ao menos	500\$000
15.	Casa para escola com bancos pa os discípulos	300\$000
16.	Ordenado de um professor de primeiras letras por cinco anos /: Rs 300\$000 pr. nano :/	1:500\$000
17.	Despesas eventuais	318\$000
	Segundo ano.	
18.	Segundo ano. Ainda a passagem de 35 famílias, p ^a igualar o preço da passagem p ^a o Brasil àquele p ^a os Estados Unidos (38 Thaler por	19:500\$000
18.	Segundo ano. Ainda a passagem de 35 famílias, p ^a igualar o preço da passagem p ^a o Brasil àquele p ^a os Estados Unidos (38 Thaler por passageiro a New York) em razão de 70 Thaler por família Desembarque, transporte a alfândega, embarque de novo e	3:136\$000
	Segundo ano. Ainda a passagem de 35 famílias, p ^a igualar o preço da passagem p ^a o Brasil àquele p ^a os Estados Unidos (38 Thaler por passageiro a New York) em razão de 70 Thaler por família	3:136\$000 70\$000
19.	Segundo ano. Ainda a passagem de 35 famílias, pª igualar o preço da passagem pª o Brasil àquele pª os Estados Unidos (38 Thaler por passageiro a New York) em razão de 70 Thaler por família Desembarque, transporte a alfândega, embarque de novo e despesas miúdas Despesas de comida etc. na cidade e na viagem até a colônia e	
19.	Segundo ano. Ainda a passagem de 35 famílias, pa igualar o preço da passagem pa o Brasil àquele pa os Estados Unidos (38 Thaler por passageiro a New York) em razão de 70 Thaler por família Desembarque, transporte a alfândega, embarque de novo e despesas miúdas Despesas de comida etc. na cidade e na viagem até a colônia e passagem a mesma Trinta e cinco derubados de 25 braças de frente com 50 de	3:136\$000 70\$000 1:225\$000



24.	Ajuda a passagem de 45 famílias, a 70 Thaler por família	4:032\$000
25.	Desembarque, transporte p ^a a alfândega, embarque de novo e despesas miúdas	90\$000
26.	Despesas de comida etc. etc. até chegarem os emigrados na colônia como acima	1:575\$000
27.	Quarenta e cinco derubados como no segundo ano.	427\$500
28.	Mantimentos por três meses a Rs 57\$280 pr cada uma família	2:321\$000
29.	Despesa eventual com as ajudas na passagem, em caso quando o preço da mesma se abaixar até 33 Thaler pa New York.	2:560\$000
	Rs	11:005\$600

Observações

Ad. 1°. - As despesas da medição e demarcação não se podem calcular com inteira certeza, dependendo as mesmas por parte do tempo, das circunstâncias locais do terreno etc. etc.; a importância acima indicada em todo o caso há de ser a menor, a qual o empreendedor se deve dispor. Medindo-se por dia em meio termo 800 braças, precisa-se 120 dias de trabalho; precisa-se ao menos o pessoal seguinte, ao qual se deve pagar os jornais anexos: o demarcado a 2\$400 o ajudante, da corda a 1\$000, um homem com machado 1\$000, dois ditos com foices a 1\$000, um cozinheiro a 800 réis e ao menos dois portadores de mantimentos /: cujo valor ou preço ao menos se deve contar em 800 reis por dia:/ a 1\$000. A despesa diária é pois Rs 10\$000, quando o demarcado efetivamente está medindo, devendo-se em tempo de chuva sempre pagar os mantimentos e os jornais dos portadores dos mesmos. – O Snr. Herr Schutel, Cônsul sardo nesta cidade e empreendedor de uma colônia julga as despesas muito maiores e talvez elevadas sobre o dobro; o Snr. Rol. Trompowsky, vice-cônsul russo na mesma, o qual mandou medir e de-



marcar, há um ano uma légua em quadro, orça a importância de [rasgado] despesas com aquela medição e demarcação em mais de Rs 600\$000.

- Ad. 2°. Tendo cada sorte cem braças de frente com quinhentas de fundo e contando três dias e meio pela medição das 1200 braças, os jornais do demarcador e dos ajudantes importam a quantia indicada, devendo o respect. colono fazer de antemão as picadas necessárias, das comidas e ajudas com toda a família na medição, pª esta prosseguir mais depressa.
- Ad. 3°. O câmbio se refere àquele de Hamburgo, contando se dois Marcos banco = 1 Thaler e 1 Marco banco = 640 rs, que foi o câmbio médio e se iguala ao câmbio de Londres, quando este = 28 28 ½ d. O preço da passagem é aquele da casa de Chr. Mathias Schroeder e Cia. em Hamburgo nos últimos anos pa o porto de Santos, e os meus colonos ultimamente chegados o pagarão também pa o porto de Santa Catarina; a passagem pa o Rio Grande do Sul paga-se ordinariamente com 56 Thlr.
- Ad 4°. e 5°. Os gastos dos colonos até chegarem do porto da cidade de Desterro à colônia são contados com a maior parcimônia e podem se realizar conforme o tempo, vento etc. às vezes um quarto até terço mais altos. Caso os colonos puderem ser desembarcados logo na barra do rio Itajaí, a muita maior parte destes consideráveis gastos se podia economizar; sendo então os colonos transportados em canoas até ao terreno da colônia.
- Ad 6°. Podendo-se esperar, que a imigração tome algum incremento espontâneo pelas vantagens oferecidas aos primeiros colonos, um grande rancho é de necessidade indispensável, pa acomodar logo depois da chegada na colônia e por algum tempo maior número de colonos, pa eles não caírem nas mãos de cobiçosos taberneiros. As custas acima são as mais baratas, e é duvidoso, se chegarem pa construir o rancho tão comprido como acima se indica. Para poder servir por mais tempo, precisa escolher boas madeiras da terra e jiçaras perfeitamente maduras, as quais, principalmente as últimas, se deve puxar de distância bastante grande, sendo tirado de ambas as bandas do rio perto do mesmo; o teto de palha de uricana, quando muito bem feito dura ali três até quatro anos, não havendo coqueiros, pa cobrir com as folhas dos mesmos ainda o teto e servindo em seu lugar as folhas de jiçara, que atraem bichos, poderem em breve e arruínam o teto, das quais todavia não se pode dispensar. Se a imigração tomar maior incremento, precisa-se, passados três anos, consertar bem e talvez ainda engrandecer o rancho e cobri-lo de telhas, das quais, sendo feito plenos, como é costume na Alemanha, pesando e custando menos que aqueles, que hoje se fabrica no Brasil, é preciso o número de ao menos [rasgado] um rancho de 500 palmos de comprimento com 40 de largura, cujo importe, contando por cada milheiro com o mínimo preço da própria fabricação por Rs 20\$000, seria Rs 720\$000, e com o outro trabalho o teto destas telhas não se podia fazer por menos de Rs 850 - 900\$000. - Cobrindo-se o teto com as telhas em costume no país, precisa-se ao menos 28500, o teto seria menos bem



fechado e durável, mais pesado e as telhas custariam Rs 778\$000, não podendo se fabricar o milheiro das mesmas por menos de Rs 28\$000.

Caso os colonos puderem ser desembarcados na barra do rio Itajaí, precisaria no porto outro rancho semelhante pa abrigo dos colonos; devendo o tal rancho, por falta de mato virgem e por isso de folhas de uricana nas vizinhanças, logo ser coberto de telhas, e as ripas maduras serem muito mais caro pagadas, as despesas com o mesmo devem ser orçados ao menos em Rs 1:750\$000 até 1:900\$000.

- Ad. 7°. Conforme este cálculo os derubados de cem braças em quadro se regulam por Rs 68\$000, preço médio que ali é muito mais alto do que na prov^{cia} do Rio de Janeiro. Ha um ano ainda se devia pagar Rs 20\$000 por derubado de 50 braças em quadro; nestas últimas semanas ajustes um derubado de 100 braças em quadro por Rs 50\$000, não havendo preço ou valor nenhum produto da lavoura, nem ganho e trabalho pª o povo e sendo baratos os jornais. Devendo-se fora disso por superfície menor pagar proporcionalmente mais, que por superfície maior e indivisa, o preço acima indicado não é pois exagerado, mas ainda medíocre, pois, sabendo os trabalhadores, cujo número neste rio ainda esta bastante limitado e causa grandes incômodos, que quase indispensavelmente se precisa do seu trabalho, requerem logo jornais muito altos ou vão se embora, como já aconteceu mais vezes ao abaixo assinado.
- Ad. 8°. Pa o assoalho são precisas 20 tabuadas de assoalho com 25 palmos de comprimento e dez polegadas de largura, ao preço médio de 6\$000 por dúzia = 10\$000. As portas e janelas levam oito tabuadas a vinte palmos ao preço médio de 4\$000 pr. dúzia = Rs 2\$600 e por dois dias de trabalho ao marceneiro /: a 1\$600/3\$200; contado 15\$800 por tabuadas e trabalho com assoalho, janelas e portas. Ficam pois pa a casa mesma, barreada e coberta de palha, somente Rs 30\$000, por cuja importância apenas se pode estabelecer agora, devendo-se contar com segurança, que em tempos de maiores ganhos e negócios, do que o presente desvantajoso, tal casa não custará menos de Rs 48\$000 até 52\$000.



mandar mantimentos da cidade, pois os mestres dos navios costeiros não respondem pelas cargas e muitas vezes na viagem se rouba da farinha e da carne a decima parte, como já aconteceu ao abaixo assinado.

- Ad. 10°. Como despertador um galo é indispensável a cada família; dos leitões, que devem haver 3 meses de idade, um; quando adulto é p^a consumo e o outro (fêmea) p^a criação, servindo um só porco macho de boa raça p^a todas porcas destes 20 famílias.
- Ad. 11°. Caso os colonos trouxerem armas consigo, pode se poupar parte desta partida.
- Ad. 12°. Este número de canoas é indispensável pa as primeiras vinte famílias e bastará pa alguns anos, de então em diante os colonos mesmos se devem arranjar as canoas, que lhes forem precisas ao seu uso.
- Ad. 13°. Medicamentos, pa poder curar as pequenas moléstias da aclimatação e casos urgentes são indispensáveis, como vi nos colonos ultimamente chegados, os quais quase todos sofrerão mais ou menos de sarnas, úlceras nas pernas e outras moléstias da pele, de congestões etc. etc. O gasto de medicina por ano pode-se calcular ao menos em Rs 1\$500 pr. cada uma família, dos quais emplastros, ungüentos e remédios contra lombrigas levam a maior parte.
- Ad. 14°. A quantia indicada não chega senão p^a os trabalhos mais necessários nos morros e p^a algumas pontes no princípio da colonização; no futuro os colonos mesmos devem estabelecer os seus caminhos e conservá-los em bom estado; como igualmente as pequenas pontes, precisando-se sempre uma ajuda p^a pontes grandes e principalmente p^a uma estrada aos campos de acima da serra, p^a o transporte de gado vacum, cujo preço n'este rio agora está na maior desproporção a outras partes da província.
- Ad. 15°. Devendo a casa ser feita, que possa servir ao menos por dez anos e abrigar maior número de alunos, do que no princípio, a quantia assinada apenas há de chegar.
- Ad. 16°. Este ordenado é mínimo, que se pode oferecer ao um bom mestre de escola; deve o mesmo nos domingos ler ou recitar um sermão e fazer o ofício divino, enquanto este não for da exclusiva competência de um sacerdote; em todos os dias da semana deve dar ao menos quatro lições por dia, a qual obrigação como outros acessórios devem ser estipuladas em contrato especial. Fora do ordenado indicado há de ficar com uma sorte de terras, que pode cultivar, mas a qual pertence à propriedade da comuna e de que tem somente o usufruto temporário.
- Ad. 18°. A passagem p^a os Estados Unidos e Canada regulava nos últimos anos de 40 até 32 Thaler; o preço adotado de 38 Thaler é pois contado muito alto e por isso a ajuda muito barata, elevando-se esta /: com a passagem de 33 Thaler:/ a 19 Thaler por pessoa e a 95 Thaler = Rs 121\$000 por família. A passagem por vapor à New York custa hoje 50 Thaler e pois ainda não chega até ao preço da passagem de vela p^a o Brasil! –

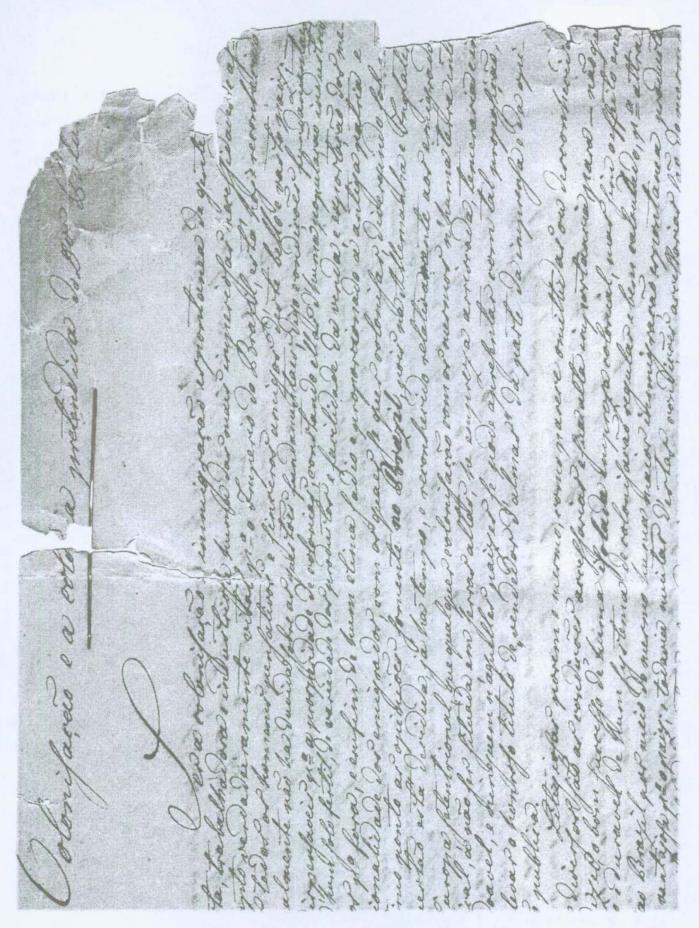


Ad. 21°. – Estes derubados tem somente a metade da superfície daqueles destinados p^a os primeiros colonos, os quais devem gozar de maiores obséquios do que os seguintes; fazendo uma pequena superfície proporcionalmente mais trabalho, que o derubado de uma maior, o preço é pouco mais elevado.

Observação final — Examinando atentivamente as calculações acima, qualquer julgador imparcial há de consentir, que as respect. quantias estão calculadas com a maior parcimônia, que, chegando elas apenas pa fundar duravelmente a obra, precisa ainda de um pequeno fundo de reserva, da maior circunspeção da parte do empreendedor e do seu mais devoto e perseverante desvelo e enfim, que, solicitando o abaixo assinado os socorros do Governo Imperial, todavia ele não o importunava como phantasta (sic) imprático ou cobiçoso especulador. —

Cidade de Desterro, em meados de Dezembro de 1850.

Dr. Hermann Blumenau.



Capa do Documento escrito pelo Dr. Hermann Blumenau Em dezembro de 1850 para o Presidente da Província de Santa Catarina

Blumenau 150 anos de Fundação

História de Blumenau

TEXTO:

JOSÉ FERREIRA DA SILVA*



História de Blumenau

A partida de Hermann Bruno Otto Blumenau da Alemanha, comissionado no posto de representante, no sul do Brasil, da "Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães", de Hamburgo para o nosso País, no veleiro "Johannes", em 1846, bem como os acontecimentos que se foram sucedendo até a resolução definitiva de colonizar, por conta própria, as terras do Itajaí-Açu, não pertencem, propriamente, à história do município, cujo centenário de fundação estamos comemorando.

Mas, de tal forma estão ligados à vida do fundador os fatos que antecederam à chegada dos 17 primeiros imigrantes e os primeiros dez anos da vida do estabelecimento, que não se pode falar de um sem relembrar dos outros.

Por isso mesmo seja-nos lícito dizer alguma coisa da vida de Hermann Blumenau nos anos que precederam, imediatamente, ao da fundação de sua colônia.

Na época em que Hermann Blumenau, matriculado na Universidade de Erlangen, Alemanha, começou a se interessar pelos assuntos de emigração e colonização, tinha-se fundado, em Hamburgo, a "Sociedade de Proteção aos Emigrantes Alemães".

Munido de procuração dessa sociedade, estimulado pelo apoio e propaganda que, do País, lhe fizera o nosso cônsul geral na Prússia, J. Sturz, e levando cartas de recomendação de von Martius e Humboldt, a amigos e conhecidos, Hermann Blumenau, já laureado em Filosofia, partiu em abril de 1846 para o Brasil.

Foi ao Rio Grande do Sul e examinou a situação das colônias alemãs; esteve por oito meses consecutivos na Capital do Império, onde, além de tratar de assuntos que diziam respeito à legislação da sociedade por conta da qual viajava, informou-se de tudo quanto

^{*)} Historiador e idealizador da Revista "Blumenau em Cadernos."



se relacionasse com os problemas de imigração e colonização.

Em 1847, já dominando perfeitamente a língua do país, deixou o Rio de Janeiro com destino a Desterro, capital da província catarinense.

Visitou São Pedro de Alcântara, colônia fundada em 1829 nas imediações daquela capital, e, dali, viajou, um pouco a pé, outro pouco a cavalo e de carro, para a freguesia do Santíssimo Sacramento, à embocadura do Itajaí-Açu no Oceano, da fertilidade de cujas terras ele ouvira encomiásticas referências.

Chegou, porém, doente. O mau tempo reinante, as caminhadas estafantes, as necessidades sofridas na jornada por zonas de quase nenhum recurso, o prostraram no leito. Santíssimo Sacramento, por sua vez, era uma povoação de acanhadas possibilidades, principalmente no que tocava a médico e farmacêutico.

Assim, Blumenau viu-se forçado a regressar a Desterro e dali ao Rio.

Mas os seus planos estavam assentados: requereria as terras marginais do Itajaí, para nelas instalar uma colônia.

Associou-se com um patrício, Ferdinand Hackradt, e, em princípios de 1848, ambos, de canoa, guiados pelo caboclo Ângelo Dias, subiram o Itajaí, em viagem de exploração.

Escolheram um local entre as confluências dos ribeirões da Velha e do Garcia, para as construções dos ranchos indispensáveis ao início dos trabalhos.

Blumenau deixou seu sócio Hackradt à margem do Velha, dando início a esses trabalhos, e foi-se para Desterro, a fim de legalizar o empreendimento.

Antero José Ferreira de Brito, que, então, governava a Província, era homem de larga visão. Conhecia que, naquela época, governar era colonizar. Por isso mesmo, após sucessivas audiências, em que ouvira, com interesse e atenção, as exposições que Blumenau lhe fizera de seus planos, de suas idéias, prontificou-se a encaminhar, com parecer favorável, à Assembléia Legislativa, então em funcionamento, um requerimento ao qual juntava uma interessante proposta de colonização.

A princípio, tudo correu bem. O projeto foi à Comissão de Colonização, que deu parecer favorável. A Assembléia discutiu o projeto e parecer e votou uma lei aprovando-o. O Presidente Antero, entretanto, entendendo que a lei fora mal feita, vetou-a "para que a Assembléia não entenda uma coisa, a Presidência outra e a Companhia nem uma coisa, nem outra, e sim à sua vontade".

Na discussão do veto, as coisas se complicaram.

Enquanto o primeiro secretário Silvério Cândido de Farias, com alguns companheiros, defendia ardorosamente o projeto, José Bonifácio Caldeira de Andrade combatia-o tenazmente e conseguiu, afinal, vê-lo rejeitado.

Se, por um lado, esse transtorno causou grandes aborrecimentos a Blumenau, por outro veio a tempo, pois, justamente por essa época, aconteceu que a sociedade que Blumenau representava e em nome da qual pretendia a concessão



das terras do Itajaí, dissolvera-se em Hamburgo.

Quem conhece a vida de Blumenau, sabe que ele era homem que não desanimava por pouca coisa. Pelo contrário. Era desses homens que, quando se metem na cabeça que precisam conseguir isto, ou aquilo, conseguem-no, seja lá à custa de quantos sacrifícios forem necessários.

Obteve, afinal, licença do Presidente da Província para tentar, a título precário, a colonização das terras que pretendia e que lhe seriam transferidas depois que se desse início aos serviços e chegassem os primeiros imigrantes.

Parte Blumenau para o Rio. Recorre ao Imperador, aos ministros. Não lhe dão mais do que promessas.

Fiado nas promessas, segue para a Alemanha, publica folhetos de propaganda, visita amigos influentes, vence inúmeras dificuldades que inimigos velados, no propósito de desviar correntes imigratórias da Alemanha para o Chile e Argentina, lhe punham no caminho, e consegue, afinal, dezessete compatriotas que se prontificaram a seguir para o Brasil e dar começo aos trabalhos da colonização.

Obteve, na Alemanha, reforço de capital com empréstimos e a venda de alguns bens que possuía.

Entregando a seu sobrinho Reinholdo Gaertner, a tarefa de guiar os primeiros colonos, desde a Alemanha até a barra do Velha, Blumenau veio novamente para o Brasil.

Novos transtornos e grandes decepções o aguardavam.



Vista da Colônia Blumenau em 1868, no centro da rua principal o Barração dos Imigrantes



Hackradt, a quem ele deixara no Velha, entregando-lhe soma regular de dinheiro para os trabalhos indispensáveis à recepção dos primeiros colonos, não havia correspondido à confiança que Blumenau nele depositara.

Construíra apenas uns ranchos mal ajeitados e um engenho que mal serrava. Nada de plantações, nada de útil à obra de maior premência, que seria, então, o de abrigar as dezessete pessoas que estavam prestes a chegar.

Blumenau desfez a sociedade com Hackradt, que se retirou para Dester-

E meteu, sozinho, mãos à tarefa ingratíssima de levar para diante, quase sem recursos pecuniários, o estabelecimento que idealizara, e que lhe daria ainda muitas dores de cabeça, muitos desgostos e aborrecimentos.

ro.

Afinal, depois de longa travessia, chegaram à Capital da Província os dezessete primeiros imigrantes, contado nesse número o sobrinho do fundador, Reinholdo Gaertner, que foi, durante anos seguidos, um auxiliar dedicado e eficiente de Blumenau.

Haviam feito a viagem a bordo do veleiro "Christian Mathias Schroeder".

Em Desterro permaneceram na Alfândega por alguns dias, seguindo, depois, num iate, para Itajaí.

Anos mais tarde, por ocasião das comemorações do cinquentenário de tão importante evento, um desses primeiros imigrantes escreveu num jornal local:

"A 21 de agosto, chegávamos a Santos no navio a vela 'Christian Mathias Schroeder', após uma viagem de 72 dias.

Em Santos desembarcaram apenas alguns passageiros, que se dirigiam a São Paulo. De lá viajamos para Santa Catarina, onde permanecemos alguns dias na Alfândega e, depois, seguimos num iate para Itajaí e, finalmente, pelo rio até Belchior, onde chegamos a 2 de setembro. Aí veio Hackradt buscar-nos e as nossas malas numa balsa, com dois brasileiros, levando-nos até à "Velha", pois, no "Garcia", onde hoje assenta a cidade, era tudo mato bruto".

Blumenau ainda não perpetuou no bronze os nomes desses 17 compatriotas do fundador, que, com ele, compartilharam das agruras do início de uma jornada magnífica, mas também bastante amarga.

Deve fazê-lo como um preito de justiça à sua memória, digna de ser guardada como a de verdadeiros pioneiros do seu engrandecimento e da sua glória.

Eis os nomes desses 17 primeiros colonos:

- 1 Reinholdo Gaertner de 26 anos de idade, lavrador, natural de Brunswick, terra natal do Dr. Blumenau.
 - 2 Paulo Kellner de 23 anos, lavrador, de Brunswick.
 - 3 Francisco Sallenthien de 24 anos, lavrador, também de Brunswick.
 - 4 Júlio Ritscher de 22 anos, agrimensor, de Hanover.

- 5 Guilherme Friedenreich de 27 anos, veterinário, natural da Prússia, casado com
 - 6 Minna Friedenreich de 24 anos, também da Prússia.
 - 7 Clara Friedenreich de 2 anos de idade, filha do casal anterior.
 - 8 Alma Friedenreich de 3 meses, também filha dos precedentes.
 - 9 Daniel Pfaffendorff de 26 anos, carpinteiro, natural da Saxônia.
 - 10 Frederico Geier de 27 anos, marceneiro, natural de Holstein.
 - 11 Frederico Riemer de 46 anos, charuteiro, natural da Prússia.
 - 12 Érico Hoffmann de 22 anos, funileiro, também da Prússia.
 - 13 André Kohlmann de 52 anos, ferreiro, da Prússia.
 - 14 Joana Kohlmann de 44 anos, esposa do precedente.
 - 15 Maria Kohlmann de 20 anos, filha dos precedentes.
 - 16 Cristina Kohlmann de 17 anos, também filha dos precedentes.
 - 17 André Boettcher de 22 anos, ferreiro, natural da Prússia.

Como, provavelmente, no decorrer destas linhas não voltaremos a mencionar o nome da maior parte desses imigrantes, seja-nos lícito abrir um parênteses para dizermos algo do destino de cada um deles.

Reinholdo Gaertner, que por vários anos se manteve ao lado do tio, auxiliando-o nos seus trabalhos, compartilhando dos seus insucessos e dos seus aborrecimentos, estabeleceu-se, mais tarde, na povoação de Itajaí, de onde regressou à Alemanha, onde faleceu.

Francisco Sallenthien, poucos anos após sua chegada, mudou-se para o local da Barra do Rio, próximo a Itajaí, estabelecendo-se com um pequeno negócio nas imediações da atual Fábrica de Papel Itajaí.

Frederico Riemer, permaneceu como colaborador de Blumenau até sua morte.

Érico Hoffmann, também poucos anos após sua vinda, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se estabeleceu.

André Kohlmann, com a mulher e duas filhas, poucos meses após, mudou-se para o arraial de Pocinhos, próximo ao local da fundação da colônia de Blumenau e que, por aquela época, já contava com algumas famílias e uma pequena capela.

Daniel Pfaffendorf, em 22 de fevereiro de 1852 morreu afogado quando se banhava no Itajaí. Foi a primeira das inúmeras vítimas conhecidas que o Itajaí tem feito nesses cem anos de povoamento de suas margens. Serviu de tema, essa morte, a um conto que publiquei na revista "Excelsior" e no "Correio de Blumenau".

Paulo Kellner, pouco tempo depois de sua chegada, passou-se para a Barra do Rio, onde montou um engenho de serra. Seu estabelecimento foi atacado pelos índios, em 1855, justamente quando se construíam os fundamentos desse engenho. Kellner foi gravemente ferido por uma flecha.



Os cuidados médicos que lhe dispensou o sábio Fritz Müller e a sua natureza robusta e sólida, auxiliaram-no a refazer-se. Viveu longo tempo e morreu no Rio de Janeiro, para onde se mudara nos derradeiros anos de sua vida.

Júlio Ritscher, como agrimensor que era, deve ter auxiliado a Blumenau na demarcação dos primeiros lotes. Mas pouco tempo ficou na colônia, pois em 1854 já o encontramos no Rio de Janeiro, no exercício de sua profissão.

Guilherme Friedenreich, foi dentre os companheiros de jornada de Blumenau, o que maiores serviços prestou à colônia. Estava sempre ao lado dele em todas as contingências, boas ou más. Inteligente e culto, foi grande amigo de Fritz Müller, a quem auxiliou nas suas explorações botânicas nos arredores da colônia. Interessado em tudo quanto dizia respeito à História Natural, conseguiu reunir valiosa coleção de borboletas e insetos, que mais tarde vendeu ao Museu Paulista. Transferiu-se para São Paulo, onde trabalhou nesse museu e onde também faleceu em avançada idade. Teremos oportunidade de mais de uma vez, neste artigo, relembrar os serviços que esse incansável batalhador prestou ao desenvolvimento da colônia.

Frederico Geier, deixou a colônia em fevereiro de 1851. Sobre ele e Pfaffendorff há a seguinte interessante informação no diário da colônia, que Reinholdo Gaertner escriturava:

"3-II-51 — Geier e Pfaffendorf foram hoje embora e afirmam que lhes foram prometidos 20\$000 por mês, mas eu (Gaertner) sou de opinião que lhes foram prometidos 12\$000". Pfaffendorff depois dessa desinteligência retornou à companhia de Blumenau.

Sejam, para sempre, lembrados os nomes desses que podem ser considerados dizer verdadeiros heróis! Deixaram a pátria e deixaram parentes e comodidades para acompanhar um visionário e embrenhar-se pelos sertões catarinenses, em busca de uma aventura que poderia trazer-lhes um resultado fatal, como a alguns realmente trouxe.

Glória a eles, que, com a sua abnegação e o seu altruísmo, plantaram o primeiro marco do empreendimento que, num século de existência, é dos mais justos e lídimos orgulhos de uma Pátria que caminha para o lugar que lhe cabe no concerto das maiores e mais fortes nações do universo!

A história de Blumenau pode ser dividida em três períodos distintos.

O primeiro abrange o decênio de 2 de setembro de 1850, data da chegada dos primeiros imigrantes, até 1860, data em que a colônia passou para o domínio imperial.

O segundo vai de 1860 até 1883, ano em que a colônia foi emancipada, instalando-se o município de Blumenau.

O terceiro, finalmente, de 1883 aos nossos dias, encerra a história do município.



Dedicaremos a cada um desses períodos um capítulo especial.

Antes, porém, queremos esclarecer uma dúvida que poderá surgir no espírito dos que não estejam a par dos acontecimentos, sobre a data da fundação da colônia.

Durante o tempo em que o Dr. Blumenau dirigiu o seu estabelecimento, isto é, desde a criação até a sua emancipação política, a data da fundação era tida como a de 28 de agosto de 1852, oficializada pelo próprio fundador.

É que, naquele dia, mês e ano, foram distribuídos os primeiros dez lotes coloniais, devidamente medidos, demarcados e legalizados, como veremos, em cerimônia de que se lavrou o competente termo.

Achou o Dr. Blumenau que, ligando definitivamente os seus colonos à terra, pelo direito de propriedade dos lotes arrematados, nenhuma outra data melhor serviria como a do início da sua colonização.

Mais tarde, em 1900, quando intendente municipal o Dr. José Bonifácio da Cunha, a Câmara Municipal resolveu, por unanimidade, decretar a data de 2 de setembro de 1850, da chegada dos primeiros colonos, como a da fundação de Blumenau.

Parece-nos que os argumentos, em que se fundou a Câmara Municipal para justificar essa lei, são bem mais ponderáveis que os que levaram a Blumenau a estabelecer a data de fundação em 28 de agosto de 1852.

Foi realmente, com a chegada dos primeiros 17 imigrantes que começou a vida na colônia. Dali se traçaram os planos e deu-se começo à sua execução. Dali partiu o sopro vivificador que, não obstante os contratempos e dificuldades encontrados no caminho, ou talvez exatamente porque encontrou esses contras, fecundou os planos do fundador e orientou a colônia para os sucessos que a foram engrandecendo, transformando-a num empreendimento vitorioso de que todo o Brasil, com justas razões, se orgulha.

Feita essa observação, passemos agora, a relatar os principais acontecimentos do primeiro período.

1850 a 1860

Fácil é de imaginar como os dezessete imigrantes, com Blumenau à frente, passariam os primeiros meses em plena mata virgem, e em luta com uma natureza luxuriante e deslumbradora, mas, ao mesmo tempo, tão cheia de perigos.

Atacaram, naturalmente, e sem perda de tempo, a construção de ranchos para moradas provisórias, não mui distantes do rancho anteriormente construído por Hackradt à embocadura do Velha, e que o fundador destinara para si, enquanto iam fazendo as derrubadas para as plantações, própria que era a época para esse gênero de trabalho.



Em breve, as clareiras que o machado ia abrindo na mata espessa, cobriam-se de plantações. Verdejava o milho entre os troncos queimados das velhas árvores sacrificadas; a cana, o aipim, a batata cresciam com rapidez, graças à fertilidade espantosa da terra, cujo seio a enxada rasgava pela vez primeira.

No quintal do fundador, começaram já a florescer as roseiras trazidas da Europa pelo Dr. Blumenau, e salvas de mil peripécias na sua aventurosa viagem de regresso ao Brasil.

As picadas começaram a se estender dum lado para outro, na ânsia de sondar o mistério que as florestas vizinhas representavam, temivelmente escuras, enervantemente silenciosas.

As velhas árvores caíam aos golpes do machado dos camaradas contratados entre os caboclos práticos do mato, para irem servir de vigas, traves e barrotes ao engenho de serrar, ou às primitivas e toscas casas dos imigrantes.



Pintura retratando a chegada dos primeiros imigrantes

No meio dessa fauna inicial, estando em todos os lugares onde se faziam necessários a sua experiência e os seus conselhos, ensinando a este o modo de pegar duma foice ou duma pá, ministrando àquele remédio contra as naturais enfermidades que a mudança brusca de clima e alimentação provocavam, Blumenau foi



chamado à Côrte, para defender os interesses de seu nascente estabelecimento. Partiu para o Rio em princípios de 1851, deixando seu sobrinho Reinholdo Gaertner supervisionando os trabalhos.

Metódico e cuidadoso como o tio e dedicando a este sincera estima e admiração, Gaertner não se interessava menos pelo desenvolvimento da colônia.

Deixou um interessante diário, em que ia anotando, dia a dia, os principais acontecimentos, e da leitura do qual se poderá facilmente reconstruir a vida simples, trabalhosa, mas feliz, que os primeiros colonos passaram à barra do Velha, no últimos meses de 1850 e nos próximos anos que se lhes seguiram.

Não cabe, nos limites de um simples artigo, a transcrição nem mesmo de algumas anotações do Diário da Colônia. Aqueles, porém, que querem conhecer mais profundamente o período inicial da vida de Blumenau, não podem deixar de tê-lo com vagar, admirar-lhe a simplicidade dos assentamentos, do qual transparece o cuidado que, tanto Blumenau como Gaertner, tinham em orientar já os primeiros dias da colônia, para formar um agrupamento onde a fé, a honestidade, o trabalho assíduo e produtivo fossem a lei máxima.

Friedenreich, empolgado pela exuberância da natureza do Itajaí, amando já a terra que abraçara para sua segunda pátria, querendo dar a Blumenau o conforto da sua solidariedade à tarefa colonizadora que empreendia, logo em começos de fevereiro de 1851 começou a construção da casa — tal como se poderia exigir a uma residência confortável naquela época e naquele lugar — para morada de sua família.

Março de 1851 trouxe sérias contrariedades. Grandes chuvas provocaram, a 15 desse mês, uma enchente do Itajaí-Açu. As águas, transbordando do leito natural, invadiram as plantações, danificaram seriamente o engenho de serrar e arrastaram rio abaixo muita madeira que já estava serrada e pronta para ser empregada.

Blumenau regressou da Corte em julho. As dificuldades que tivera de vencer, os desgostos pelos prejuízos sofridos com aquela enchente, e outros aborrecimentos com alguns companheiros menos pacientes, que já começavam a lançar sobre o fundador e culpa das desgraças de que eram vítimas, arrependidos de terem deixado o conforto relativo na Alemanha, longe de dobrarem o ânimo de Blumenau, retemperavam-lhe a fibra de lutador intemerato e davam-lhe novas forças para levar adiante a tarefa de que se incumbira.

A 27 de agosto chegaram mais cinco colonos, dos 13 que haviam partido da Alemanha com destino a Blumenau. É que, por essa época, a "Kolonisationsverein", organizada na Alemanha em 1840, andava tratando da colonização das terras pertencentes ao príncipe de Joinville, no norte da Província de Santa Catarina, e por todos os meios e modos os seus agentes procuravam demover os imigrantes alemães a tomarem outro destino que era o das terras da então colônia Dona



Francisca.

Não podendo transcrever *ipsis literis*, por não o permitirem os limites deste artigo, todos os relatórios que o Dr. Blumenau elaborou para dar contas ao Governo Imperial das suas atividades na direção da colônia que fundara, o que, por si só, constituiria um compêndio completo e perfeito relato dos fatos mais importantes da história da colônia, queremos, entretanto, copiar, tal como o fundador o escreveu, o segundo relatório, feito em junho de 1852.

Pretendemos, com isso, dar uma amostra do estilo de Blumenau, que falava e escrevia, corretamente o Português, e da maneira sábia e sensata com que tratava dos assuntos referentes aos seus planos de colonização:

Segundo Relatório sobre a Colônia de Blumenau

"No meu primeiro relatório, que tive a honra de oferecer no princípio do presente ano, expus o estado da colônia até este termo.

Desde então os meus trabalhos com a mesma progrediam lenta, porém regularmente, por falta de maior número de trabalhadores; fiz grandes roçadas e picadas; medi terras e preparei um edifício bastante grande para o abrigo de colonos.

Estando ainda ocupado com estes trabalhos, que conforme a sua natureza se devem sempre de novo principiar e acabar, todavia em poucos dias cinqüenta sortes de terras foram medidas e demarcadas, o mencionado edifício pronto para abrigar 80 até 100 pessoas, os roçados queimados, quando houver tempo próprio e seco e tudo será pronto, inclusive o arranjo dos mantimentos necessários para eu poder receber maior número de colonos.

O pessoal da colônia até agora não sofreu grande mudança, por não chegar ainda senão um navio com colonos para a colônia de Dona Francisca, ao qual seguem em breve outros, com os quais estou esperando maior número de colonos para a minha colônia.

Chegaram com destino para a mesma 13 pessoas, deixaram-se porém, deter em Dona Francisca por intrigas e calúnias contra mim em pessoa, como contra a minha colônia, 8 das mesmas e por isso chegaram nesta última somente cinco pessoas, entre as quais dois moços solteiros e a família de um dos colonos anteriormente chegados e estabelecidos.

Este acréscimo foi pequeno, tendo eu, porém, as melhores e fundadas probabilidades que lhes hão de seguir em breve com um número de colonos mais considerável; tomei ao mesmo tempo as minhas medidas para frustar no futuro na colônia de Dona Francisca as maquinações e intrigas de algumas pessoas malevolentes.



Desgraçadamente houve também dois mortos, afogando-se dois moços solteiros no Itajaí por virar com canoa.

A cultura do fumo promete agora bem fundadas esperanças de grande sucesso. Os dois homens que mencionei no último relatório, com a dedicação a esse trabalho e ao fabrico de charutos, colheram folhas bastantes para 45 até 50 mil charutos e estão neste momento ocupados com o fabrico dos mesmos. Principiaram, porém, muito tarde o preparo das terras e contam que no presente ano hão de colher bastantes folhas para 100 mil charutos pelo menos.

O relatório próximo futuro, que terei a honra de oferecer com o princípio do ano 1853 e o bom andamento de minha empresa, com o qual eu julgo poder contar para o futuro, há de provar ao Governo Imperial que não poupei nem pouparei esforços para merecer a confiança com que me honrava. Colônia Blumenau, 25 de junho de 1852".

Foi em fins de 1851 que chegaram à colônia, pela primeira vez, notícias das correrias de índios pelas terras de Francisco de Oliveira, cujo lote ficava próximo ao Garcia. Blumenau organizou um grupo de voluntários para dar caça aos assaltantes. Esse grupo, entretanto, regressou sem travar contato com os índios que, ao se retirarem, deixaram evidentes traços de sua passagem.

Reinholdo Gaertner, acompanhado de dois dos colonos, foi, em começos de 1852, à colônia de Dona Francisca. Essa viagem prendia-se ao fato que Blumenau falava no relatório que transcrevemos. Além disso ele, Gaertner, deveria estudar o sistema adotado pela Sociedade de Colonização sobre a recepção e instalação dos colonos que aportavam em Joinville.

A 3 de junho desse mesmo ano chegaram à colônia Rodolfo Keiner, de 23 anos, Guido von Seckendorf, de 21 anos e Fernando Ostermann, professor, de 21 anos, todos solteiros.

Keiner morreu afogado no Itajaí nesse mesmo ano, em 11 de dezembro.

Os outros dois, Seckendorf e Ostermann, foram bons auxiliares de Blumenau, prestando serviços relevantes à colônia.

Dois outros colonos, chegados também em 1852 a 21 de agosto, e que tiveram marcante influência no desenvolvimento e na vida da colônia, foram os irmãos Fritz e Augusto Müller.

Fritz Müller, já então sábio de renome pelos seus trabalhos sobre moluscos, publicados na Alemanha, tornou-se uma glória universal das Ciências Naturais, colaborador e amigo de Darwin, de quem mereceu ser chamado "o príncipe dos observadores da natureza do Brasil".

Outro fato de marcante significado, ocorrido, em 1852, foi a distribuição oficial dos primeiros doze lotes coloniais, do número daqueles a que o relatório transcrito linhas atrás faz referências.

Esse ato revestiu-se de grande solenidade, tendo sido lavrado termo que



foi assinado pelo fundador e os colonos interessados.

O colono recebia o lote gratuitamente.

Deveria, porém, pagar as custas da medição e demarcação e isso no prazo mínimo de 6 meses.

No relatório referente a esse período, o Dr. Blumenau escrevia:

"Contratos ainda não fiz com os colonos; entreguei-lhes as terras como propriedade sua dentro da legislação em vigor e pedi deles apenas a restituição das custas dos diversos gastos com a medição das mesmas e outros preparativos em quantia de 7\$500 por cada uma sorte.

Os colonos ficam, porém, sujeitos aos estatutos da colônia, os quais hei de estabelecer em comum com os mesmos".

Eis, em quadro, os nomes dos colonos a quem foram entregues esses 12 lotes:

Nome do	No. do	Superfície do	Preço	No. de Pessoas
Ocupante	Lote	Lote	Latin	de Família
Dr. Fritz Müller	1	49,5 hect.	100\$000	3 pessoas
Augusto Müller	2	48,5 hect.	100\$000	2 pessoas
Augusto Hesse	5	36,0 hect.	11\$000	9 pessoas
Frederico Seiffert	6	37,5 hect.	10\$000	4 pessoas
Gaspar Huhn	7	36,0 hect.	10\$000	5 pessoas
João Gebien	8	39,0 hect.	11\$000	3 pessoas
Christiano Josiger	9	36,0 hect.	10\$000	7 pessoas
Ehrhardt	10	35,75 hect.	10\$000	3 pessoas
Frederico Klinger	11	33,5 hect.	10\$000	5 pessoas
Carlos Spiess	12	33,75 hect.	10\$000	4 pessoas
Christiano Hahnemann	13	33,25 hect.	10\$000	7 pessoas
Eurico Leuthäuser	14	33,0 hect.	10\$000	4 pessoas
Total	12	4147457	306\$000	56 pessoas

Os lotes números 1 e 2, de Fritz e Augusto Müller, não constam do auto de arrematação, pois eles não eram, propriamente, colonos contratados pelo fundador. Por esse motivo é que o preço dos lotes referidos é quase dez vezes maior.

Em fins de 1852, a população da colônia era de 134, sendo 53 casados e 81 solteiros: 33, de 1 a 10 anos; 20, de 11 a 20; 48, de 21 a 30; 16, de 31 a 40; 11, de 41 a 50; 5, de 51 a 60 e um de 68 anos de idade. O número de fogos elevava-se a 15. Entre os colonos já estabelecidos havia um médico (Fritz Müller), um professor (Ostermann), um jardineiro formado no Jardim Botânico de Berlim (Augusto Müller), um veterinário, que também se tornara vendeiro (Friedenreich), um ferrei-



ro, um armeiro, um torneiro, 2 alfaiates, 2 sapateiros, um pedreiro-escultor, um cavouqueiro, três marceneiros, um construtor de engenho, um moleiro, 2 carpinteiros, um tanoeiro e os demais, lavradores. Todos, porém, além de trabalharem, ocasionalmente, nas respectivas profissões, cuidavam especialmente da lavoura.

Apesar de haver professor, não fora ainda possível instalar a escola. Mas não se descuidaram as práticas religiosas. Blumenau, como os seus colonos, exceto Fritz Müller que era ferrenho materialista, era profundamente religioso.

Reunia, pois, os seus colonos, aos domingos, no rancho de recepção de imigrantes, e celebrava com eles o ofício divino, explicando-lhes passagens da Bíblia e recitando as preces do rito evangélico a que todos pertenciam.

A 28 de dezembro de 1852, o incipiente estabelecimento foi atacado pelos botocudos.

Blumenau achava-se ausente, mas os seus companheiros, entrincheirados nos ranchos à barra do Velha, rechaçaram os selvagens, matando dois deles e pondo os restantes em fuga.

A população da colônia diminuiu em 1853.

As causas que o Dr. Blumenau comenta largamente em seu relatório referente a esse ano, é que na Europa punham toda sorte de entraves à saída de emigrantes para o Brasil.

Então, como hoje ainda, as intrigas da diplomacia para encaminhar aos respectivos países o excedente da população trabalhadora e honesta, armavam quantos ardis podiam.

Desviar, as correntes imigratórias, orientadas para outros países, era tarefa primordial das representações estrangeiras na Alemanha, Itália, Áustria e em outros países que, em meados do século passado, por comoções políticas ou econômicas, se viam na contingência de permitir e acoroçoar a saída de milhares e milhares de indivíduos e famílias, para outras terras, onde tivessem uma vida mais fácil e mais livre.

Em compensação do aumento extensivo negativo em 1853, o intensivo redobrou na colônia. Os seus habitantes eram poucos, mas trabalhadores e industriosos. Assim, já havia engenho de açúcar e de farinha de mandioca. A safra de cana produzira 24 barricas de açúcar e três a quatro pipas de aguardente; a safra de feijão e batata dava não só para o consumo da colônia, como para a venda nos povoados vizinhos.

Ostermann servia de pastor protestante e celebrava regularmente os ofícios dominicais, enquanto os três colonos católicos percorriam a pé, aos domingos, as duas léguas que os separavam de São Paulo Apóstolo, para, ali, numa pequena capela, fazerem as suas preces.

Blumenau entusiasmava-se com esses pequenos sucessos e se mostrava otimista:



"À vista de todas as circunstâncias acima enumeradas, e mais, achandose na colônia um médico hábil, que em casos de doença ou ferimento, presta os seus socorros, e um professor muito instruído, de cujo emprego por conta da Província em breve se pode esperar um ensino regular e contínuo, tanto na língua nacional como na alemã, e exercício do culto divino tão desejado por todos os colonos, não pode causar admiração que estes vivam satisfeitos, alegres e sossegados e cheios de confiança para um futuro próximo. Continuando eles no mesmo nível de trabalho e na mesma boa harmonia como até agora, o que é de presumir da boa índole deles quase sem exceção, a colônia será dentro de poucos anos uma das mais bem cultivadas e risonhas regiões desta Província".

No ano seguinte, as coisas, com referência ao aumento de colonos, melhoraram.

Blumenau contava com a boa vontade da Sociedade Central de Emigração, em Berlim, apesar de ser esta francamente hostil à imigração para o Brasil. Seus amigos e agentes na Alemanha não se cansavam de fazer propaganda do seu estabelecimento.

Entraram nesse ano mais 146 imigrantes, sendo 31 famílias e diversos solteiros.

Quatorze criança já haviam nascido na colônia desde a sua fundação.

A colônia ia-se estendendo por ambas as margens do Garcia e do Velha.

Em 1854 Blumenau estabeleceu novo contrato com o Governo Imperial, em virtude do qual este lhe adiantou 25 contos por conta do prêmio que lhe caberia com a introdução, em sua colônia, de 4.000 imigrantes europeus dentro do prazo de 10 anos, devendo, ao mesmo tempo, cuidar da abertura de uma estrada que, margeando o Itajaí, fosse até a freguesia desse nome, na foz com o Oceano, e tratasse dos estudos para a abertura de outra estrada, que, pela margem direita do Itajaí acima, fosse encontrar, na altura de Curitibanos, a estrada de cargueiros que, do Rio Grande do Sul, seguia para Curitiba e São Paulo, atravessando o planalto catarinense. O Governo concorreria, de 1858 em diante, com a soma de 8 contos anuais para a construção desses caminhos, até completar a soma de 32 contos.

Em 1855 começou a funcionar a primeira escola pública, sob a regência de Ostermann, que já citamos por mais de uma vez. Já então os ofícios religiosos evangélicos eram celebrados pelo Pastor Oswaldo Hesse, contratado pelo Dr. Blumenau e que, depois, passou a fazer parte dos funcionários gratificados da colônia.

Incansável, Blumenau escreveu um livrinho, em alemão, "Deutsche Kolonie Blumenau", e mandou seu sobrinho Reinholdo Gaertner à Alemanha para não só imprimi-lo e distribui-lo largamente, mas, também, fazer larga propaganda da colônia, junto aos meios oficiais, à imprensa e amigos do seu país.

Em novembro de 1855 nova e grande enchente do Itajaí, cujas águas su-



biram a 91/2 metros acima do nível normal, causou enormes prejuízos à colônia.

A propaganda e os esforços de Gaertner na Alemanha iam dando resultados práticos. Já no ano seguinte, 1856, imigraram para a colônia 292 pessoas.

À proporção, porém, que a população aumentava, aumentavam as penas e dissabores de Blumenau. Tendo esgotado os seus recursos particulares, conseguira vários adiantamentos do Governo Imperial, por conta de um contrato que firmara na Corte, em que o mesmo Governo se comprometia a pagar-lhe determinada soma por colono introduzido. Esses adiantamentos, entretanto, também longe estavam de remediar sequer a premência dos compromissos sempre crescentes. Em 1858 e 1859 a imigração decresceu assustadoramente.

E Blumenau andava doente e desesperado. As dívidas se acumulavam; a venda das terras nada rendia. Mais do que o peso desses padecimentos físicos, doía-lhe na alma a simples idéia de ter que abandonar tudo, voltar, fracassado e pobre, à sua terra natal, deixando ao próprio destino, numa terra desconhecida e
cheia de perigoso, quase duas centenas de famílias que ele, pela sua propaganda e
pelo seu conselho, induzira a deixar parentes e pátria para engajar-se numa aventura que poderia redundar no mais triste e miserável de todos os desastres.

Não! Ele jogaria até ao último alento a sorte da sua colônia e a dos seus colonos.

E a sorte de uma e de outros estava nas mãos do Imperador.

Blumenau, em meados de 1859, seguiu para a Corte onde, num desesperado esforço, conseguiu de D. Pedro II, que sempre se mostrara seu amigo e seu protetor, que o Governo Imperial encampasse a empresa e a salvasse da ruína iminente.

Por esse tempo, fins de 1859, já era apreciável a produção da colônia. Segundo o relatório do Governo Provincial daquele ano, a produção tinha sido estimada nos seguintes números:

Açúcar	2.500 arrobas
Farinha de mandioca	1.430 alqueires
Milho	27.400 mãos
Fumo em folha	101 arrobas
Cachaça	17.400 medidas
Feijão	404 alqueires
Café	33 arrobas

A exportação foi calculada em Cr\$ 13.200,00 e a importação em Cr\$ 25.000,00.

Existiam 2 selarias, 6 marcenarias, 3 pedreiros, 2 ferrarias, 6 carpintarias, 1 lancheiro, 2 alfaiates, 3 sapateiros, 1 padeiro, 1 latoeiro, 1 farmacêutico, 1 médi-



co, 2 professores, 1 parteira, 1 açougueiro, 3 casas de negócios de secos e molhados, 2 casas de pasto, 34 engenhos de açúcar, 24 engenhos de farinha de mandioca, 2 moinhos de fubá, 3 olarias, 1 cerâmica de louça de barro, 1 cervejaria, 2 serrarias, 1 fábrica de vinagre e 1 fábrica de charutos, 245 cabeças de gado vacum, 37 cavalos, 735 suínos e 1200 galinhas e patos. Já havia 6.844 metros de estradas carroçáveis e mais de 10 mil para pedestres e cavaleiros.

O número de famílias ascendia a 171, compostas de 716 pessoas; 227 eram solteiros estranhos a essas famílias.

Deram-se, desde 1850, 143 nascimentos e 69 óbitos.

E já que falamos em nascimentos e casamentos, vamos dar a conhecer, a título de curiosidade, os nomes dos primeiros nascidos na colônia.

O primeiro registro foi o da menina Ida Friedenreich, filha do veterinário Guilherme Friedenreich, nascida a 6 de setembro de 1851.

Seguiu-se-lhe Luis Seiffert a 29 de novembro de 1852; depois Carlos Gebien, a 25 de fevereiro de 1853. Neste ano foram registrados, além desse, mais 6 nascimentos. Em 1854, somente 5. Em 1855, 11. Em 1856, 19, e em 1857, 18.

Os primeiros registros de óbito foram os de Daniel Pfaffendorff, Antônio Neubert e Rodolfo Keiner, todos três afogados no Itajaí, os dois primeiros em 22 de fevereiro de 1852 e o último a 21 de dezembro do mesmo ano. Em 1853 registraram-se 3 óbitos; em 1854 também 3; em 1855, 5; em 1856, 10; em 1857, 24. De todos esses óbitos, 13 foram por afogamentos nas águas do Itajaí; 2 mortos pelos índios (Augusto Hamester e João Kaben a 29 de janeiro de 1856).

E casamentos?

O primeiro foi o de Júlio Baumgarten com Margarida Wagner, em 20 de março de 1855.



O segundo, também no mesmo dia, mês e ano, foi o de Guilherme Schönau com Catarina Lucas; o terceiro, o de Moritz Holetz com Ida Wagenknecht, e o quarto, o de Júlio Paupitz com Amália Klein, este em 2 de dezembro de 1855 e o anterior em 15 de outubro do mesmo ano.

A 13 de janeiro de 1860, na Repartição Geral das Terras Públicas, no Rio, foi assinado o termo de cessão da colônia de Blumenau ao Governo Impérial.

Por esse documento, que valeria a pena transcrever, não fosse a carência absoluta do espaço que nos foi reservado, o Dr. Blumenau entregava ao Governo Imperial todas as terras que possuía no rio Itajaí, estimadas em 20 léguas quadradas, todas as propriedades imóveis, inclusive os barrações de hospedagem à barra do Rio. O Governo recebia as ditas terras e mais propriedades pelo preço de Cr\$ 120.000,00, dos quais seriam deduzidos Cr\$ 85.000,00 de que já era credor por adiantamentos. Entregaria por saldo de contas Cr\$ 35.000,00. Todos os contratos sobre terras feitos pelo Dr. Blumenau seriam reconhecidos como válidos pelo Governo, que também se comprometeu a respeitar os demais contratos e convenções assinados por Blumenau com os seus colonos, anteriormente à assinatura da cessão.

Pelo Governo Imperial assinou esse documento o Conselheiro de Estado Manoel Felizardo de Souza e Mello.

Blumenau, conforme se comprometera, apresentou um inventário detalhado de todos os bens imóveis da colônia, das dívidas dos colonos, dos prédios e caminhos construídos etc...

É pena que também não possamos transcrever, na íntegra, os artigos do Regulamento da Colônia, que o Dr. Blumenau vinha seguindo e que, com preciosos detalhes, apresentara à Assembléia Legislativa de Santa Catarina, em 1848, quando requerera as terras do Itajaí para a "Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães", no Brasil.

Eles serviriam, ainda hoje, de lição a muita gente que, por estes Brasis a fora, mete-se a fazer colonização, ou a fazer leis sobre colonização e imigração, sem qualquer noção ou prática do meio e do assunto.

Vejamos, pelo menos, alguns artigos que demonstram quanto Blumenau era de espírito superior, culto e liberal, ponderado e justo:

5° - Os colonos, logo que entrarem na posse de qualquer porção de terras que lhes for destinada por distribuição ou por compra que fizerem à Companhia, serão *ipso facto* considerados cidadãos brasileiros naturalizados.

Art. 10° - Os colonos da Companhia deverão fazer sair das colônias, para não mais a elas tornar, aquele indivíduo que, por seu procedimento, servir de mau exemplo aos colonos".

Por outro artigo ficava terminantemente proibida a entrada de escravos na colônia.



Assinado o ato da entrega da colônia ao Governo Imperial, o Dr. Blumenau foi nomeado seu Diretor.

Nesse cargo, e ainda na Côrte, elaborou o projeto de orçamento para o ano de 1860 e no qual sugeriu providências interessantes para que o plano que ele estabelecera anteriormente não sofresse interrupção na nova ordem de coisas.

Dentre essas providências se contava a que sugeria que "os estatutos da colônia, até agora considerados como vigentes, fiquem conservados em pé, sobretudo no que respeite à exclusão da escravidão nos territórios da colônia".

Ao mesmo tempo que esse projeto de orçamento, foram também elaboradas as "Instruções por que se tem de reger a Colônia Blumenau", compostas de 8 artigos e vários parágrafos nos quais se estabeleciam as atribuições do Diretor, as condições para a venda de terras e instalação de colonos; empréstimos a estes para as primeiras despesas de instalação, abertura de caminhos e picadas, navegação do Itajaí entre a freguesia desse nome e a sede da colônia.

Judiciariamente, os negócios da colônia eram resolvidos em São Francisco, sede da comarca, primeiramente, e depois em Ss. Sacramento do Itajaí, para onde essa sede fora transferida.

Em Itajaí, entretanto, como sede de Distrito de Paz desde 1833, eram resolvidas todas as pequenas questões que surgiam, e para cuja solução as partes recorriam à justiça.

Não conhecemos caso da colônia de Blumenau que tivesse sido levado à apreciação do juiz sediado em São Francisco.

Itajaí, bem como todo o território do Distrito de Paz, no qual se incluíam as terras da colônia de Blumenau, faziam parte do município de Porto Belo, até onde deveriam os colonos seguir para resolver casos administrativos de maior importância.

A distância entre Blumenau e Porto Belo, pelos primitivos e quase que intransitáveis caminhos, era de mais de cem quilômetros.

A lei provincial de 7 de maio de 1859 criou um Distrito de Paz na sede da colônia de Blumenau, distrito que só no ano de 1861 foi instalado.

Começou, pois, sob os melhores auspícios, o segundo período da história de Blumenau, ou seja, a vida da colônia sob o domínio direto do Governo Imperial.

D. Pedro II tinha ilimitada confiança no Dr. Blumenau. Nomeando-o diretor da colônia, deixou-o agir a seu critério, amparando sempre as suas pretensões e iniciativas.

Não queremos encerrar este capítulo sem prestar profunda homenagem à memória do nosso segundo imperador, a quem Blumenau deve grande parte do seu sucesso e de sua atual grandeza.



1860 – 1883: Da entrega da colônia ao Governo Imperial à criação do município

Diretor da colônia oficial, Blumenau regressou ao seu estabelecimento cheio de entusiasmo e revestido de nova coragem.

Dispondo de verbas, fontes pelo menos capazes de permitir que se textofrentassem as mais urgentes necessidades, já não havia porque temer o fracasso que tantas vezes, qual horrível pesadelo, lhe havia perturbado o sono nos últimos dez anos de lutas contínuas e enervantes.

Os trabalhos mais importantes em 1860 foram consagrados especialmente à montagem do aparelho administrativo, reorganização do sistema de propaganda na Alemanha e Áustria, engajamento, transporte e recepção de imigrantes, construção, consertos e melhoramento dos caminhos existentes, proteção da colônia contra as incursões dos botocudos que infestavam a região, instrução e educação da infância e juventude; regras pelas quais se deveriam governar os colonos e os serviços administrativos; nomeação de funcionários.

Os funcionários nomeados foram os seguintes:

Hermann Wendeburg, guarda-livros; João Breithaupt, agrimensor; Oswaldo Hesse, pastor evangélico; Pe. Alberto Gattone, capelão católico; Bernardo Knoblauch, médico; Wilhelm Friedenreich, delegado de polícia.

Em 1861 a população ascendera a 1.531 pessoas, das quais 548 entradas nesse mesmo ano.

As linhas coloniais, com seus lotes devidamente medidos e demarcados, estendiam-se pelo Itajaí acima, por ambas as margens, e seus confluentes próximos: o Velha, o Garcia, o Itoupava etc. Já se preparavam os projetos de abertura das linhas que seguiriam o curso do rio do Texto, do Fortaleza e de outros rios e ribeirões próximos. O projeto de Blumenau era grandioso.

Da célula inicial que plantara à barra do ribeirão da Velha, iria estendendo à rede de suas linhas coloniais para o oeste, alargando-as para os lados e para a frente, onde quer que fosse encontrando águas que corressem para o grande Itajaí e terras que se prestassem à lavoura. Iria mais adiante, se fosse preciso. Transporia a serra, varava os campos de Lajes e Curitibanos, e iria demarcar os últimos lotes e plantar as últimas casas dos seus colonos à beira do Santo Antônio e do Peperiguaçu, onde começavam as terras dos espanhóis confinantes.

O seu sonho se realizaria. Quando ele morreu, já os seus colonos andavam povoando e cultivando os contrafortes da Serra do Mar. Transposta a serra pelos seus descendentes, eles hoje continuam a marcha à frente, para os lados, indo encontrar os filhos dos colonos de São Leopoldo, Caxias do Sul e outras colônias riograndenses que, entrando o território catarinense pelo vale do rio do Peixe e do Uruguai, transformam as florestas imponentes do antigo território contestado



em fontes de extraordinária produção agrícola, e já estão à vista do território argentino, construindo uma civilização que pode servir de padrão e de orgulho para a nossa terra.

A 25 de abril de 1861, foi criado o distrito de São Pedro Apóstolo de Gaspar, o que veio facilitar as relações dos colonos de Blumenau com o poder público. Não precisariam eles ir até Itajaí e Porto Belo, para resolver os seus casos judiciários e policiais. Em Gaspar, onde já tinha sido edificada uma boa igreja, residia também o padre Gattone, capelão da colônia. Até lá cerca de três léguas da sede da colônia, iam os católicos blumenauenses desobrigar-se dos seus deveres religiosos.

No ano seguinte, 1862, a população da colônia subiu a 2.068 almas. Deram-se 63 nascimentos e 34 óbitos e 39 casamentos, dos quais 10 de católicos, 26 de evangélicos e 3 mistos. Havia 110 casas que poderiam merecer esse nome, 45 em construção, e 287 ranchos, servindo de moradas provisórias.



Primeiros imigrantes blumenauenses - 1867

Da esq. para a dir.: Gustavo Spierling, Carlos Friedenreich, Dr. Bernardo Knoblauch (médico da colônia), Carlos Meyer, João Breithaupt (agrimensor), pastor Oswaldo Hesse, Carlos Guilherme Friedenreich, um dos primeiros imigrantes, Victor Gaertner, sobrinho do Dr. Blumenau e finalmente Hermann Wendeburg, vice-diretor da colônia.



Com a população humana, aumentava também sensivelmente o número de animais domésticos. Nesse mesmo ano já existiam na colônia 84 cavalos, 636 cabeças de gado vacum, 26 caprinos, 1492 suínos e 7900 galináceos e palmípedes.

Lamentavelmente, temos que ir abreviando quanto possível as informações sobre o progressivo aumento da colônia, pois encheríamos volumes, se fôssemos publicar os dados minuciosos deixados pelo fundador em seus relatórios.

Por isso, descupem-nos os leitores se formos passando por alto muitos números e acontecimentos que não deveriam deixar de ser citados numa história, mesmo abreviada, de Blumenau.

Novo ataque de índios ocorreu na colônia, no Garcia, em 1862.

Durante o período que vai de 1852 a 1914, a colônia e depois município de Blumenau e adjacências sofreram 61 ataques de bugres, botocudos e coroados, que mataram 41 pessoas e feriram 22.



Índios Xoklengs acampados na Reserva Duque de Caxias (1915)

No ano seguinte, 1863, o engenheiro Wunderwaldt fez as explorações dos vales dos rios do Testo, dos Cedros e do Benedito, pelos quais, no mesmo ano e nos seguintes foram-se estendendo os lotes coloniais.

O Pastor Hesse, que fundara um curso particular, continuou dando-lhe assistência e ampliando-o. Outro curso particular fora fundado pelo médico Dr. Eberhardt, no Garcia.

Chuvas, enchente do Itajaí e fortes ondas de frio prejudicaram grandemente a produção.

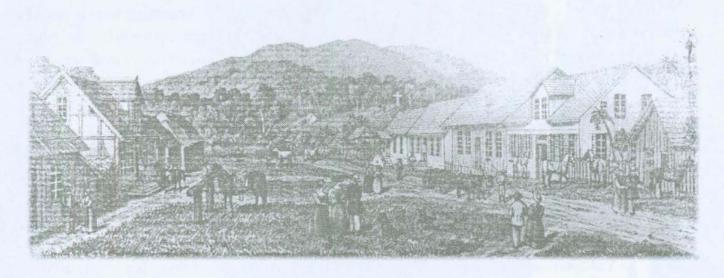


Em 1864 o número de habitantes crescera para 2.027. Os caminhos carroçáveis já alcançavam a cifra de 37 quilômetros e meio, dentro da colônia, e as picadas para pedestres e cavaleiros a 60 quilômetros. Existiam já uma escola pública na sede da povoação, dirigida por von Gilsa, e 6 escolas particulares, duas em Itoupava-Norte, a cargo de Henrique Heuer e Henrique Rischbieter, outra em Badenfurt, a cargo de Bruno Scharn, outra no Garcia, dirigida por Germano Westendorf, outra na sede da colônia a cargo do Pastor Hesse e finalmente outra dirigida pelo vigário católico Padre Gattone.

Por essa época, novas e acirradas campanhas contra a imigração para o Brasil surgiram nos jornais alemães. Um dos principais mentores dessas campanhas era o antigo cônsul geral Sturz, de quem já falamos, e que, tendo entrado a serviço de empresas colonizadoras do Chile, escrevia as mais descabeladas mentiras sobre as condições de vida no nosso país. Com o mesmo ou redobrado ardor com que influíra, em 1846, para a vinda de Blumenau para o Brasil, combatia o Brasil e seus homens e, principalmente, a vinda de alemães para a nossa terra. Formou-se um ambiente francamente hostil na Europa contra o Brasil, no tocante à emigração.

Blumenau, depois de entrar em entendimentos com o Governo Imperial, resolveu ir ele mesmo, à Alemanha, para tratar de remediar o mal e pôr fim à campanha desmoralizadora, o que concretizou em janeiro de 1865.

Começou-se a pensar em melhorar as condições do transporte de carga e passageiros pelo rio Itajaí, da cidade deste nome à sede da colônia, com o estabelecimento de uma linha de navios a vapor. O colono Fernando Ebert dirigiu, nesse sentido, uma petição ao Governo Imperial.



Vista do Stadtplatz – atual Alameda Duque de Caxias (Rua das Palmeiras). Nos fundos a cruz marca o local da Igreja Evangélica



É interessante como Blumenau comenta esse fato, na simplicidade e honestidade com que primava em tratar com o Governo:

"Na minha informação à Delegacia de Terras, opinei, e julgo que com boa razão que, se tal navegação era desejável e útil, contudo para o momento é dispensável e muito mais necessário melhorar ou estabelecer as comunicações terrestres desta colônia tanto com o litoral, como com os distritos de criação de gado e produção de erva-mate acima da serra. No futuro, porém, tal vapor no próprio Itajaí será indispensável, se a imigração chegar a 1.500 ou 2.000 pessoas anualmente, e mesmo atualmente seria de suma vantagem, e até de economia para a fazenda pública, estabelecê-lo desde já. Mas no atual estado das finanças do País e da diminuta imigração, não vejo conveniência, nem possibilidade para isto. O verdadeiro fim do peticionário Ebert foi arranjar de qualquer maneira dinheiro para livrar-se dos seus numerosos e impacientes credores".



Voluntários da Guerra do Paraguai

Da esq. para direita: Alferes Sametzky; Tenente Emílio
Odebrecht, Capitão Victor von Gilsa, Alferes von
Seckendorff

Mais e mais iam as linhas coloniais se aprofundando
para o interior, de sorte que em
fins de 1865 já elas se estendiam
por uma e outra margem do
Itajaí, até a sede do atual município de Indaial, e pelo rio Benedito acima até considerável
distância, rumo ao rio dos Cedros. Em Rio do Testo fora
construída uma capela protestante, onde o Pastor Hesse oficiava mensalmente.

Também nesse ano de 1865 foram aprovadas as plantas e respectivos orçamentos e adquirido algum material para a construção das igrejas católica e protestante da sede da colônia, as quais seriam edificadas com somas doadas pessoalmente pelo Imperador D. Pedro II.

Outro fato que merece ser salientado dentre os ocorridos em 1865, foi a partida do corpo de voluntários, organizado na colônia, para a defesa do



Brasil na guerra que fora declarada contra o tirano do Paraguai, Francisco Solano López.

Sob o comando do capitão von Gilsa, que era o professor público, do tenente Odebrecht, dos alferes von Sackendorf e Sametzki e do cirurgião-alferes Friedenreich, partiram para os campos de luta 67 colonos, alguns dos quais morreram em combate.

Esse fato é um dos excelentes argumentos, em que deveriam pensar certos "patriotas", que teimam em ver na fundação de Blumenau a origem de um quisto racial, cujos integrantes, pelo tempo afora, viessem exercendo atividades contrárias ao espírito de brasilidade que deve orientar e animar quantos vivam no seio bom e fecundo desta terra.

Mas isso é um capítulo que não convém tratar aqui.

Parte como consequência do estado de guerra em que se achava o Brasil, e parte como resultado da declaração de guerra da Prússia à Áustria, em 1866, apesar da ida de Blumenau à Alemanha, não foi possível incrementar a imigração, e o número de colonos entrados foi relativamente insignificante.

Continuaram os trabalhos de aplainamento do local e transporte de material para a construção das igrejas católica e protestante, já iniciadas.

O Dr. Blumenau casou-se, em 1867, na Alemanha, com Berta Repsold, filha de Jorge Repsold, fabricante de instrumentos óticos.

Nesse mesmo ano, Blumenau compareceu, com uma representação brilhantíssima, à Exposição Universal de Paris. O Dr. Blumenau, que se encontrava na Europa, orientou a organização das mostras de produtos da colônia, de dados estatísticos em quadros bem elaborados, que serviram, ao mesmo tempo de atestados da pujança da colônia e da atividade de seus habitantes e de um veículo de propaganda inteligente e eficiente.

O júri supremo conferiu à colônia de Blumenau um dos 12 grandes prêmios: Diploma de honra, medalha de ouro e 10.000 francos em dinheiro, que não foram recebidas senão anos mais tarde.

Ainda em 1867 o Governo da Prússia nomeou seu cônsul na colônia, o Sr. Vitor Gaertner, sobrinho de Blumenau. Em fevereiro, o Presidente da Província, Dr. Adolfo de Barros, visitou a colônia que, em maio seguinte, também recebeu a visita do ex-presidente da Província, Dr. Inácio da Cunha Galvão.

Começaram-se os trabalhos de exploração e abertura de um caminho que ligasse a sede da colônia de Blumenau à de Brusque, instalada pelo Governo Provincial às margens do Itajaí-Mirim. Esse caminho não seguia o atual traçado por Gaspar e Barração, mas partia da sede da colônia pela margem direita do ribeirão Garcia, passando pelas minas de chumbo.

Durante todo esse ano e o seguinte, Hermann Wendeburg manteve-se na direção da colônia, como substituto do Dr. Blumenau. Era um digno represen-



tante do fundador, honesto, trabalhador, ativo, inteligente, parcimonioso nos gastos, minucioso no emprego das verbas, enfim, um homem capaz de substituir Blumenau onde quer que a experiência, o conselho e a orientação do fundador se fizessem necessários.

Foram solenemente colocadas as pedras fundamentais das igrejas católica (20 de setembro de 1868) e protestante (23 do mesmo mês e ano). Nesse ano, o pastoreio d'almas continuava sob a orientação do Pastor Oswaldo Hesse, enquanto que os católicos tinham como vigário o Padre Antônio Zielinski, substituto do Padre Gattone.

Nesse ano de 1868, o aumento da imigração foi enorme. Entraram 1.686 imigrantes vindos diretamente de Hamburgo, de sorte que, com eles, a população da colônia ascendeu a 5.126 almas.

Esse acréscimo forçou o Governo a mandar para a colônia uma comissão de engenheiros e agrimensores, para que não se demorasse a instalação definitiva dos colonos recém-chegados em seus respectivos lotes.

A 23 de novembro de 1869 regressou o Dr. Blumenau da Alemanha, reassumindo a direção da colônia.

O Padre Antônio Zielinski é substituído no posto de vigário da paróquia, com sede ainda em Gaspar, pelo Padre Guilherme Römer.

Completava a colônia, em fins de 69, o vigésimo aniversário de existência. Estava com 5.985 habitantes, distribuídos entre 1.240 famílias. Recapitulandose a entrada de imigrantes nesses vinte anos, teremos:

de 1850 a 1859 - 947 entradas

de 1860 a 1869 – 4511 entradas

Deram-se nesse período 1.306 nascimentos e 420 óbitos.

Existiam: 76 engenhos de açúcar, 62 alambiques, 65 engenhos de farinha de mandioca, 83 carroças de 4 rodas com eixo de ferro, 8 olarias, 2 fábricas de louça de barro, 1 fábrica de cerveja, 1 de vinagre, 6 de charutos, 18 engenhos de serrar, 3 descascadores de arroz, 2 moinhos de azeite, 36 marceneiros, 35 carpinteiros, 8 açougueiros, 5 torneiros, 4 construtores de engenhos, 2 encadernadores, 1 relojoeiro, 27 pedreiros, 2 padeiros, 13 ferreiros, 1 ourives, 2 latoeiros, 6 serralheiros, 16 alfaiates, 19 sapateiros, 6 seleiros, 1 médico, uma farmácia, 3 parteiras, 17 casas de secos e molhados, 22 casas de pasto e pensões, 2 escolas públicas primárias e 5 particulares. As duas primeiras eram regidas: por Vitor von Gilsa a de meninos, e por Apolônia von Buettner a de meninas.

Citamos de propósito esses números, pois eles, mais do que quanto fraseado elogioso pudéssemos alinhar, falam do magnífico progresso que Blumenau teve a nesses 20 anos de vida.

Bem poderia o fundador orgulhar-se da sua obra. Os seus sonhos tinham já agora a sua realização assegurada.



O ritmo desse progresso mais se acelerou nos anos seguintes.

Plantada, como estava, a boa semente, cuidada carinhosamente por mãos hábeis e dedicadas, não havia como obstar ao seu estabelecimento.

Rebentara a guerra entre a Alemanha e a França e, como conseqüência, a imigração em 1870 e 71 foi quase nula. 33 colonos no primeiro e 23 no último desses anos.

Em compensação, os nascimentos ocorridos na colônia foram, respectivamente, de 243 e 335.

Em 1870, em princípios de agosto, o Presidente da Província, Dr. Manoel da Fonseca Galvão, visitou a colônia e, no ano seguinte, o engenheiro Emílio Odebrecht explorou os vales dos rios Itajaí do Norte e dos Índios, a nordeste da colônia, e em cuja direção ia a mesma se estendendo.

Nova visita do Presidente da Província, Dr. Delfino Pinheiro d'Ulhoa Cintra, e do Chefe de Polícia, em 1872.

Em 1873, a lei provincial nº 694, de 31 de julho, elevou Blumenau à paróquia, desmembrando-a da de Gaspar. A nova paróquia tomou a denominação de São Paulo Apóstolo.

A imigração continuava frouxa, tendo entrado na colônia, de 1870 a 73, pouco mais de 700 colonos.

O nome de Blumenau já havia ultrapassado as fronteiras da Província e até mesmo do Império, de sorte que, constantemente, era visitada por altas autoridades nacionais e estrangeiras. A vida na colônia decorria em paz e em abundância. A agricultura e as pequenas indústrias faziam constantes progressos. Havia bom entendimento entre os colonos dos diversos credos religiosos, de sorte que se auxiliavam mutuamente na construção de seus templos e capelas. A "Kulturverein", cujos serviços à colônia jamais poderão ser suficientemente apreciados, continuava em suas reuniões semanais regulares, promovendo concursos e exposições de produtos regionais, repartindo instruções de plantio e mudas de plantas. Nesse ambiente de interesse pelo cultivo sempre mais aperfeiçoado da terra, pela ilustração do espírito e perfeição moral, os colonos mantinham as suas reuniões de caráter recreativo na Sociedade de Atiradores, nos bailes públicos e particulares, de que os colonos alemães gostam profundamente.

Em 1874 a colônia perdeu um dos seus grandes amigos e dos que maiores serviços lhe tinham prestado até então, o professor Vitor von Gilsa. Nomeado professor público da colônia nos primeiros anos de sua fundação, manteve-se nesse cargo com rara dedicação. Em 1865 comandara, como vimos, o corpo de voluntários que seguira para os campos do Paraguai. Regressando, reassumira as antigas funções, nelas continuando até sua morte, ocorrida no domingo, 8 de novembro, do ano citado. Seu nome merece menção especial entre os colaboradores do Dr. Blumenau. Foi modesto e simples, e o seu trabalho, realizado no silêncio, sem os-



tentação, foi, indubitavelmente, de alto significado na vida da colônia.

Ainda com vistas àqueles que, com o intuito único de menosprezar a obra do Dr. Blumenau, lhe atribuem sentimentos de anti-brasilidade, e aos seus colonos, ontem como hoje, alegando teimosia criminosa em não se adaptarem aos usos e à língua do país, vamos transcrever, sem comentários outros, sobre à morte de von Gilsa, em seu relatório anual:

"O ensino na escola pública do sexo masculino foi no mês de novembro interrompido pelo falecimento do professor Vitor von Gilsa, não sendo o cargo até agora e de novo provido pela dificuldade de se achar um professor idôneo, que saiba ensinar em ambas as línguas, a vernácula e alemã, aptidão esta que é indispensável neste lugar, para que o ensino seja realmente frutífero".

O vigário da paróquia, Padre Roemer, seguira para a Europa, de licença. Ficou a população católica de Blumenau por vários meses de 1874 sem cura d'almas. O Padre João Maria Cibeo, jesuíta italiano, que prestou inestimáveis serviços à evangelização das populações do interior catarinense, visitou por esse tempo a colônia, nela se demorando alguns dias, administrando os sacramentos e pregando. No segundo semestre desse ano, por várias vezes, o vigário de Joinville, Padre Boegershausen, visitou Blumenau, tendo, a pedido do próprio Dr. Blumenau, assumido as funções de cura da paróquia.

Nesse mesmo ano de 1874 foram adquiridos os materiais para o início da construção da sede da diretoria, prédio que foi terminado dois anos depois e que, por vários decênios, serviu para a Câmara Municipal e, posteriormente, para a Prefeitura Municipal. Esse prédio foi reformado no governo do superintendente Paulo Zimmermann e transformado em 1939 no atual edifício da Prefeitura, durante a gestão do prefeito Ferreira da Silva.

Em 1875 a imigração teve extraordinário aumento com a entrada de 1.129 imigrantes, na sua maioria do Tirol italiano, então sob o domínio austríaco. Esses imigrantes foram localizados às margens dos ribeirões Cedros, Rodeio, S. Pedrinho, Ascurra, Guaricanas, e formam hoje o próspero município de Rodeio e parte dos de Indaial e Timbó.

Continuou intensa a imigração no ano seguinte, quando entraram 1.078 colonos, na maioria ainda do Tirol e da Itália.

Muitos dos elementos entrados com essas levas de imigrantes, eram de maus precedentes. Sucederam-se bebedeiras e brigas, algumas até, que resultaram em homicídios. Isso alarmou o diretor e os colonos anteriormente chegados, alterando a vida normal da colônia. Em seu relatório de 1876, dando conhecimento ao Governo, dessas alterações, Blumenau fala das providências tomadas com a vida de um oficial de polícia para delegado e da necessidade da construção de uma cadeia e, pela primeira vez, na emancipação da colônia e sua elevação a município.

Em dezembro desse ano, de 16 a 18, o Dr. Alfredo d'Escragnolle Tau-



nay, então Presidente da Província, visitou a colônia, inteirando-se das suas necessidades e determinando providências para sanar falhas que encontrara. Taunay foi um grande amigo de Blumenau.

Em 1876 existiam na colônia, cuja população era de 10.426 habitantes, 2 escolas públicas com 84 alunos e 27 escolas particulares disseminadas pelas várias linhas coloniais, com mais de 700 alunos matriculados.

E aqui vale a pena a transcrição de um precioso trecho do relatório de 1876:

"A instrução na língua nacional deu-se no mesmo regulamento a importância não somente devida e conveniente, mas também perfeitamente reconhecida por todo e qualquer colono algum tanto inteligente, como um elemento essencialíssimo para a futura prosperidade de seus filhos em este vasto País. Não passando de gracejo de mau gosto, de parvoíce ou acinte, as insinuações ou acusações de que os habitantes alemães desta colônia se obstinassem em não aprenderem, nem aos seus filhos fazerem aprender a língua do mesmo país, ou ainda sendo elas a filha do mais completo desconhecimento das circunstâncias locais e dificuldades existentes, muito ao contrário todos sentem a cada dia e passo os graves inconvenientes, incômodos e palpáveis prejuízos que a ignorância da mesma língua causa a eles mesmos e ao futuro de seus filhos. Mas, como remediar, e com brevidade, o mal, quando numa população de mais de dez mil almas, disseminada sobre vasta superfície, existem apenas duas aulas públicas, não parecendo permitir as leis e finanças da Província a criação de número maior e mais correspondente? Quando não existe seminário ou escola normal para os próprios filhos do País ou da Província e muito menos para os de países estrangeiros, que pretendam aprender corretamente a língua vernácula, para, em seguida, poderem ensiná-la aos seus discípulos na língua que estes entendam? Quando enfim já é bem difícil encontrar pessoas mediocremente idôneas para uma instrução rudimentar na sua língua própria e materna e que se queiram prestar a tal tarefa por um salário, em regra geral, miserável?".

Em meados de setembro de 1876, estabeleceu-se na colônia, como capelão, o Padre José Maria Jacobs, alemão de nascimento, naturalizado cidadão norteamericano, engajado pelo Governo Imperial.

A matriz não estava ainda ultimada, mas as missas e demais cerimônias religiosas já eram nela celebradas, pois, em dezembro anterior, com grandes festividades, leilões de prendas e jogos, era consagrada a nave do templo para aqueles fins.

Com a chegada desse virtuoso sacerdote, que teve papel saliente em muitos acontecimentos de vulto na história blumenauense, não apenas os negócios espirituais ficaram amparados. Ele foi um fator de preponderante importância em muitos empreendimentos sociais e econômicos da colônia, concorrendo eficientemente para o seu progresso e engrandecimento.



Falaremos dele em outras oportunidades.

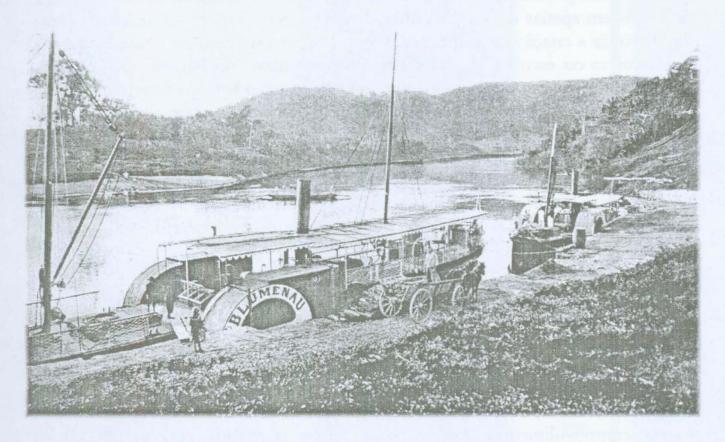
Terminada que ficou a construção destinada à instalação dos negócios de diretoria, esta se mudou das antigas salas, numa casa particular, para o novo prédio, a 1º de setembro de 1877.

Também nesse mesmo mês e ano, a 23, foi inaugurada, com grandes festas, a igreja evangélica; dedicada ao Espírito Santo, na sede da colônia.

Com cerimônia imponente teve lugar, a 2 de junho do ano seguinte, na igreja matriz, a instalação da Freguesia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, anteriormente criada. Passou, assim, o então capelão católico da colônia, Padre José Maria Jacobs, ao posto de vigário da freguesia, com a côngrua de 60 mil réis mensais.

Nesse, como no ano anterior, a imigração para a colônia foi diminuta. Vieram mais algumas famílias de italianos e austríacos. Em 1879 entraram 450 novos imigrantes.

Em fins desse ano de 1879 fundou-se a Sociedade de Navegação Fluvial, que adquiriu um navio a vapor, de rodas, o "Progresso" e, posteriormente, o "Blumenau", também de rodas laterais, os quais prestaram assinalados serviços no transporte de cargas e passageiros da vila de Itajaí, na foz do rio desse nome, à freguesia de Blumenau, sede da colônia.



Vapor Blumenau ancorado no Porto de Blumenau. Aos fundos o Vapor Progresso, o primeiro adquirido para a Colônia (1879).



Outro acontecimento ocorrido em fins de 1879 foi a fundação de uma pequena fábrica de tecelagem, em que eram principais interessados os irmãos Hering, Karsten e Hadlich. Esse modesto estabelecimento fabril, com o decorrer dos anos, transformou-se no colosso que são hoje as Fábricas Hering, no vale do Bom Retiro, sem dúvida dos mais importantes, senão o mais importante dos fatores que transformaram Blumenau num dos centros industriais de maior atividades do Brasil.

Chegamos, finalmente, a 1880, ano da emancipação política de Blumenau.

Realmente, a 4 de fevereiro de 1880 foi sancionada pelo Presidente da Província, Olímpio de Souza Pitanga, a lei nº 860, que desmembrou do município de Itajaí as freguesias de São Pedro Apóstolo de Gaspar e de São Paulo Apóstolo de Blumenau, para constituírem um município autônomo com sede em Blumenau, que passou à categoria de vila.

Essa lei foi consequência não só do grande desenvolvimento da colônia de Blumenau, da sua agricultura e das suas indústrias, como, especialmente, das sugestões do Dr. Blumenau, que, em quase todos os relatórios dos últimos anos, insistia pela efetivação de medida tão necessária ao bom andamento dos negócios administrativos do seu estabelecimento.

O Governo Imperial, pelo decreto 7.693, de 20 de abril, ratificou o decreto de emancipação de Blumenau.

Judiciariamente, Blumenau continuaria dependendo da Comarca de Nossa Senhora da Graça, com sede em São Francisco. Os habitantes reger-se-iam pelo código de posturas de Itajaí, enquanto não elaborasse a Câmara os seus próprios estatutos.

A mesma lei de emancipação criou, também, no novo município, um ofício de Tabelião do Público, Judicial e Notas, Capelas, Resíduos e Escrivão de Órfãos e Ausentes e uma Coletoria das Rendas Provinciais.

Os preparativos necessários à instalação do município decorriam céleres e em meio à maior animação, quando ocorreu uma grande desgraça.

Quase que anualmente, as águas do Itajaí-Açu, engrossadas pelas chuvas de primavera, transbordavam do leito natural para invadir casas e plantações ribeirinhas. Essas enchentes causaram sempre prejuízos mais ou menos consideráveis. A população já estava acostumada a esses contratempos periódicos.

Em setembro de 1880, entretanto, depois de dias seguidos de chuvas torrenciais em toda a zona do litoral e da serra, as águas do Itajaí cresceram de forma assombrosa, provocando uma enchente que tomou caráter de verdadeiro cataclisma nacional.



Vestígios da enchente de 1880, na atual Alameda Duque de Caxias (Rua das Palmeiras). O traço em branco marca a altura das águas.

Um jornal da época noticiou o fato da seguinte maneira:

"A colônia de Blumenau foi atingida por uma grande desgraça. Depois de muitas horas de chuva torrencial, as águas do Itajaí subiram a tal altura e tão repentinamente que a maior parte dos atingidos mal pôde salvar a vida. Não há palavras que possam descrever a enorme catástrofe. Perderam-se vidas preciosas e os danos materiais foram incontáveis: casas demolidas, plantações destruídas. Casas inteiras foram arrastadas pelas águas. A uma e meia da madrugada começou a se manifestar o perigo. Embora no dia antecedente só se ouvisse falar em possibilidade de inundação, as águas tudo invadiram, despertando homens e animais. Foi com ânsia enorme que se esperou o clarear do dia para início da obra de salvamento. Neste, tomaram parte eficiente o comandante e a tripulação do vapor "Progresso", incansáveis no transporte de pessoas do Garcia e da vila, recolhendo-os nas igrejas católica e protestante. A eles, principalmente, se deve o fato de não ter havido perdas de vida a lamentar na vila e em seus bairros próximos. Com o nascer do dia, as colinas das igrejas citadas encheram-se de gente, que foi socorrida pelo Padre Jacobs e pelo Pastor Sandreczki. O número de pessoas que se refugiaram nas igrejas era grande, e indescritível o espetáculo que ali se observava. As crianças, tiritando de frio, chorando aos gritos, punham naquele cenário tristíssimo uma nota de desespero. Algumas famílias conseguiram salvar alguma coisa de seus haveres; outras ficaram, apenas, com a roupa do corpo. Os objetos que iam sendo



retirados das águas eram amontoados na maior desordem. Os moços fizeram fogo, improvisando uma cozinha. Em volta, toda a enorme extensão parecia um mar.

Medonhas correntes de água arrastaram portas, janelas, móveis e animais. O "Progresso" e outras embarcações venciam, com dificuldades, o ímpeto das águas, orientando-se pelas copas emergentes dos altos coqueiros. No dia 26, as águas começaram a baixar, aparecendo, então, as cumeeiras dos prédios. E, na proporção da vazante, iam-se constatando e avaliando os prejuízos sofridos. Aqui, uma casa completamente demolida; ali, dezenas cobertas de lama negra; os objetos e utensílios de uso doméstico completamente inutilizados. Onze foi o número de pessoas que pereceram no grande desastre". As águas atingiram a 15 metros e trinta centímetros acima do nível normal.

O Governo Imperial e Provincial resolveram prorrogar a instalação do município até que fosse ultimada a reparação dos danos causados por essa grande catástrofe, quer nos edifícios públicos e estradas, quer na propriedade particular. Além do auxílio oficial, vieram donativos de toda parte do País e do estrangeiro, para os reparos dos grandes danos sofridos. Os indivíduos prejudicados foram razoavelmente indenizados, de sorte que, pouco a pouco, a vida da colônia foi entrando em absoluta normalidade, sob as vistas da comissão dirigida pelo engenheiro Joaquim Rodrigues Antunes, que chegou a Blumenau a 2 de novembro de 1880.

Esse engenheiro casou-se mais tarde com uma filha de Guilherme Friedenreich, e viera encarregado de distribuir os socorros e orientar os serviços de reconstrução, como também os indispensáveis à instalação do município.

Esses trabalhos, que duraram até 1882, custaram ao Governo a respeitável soma de Cr\$ 327.762,00.

Com o primeiro dia do ano de 1881, veio a lume o "Blumenauer Zeitung", semanário que, sob a direção de Hermann Baumgarten, foi publicado, com pequena interrupção, até 1938, aparecendo aos sábados.

Em 1882, em janeiro, foi dissolvida a Direção da Colônia, e por decreto nº 8.454, de 18 de março desse ano, ficaram emancipadas também as partes da colônia que não tinham sido incluídas no decreto anterior, ou seja, até os terrenos marginais dos rios do Sul e Oeste.

O Dr. Blumenau viu-se, assim, dispensado das funções que vinha exercendo. Sua família partiu em agosto para a Alemanha.

Durante os trabalhos da Comissão Antunes, verificaram-se incidentes desagradáveis entre membros dessa comissão e colonos do Warnow, tendo o Governo feito marchar para Blumenau uma escolta de 20 soldados para garantir a comissão. A presença dessa força exaltou ainda mais o ânimo da população, que reclamava do Governo a sua retirada imediata. Manteve, porém, o Governo da Província o ato e determinou ao Chefe de Polícia que abrisse inquérito para a punição dos culpados.



Tanta celeuma levantou a questão que até a Câmara Imperial dela tratou. Distinguiu-se na defesa dos colonos, exprobrando o Governo pela dispensa do Dr. Blumenau da direção da Colônia, o Visconde Alfredo d'Escragnolle Taunay, então senador.

Parece, entretanto, que nem toda a razão estava do lado dos colonos, que se diziam roubados pelo Dr. Antunes em seus salários na reconstrução de pontes e estradas. Não, porque o próprio Dr. Blumenau, que ainda se encontrava na colônia, assistindo-a com o seu conselho e a sua experiência, concordou com o Governo na permanência de força policial para manter a ordem alterada.

Finalmente, em julho desse mesmo ano de 1882, realizou-se a eleição para a primeira câmara municipal.

O número de eleitores era de apenas 49, sendo 14 no distrito de Blumenau e 35 no de Gaspar.

Foram eleitos vereadores Luis Sachtleben, Otto Stutzer, Jacob Zimmermann e Francisco Salvio de Medeiros. Juízes de Paz foram eleitos o Dr. W. Eberhardt com 11 votos, Júlio Baumgarten com 10, Francisco da Rocha com 8, Guilherme Scheeffer com 8 e outros menos votados. Eberhardt era agente do correio. Não podia, portanto, exercer funções eletivas.

Nesse pleito haviam sido eleitos apenas 4 vereadores, quando o número legal era de 7. Foi, portanto, designado o dia 30 de julho para realizar-se a escolha dos vereadores faltantes. Foram eleitos José Henrique Flores Filho, José Joaquim Gomes e Henrique Watson, os dois primeiros moradores do distrito de Gaspar e o último da vila de Blumenau.

Como suplentes foram eleitos Adão Schmitt (Gaspar) e Guilherme S-cheeffer (Blumenau).

Finalmente, com extraordinárias solenidades e geral alegria em todo o território da antiga colônia, foi instalado, a 10 de janeiro de 1883, o município de Blumenau.

O ato da instalação e posse de sua primeira Câmara foi presidido por Luís Fortunato Mendes, presidente da Câmara de Itajaí, secretariado por Luís Vitorino da Silva e assistido por grande número de pessoas de destaque na vila, além de Olímpico Aniceto da Cunha e Ernesto Augusto Bustamante, vereadores de Itajaí, que dali vieram especialmente.

Empossados os vereadores, escolheram para seu presidente a José Henrique Flores Filho e nomearam procurador, secretário e fiscal, respectivamente, a Avé-Lallement, Guido von Seckendorf e Otto Wehmuth.

Iniciada, assim, a vida administrativa de Blumenau, a Câmara deu princípio aos seus trabalhos, realizando, mensalmente, várias sessões.

Antes de passarmos à terceira parte do nosso trabalho, ou seja de 1883 até a atualidade, precisamos fazer um ligeiro retrospecto, para conhecermos o grau



de adiantamento que a colônia adquirira nos últimos anos, e o estado em que se constituiu em município autônomo.

Para não sacrificarmos o natural seguimento dos fatos principais que anotamos, não fizemos menção das várias sociedades culturais, recreativas e comerciais, que se foram fundando no decorrer dos períodos anteriores. E nem delas poderemos tratar, senão muito pela rama, pois temos que restringir o quanto possível a nossa narração, para ficarmos dentro dos limites que nos foram marcados.

A "Kulturverein", que já nomeamos linhas atrás, foi, a nosso ver, a mais interessante das que se fundaram na colônia.

Além de sua finalidade cultural, tinha também a de prestar auxílio à direção da colônia, fazendo dela propaganda no País e no estrangeiro, por meio de escritos e exposições, e a de cuidar da melhoria dos meios de cultivo da terra, da industrialização de seus produtos, etc.

Realizava reuniões semanais, durante as quais um dos sócios dissertava sobre assunto previamente estabelecido. Fritz Müller fez comunicações interessantes.

A Sociedade de Atiradores, fundada em 2 de dezembro de 1859, congregava também os melhores elementos da colônia. A festa anual, realizada geralmente pela solenidade do Espírito Santo, era sempre esperada com ansiedade e constituía acontecimento social de marcante relevo.



Sociedade de Atiradores Blumenau - Festejos dos 25 anos de fundação (1884)



A "Frauenverein" reunia as senhoras principais da colônia para defesa dos interesses da mulher blumenauense. Tinha caráter beneficente. Mantinha cursos de utilidades domésticas, auxiliava as parturientes e recém-nascidos pobres, e construiu, mais tarde, uma maternidade modelar, que ainda hoje funciona.

A "Krankenunterstützungsverein", ou seja, "Sociedade de Auxílio aos Enfermos", foi organizada para o fim de, construir um hospital onde fossem recolhidos e tratados os colonos de poucos recursos. Esse hospital foi ultimado em 1873, modesto e de fracos recursos, mas, mesmo assim, tem prestado muitos e bons serviços à colônia.

Foi depois transferido ao município, que o ampliou e finalmente construiu-lhe novo prédio, melhor adaptado aos seus fins.

A "Gesangverein Germania", que, como o nome está indicando, era especialmente destinada à prática dos cantos orfeônicos, de que os colonos alemães são tão grandes admiradores. Com esse fim havia também o "Gemischter Chor".

Ao iniciar-se a vida administrativa autônoma, de Blumenau, a sua população era de 16.380 habitantes e a superfície do município de 11.000 quilômetros quadrados, que compreendiam dois distritos de paz: o de São Pedro Apóstolo de Gaspar e o de Blumenau.

Segundo a idade, a população se dividia em:

	Homens	Mulheres
Até 10 anos	3115	3192
De 10 a 20	1378	1312
De 20 a 50	3652	3174
Demais de 50	330	227
Total	8475	7905

Desses, 6.290 (38,5%) eram católicos; 10.088 (61,5%) protestantes, e 2 judeus.

O número de fogos era de 3.255, de forma que se podem calcular 5 pessoas por família.

Havia no novo município 150 engenhos de açúcar, 152 engenhos de farinha de mandioca, 6 descascadores de arroz, 29 moinhos de fubá, 38 engenhos de serrar, 12 olarias, 3 fábricas de louça de barro, 2 fábricas de tecidos de algodão, 8 cervejarias, 4 fábricas de vinho e vinagre, 10 padarias, 4 açougues, 2 fábricas de sabão, 1 litografia e tipografia.

Constavam 41 pedreiros, 25 canteiros, 5 carpinteiros, 22 marceneiros, 4 torneiros, 12 fabricantes de carroça, 4 serralheiros, 24 ferreiros, 4 mecânicos, 4 latoeiros, 1 caldeireiro, 2 relojoeiros, 3 curtidores, 27 sapateiros, 6 seleiros, 13 alfaiates, 3 modistas, 2 pintores, 9 charuteiros, 3 construtores, 1 farmacêutico, 2 médi-



cos, 4 parteiras, 32 casas de secos e molhados, 12 hotéis.

Além da vila, formavam-se já povoações em Itoupava-Seca, Itoupava Norte, Badenfurt, Passo Manso, Encano, Indaial, Carijós, Timbó, Cedros, Rodeio, Warnow, Ascurra, Aquidaban, onde já havia casas de negócio, capelas, escolas, etc.

A exportação no ano anterior ao da instalação foi de 420 mil cruzeiros e a importação de 479 mil cruzeiros. Os principais artigos exportados foram: madeira em tábuas e pranchões, açúcar, cachaça, farinha de mandioca, feijão, fumo em folha, milho, manteiga, banha, conservas de carne, ovos e aves.

Os principais artigos importados foram: farinha de trigo, carne-seca, bebidas, tecidos, artigos de ferro, chumbo, utensílios para lavoura e ferramentas, petróleo, óleos, sal e tintas.

De animais domésticos contavam-se: gado vacum, especialmente vacas leiteiras, 9.756; cavalos, 2.726; burros, 468; porcos, 28.450; carneiros, 124; cabras, 49; aves, 104.000.

Vê-se, por aí, que ao deixar o Dr. Blumenau a direção da colônia, esta alcançara um grau de progresso tão grande que ele bem poderia ufanar-se da sua obra.

Regressando, definitivamente, à sua terra natal em 15 de agosto de 1884, Hermann Blumenau podia levar a certeza de que entregara ao País um núcleo de produção e trabalho que, pelos anos em fora, seria, para todos os brasileiros, um motivo de justo orgulho.

Custara-lhe essa obra sacrifícios insanos e dias e noites de trabalho extenuante, de desgostos e de desesperos.

O Brasil pagar-lhe-á em reconhecimento o que não pôde dar-lhe em prêmios, ainda em vida.

A posteridade bendirá o seu nome, como nós o bendizemos agora no momento em que comemoramos o centenário do seu estabelecimento.

O município de Blumenau, de sua instalação em 1883 à data do centenário

José Henrique Flores Filho, presidente da Câmara, geriu os destinos municipais até 7 de janeiro de 1887.

Era natural da cidade de Itajaí, filho de José Henrique Flores e de sua esposa Maria Clara da Silveira. Era ativo e enérgico. Sua influência na administração e na vida política do novo município caracterizou-se por um sem número de atos de que resultaram muitos benefícios a Blumenau.

Nomeado coletor das rendas provinciais, tomou posse desse cargo a 15 de junho de 1888 e abandonou a política. Faleceu vítima de um desastre, quando



se dirigia de aranha para sua residência no Garcia.

Na sessão de 3 de fevereiro de 1883 foram dados os nomes de Boulevard Wendeburg à atual Alameda Dr. Blumenau (rua das Palmeiras) e Rua Taunay à hodierna rua dos Atiradores (Piauí).

Nesse mesmo ano de 1883, em abril, foi posto em execução, depois de aprovado pela Assembléia Provincial, o primeiro código de posturas do município.

Se há, nesse documento, muitos artigos que nos fazem hoje sorrir, pela sua ingenuidade, há outros que revelam bom senso apurado no encarar o futuro do município, a defesa da saúde e da propriedade individual, e o estímulo no aumento da riqueza pública.

O artigo 2º dizia: "Os que assustarem qualquer animal de montaria ou de carruagem, nas ruas e estradas, ficarão multados em 4\$000".

O artigo 13: "Fica proibido nas casas de pasto, tabernas e outras casas públicas, o uso de panelas ou outras quaisquer vasilhas de cobre. O infrator pagará a multa de 10\$000".

O artigo 16: "Fica proibido fazer vozerias, alaridos e dar gritos nas ruas e praças: multa de 4\$000 ao infrator".

O artigo 27: "Nenhum proprietário poderá proibir que em suas terras entre o seu vizinho para o fim de extinguir formigueiros. Aquele que a isto se opuser será multado em 4\$000".

A atitude do "Blumenauer Zeitung", atacando desabridamente a atuação da Comissão Antunes, deu origem a que os amigos desse engenheiro e partidários de sua atuação orientassem e concretizassem a fundação de um novo órgão de imprensa, "Immigrant", cujo primeiro número apareceu a 4 de abril de 1883. Redatoriava-o C. W. Friedenreich, sogro de Antunes, e de quem já nos ocupamos várias vezes. Esse jornal, tempos depois, foi substituído pelo "Der Urwaldsbote", que foi publicado até 1943, quando as circunstâncias oriundas do estado de guerra entre o Brasil e a Alemanha forçaram o seu desaparecimento. A assinatura do "Immigrant", que aparecia às quartas-feiras, era de Cr\$ 7,00 por ano e Cr\$ 4,00 por semestre.

A 15 de dezembro de 1884, o Conde d'Eu, Consorte da princesa imperial D. Isabel, visitou a colônia.

A título de curiosidade, e para que se possa fazer uma idéia da vida de Blumenau nos seus primeiros anos de autonomia política, vamos traduzir para estas linhas o que "Immigrant" publicou a respeito dessa honrosa visita:

"No dia 15 do corrente, pelas 16 horas, chegou aqui Sua Alteza Imperial o Conde d'Eu, que foi festivamente recebido pela Câmara Municipal, pela Comissão de Agrimensores e grande número de outras pessoas. Logo que o vapor "Progresso" se aproximou do cais, no qual se apinhavam as autoridades e grande massa popular, a banda de música tocou o hino nacional. Durante a atracação do vapor,



foram levantados muitos vivas à Sua Alteza e à Família Imperial, tendo em seguida o vigário Padre Jacobs - que já conhecia Sua Alteza - apresentado o visitante e sua comitiva às autoridades e pessoas gradas. Aos sons da banda de música e do repique dos sinos, e acompanhado de grande massa popular, S. Alteza dirigiu-se para a igreja católica, sendo recebido por festivas salvas de morteiros. A festa religiosa encerrou-se com um solene Te Deum e um discurso em português e alemão, com o qual o vigário Jacobs traduziu a alegria da população pela visita e a lealdade que todos os moradores deste município juravam à Casa Imperial do Brasil, prontos a dar os seus bens e o sangue pelos interesses da Monarquia Brasileira. De regresso da igreja, S. Alteza visitou a Câmara Municipal e as Coletorias. As suas perguntas, dirigidas aos diversos membros da Câmara, causaram admiração a muitos, pois não só demonstravam grande interesse por tudo quanto dizia respeito ao município, como denotavam em Sua Alteza um perfeito conhecedor da zona rural. Da Câmara, Sua Alteza dirigiu-se para a Casa Schreep, onde lhe foram reservados aposentos, e onde Sua Alteza encontraria o maior conforto. Depois do jantar e já ao anoitecer, Sua Alteza deu um passeio pelas ruas que já apresentavam uma iluminação como nunca se viu nesta vila. Pelo meio das Palmeiras do Boulevad Wendeburg ostentavam-se lanternas de todas as formas e cores e, no princípio desse boulevard, um "arco de triunfo" com bandeiras, desenhos e lâmpadas coloridas, o que dava à via pública um aspecto maravilhoso. Algumas casas particulares, como as de Friedenreich e Lungershausen, aumentavam, com a sua iluminação, o esplendor da festa. Às 9 horas da noite, foi improvisada no salão dos Atiradores uma reunião dançante em honra de Sua Alteza. Ontem, dia 16, visitou Sua Alteza as escolas, a igreja evangélica e o escritório da Comissão de Agrimensores e fez um passeio até os arredores da vila. Às 121/2 dirigiu-se para bordo do "Progresso", depois de despedir-se de todos em forma muito afetuosa e de agradecer ao Presidente da Câmara a festiva recepção. A lembrança dessa visita, em todos quantos se aproximaram de Sua Alteza, deixa grata impressão, pois os modos afáveis do Príncipe são mesmo de captar todas as simpatias".

Por volta de 1885, azedou-se a política municipal. "Blumenauer Zeitung" e "Immigrant", que nunca andaram às boas, entrarem em violentas polêmicas, nas quais os ataques pessoais estavam em primeiro plano.

Fritz Müller, escrevendo no "Blumenauer Zeitung" e Friedenreich no "Immigrant", provocaram protestos dos homens mais representativos do município.

Fritz Müller foi demitido do cargo, que até então ocupava, de naturalista viajante do Museu Nacional e, algum tempo depois, abandonou os amigos conservadores e apareceu escrevendo no "Immigrant", que representava a corrente liberal.

Nesse ambiente, realizaram-se em julho de 1886 as eleições para a Se-

gunda Câmara Municipal. Foram eleitos vereadores: Guilherme Scheeffer, com 14 votos; Francisco Lungershausen, também com 14 votos; Leopoldo Hoeschl, Jacob Zimmermann e Luís Altemburg, com 13 votos cada um; e os suplentes José Henrique Flores Filho, José Joaquim Gomes, Francisco Carlos Medeiros e Henrique Krohberger.

Essa eleição, quanto aos suplentes, e em vista de não terem os eleitos obtido a percentagem de votos estatuída em lei, foi anulada pela Assembléia Provincial, procedendo-se a nova, no mês de agosto. Foram, então, eleitos: Flores Filho com 38 votos, José Joaquim Gomes com 37 e Krohberger com 1 voto.

Reunida ainda sob a presidência de Flores Filho – e naturalmente por manobras deste – protestou a Câmara contra a eleição de Francisco Lungershausen e Henrique Clasen, sob o fundamento de não conhecerem eles o idioma nacional.

Neste ínterim – 4 de setembro de 1886 – a Assembléia Provincial cria o distrito de Indaial (lei 1.116) e designa o dia 30 de janeiro seguinte para as eleições de Juízes de Paz. Ainda nesse ano, instalou-se em Blumenau a Comissão de Terras e Colonização, chefiada pelo Dr. Vitorino de Paula Ramos, que teve depois papel saliente na política do município.

Chegara o dia em que os novos vereadores deveriam tomar posse de seus cargos. Flores Filho, apesar de consultado a respeito o presidente da Província, e de ter este declarado não haver inconveniente em se dar posse a vereador que desconhecesse a língua do País, negou, exatamente por esse motivo, juramento ao vereador Lungershausen.

Em sinal de protesto, abandonaram o recinto este último vereador, Guilherme Scheeffer, Henrique Clasen e Leopoldo Hoeschl, que recorreram à Presidência da Província.

Flores ficou sozinho.

De Desterro vieram, porém ordens terminantes. Os eleitos deveriam ser empossados e juramentados e realmente o foram em sessão de 10 de setembro, ocasião em que foi eleito presidente da Câmara, o vereador Guilherme Scheeffer e, vice-presidente, Leopoldo Hoeschl.

Precisamos citar alguns fatos ainda ocorridos sob a gestão de José Henrique Flores:

Em fevereiro de 1883, um jornal local publicou a seguinte nota: "O Sr. Hermann Hering Senior, que não só supre a nossa população com a sua fabricação de camisas de meia, como exporta grande quantidade, mandou vir da Europa uma nova máquina com a qual pretende fabricar meias".

Outra nota desse mesmo ano: "Segundo ouvimos, já se estendem até Belchior os postes da linha telegráfica. Assim, não durará mais muito que os habitantes de Itajaí possam conversar com os desta vila. Viva o progresso!"

A 27 de março de 1883, presidido pelo Juiz de Direito de Itajaí Dr. Francisco Martins Fontes, realiza-se em Blumenau a primeira sessão do Júri. Foram julgados vários réus, todos absolvidos. Noticiando essa reunião, o "Blumenauer Zeitung" termina assim a nota: "Antes de terminar esta notícia, exprimimos os nossos votos para que de futuro certos sujeitos que, durante o julgamento, riem alto e se comportam de maneira menos digna, sejam chamados à ordem pelo Juiz, pois essas palhaçadas não se adaptam ao local, nem fazem boa impressão nos jurados".

Elesbão Pinto da Luz, que foi fuzilado na revolução de 1891, na ilha de Santa Cruz, foi nomeado em 1883, tabelião da vila de Blumenau. Era cunhado de Hercílio Luz, mais tarde governador do Estado.

A lei n°1109, de 30 de agosto de 1886, assinada pelo Presidente da Província, Francisco José da Rocha, criou a Câmara de Blumenau.

Guilherme Scheeffer o segundo presidente da Câmara, foi um blumenauense operoso e progressista. Em todos os empreendimentos que eram levados a efeito no município, esse ativo cidadão estava sempre à dianteira. Na "Kulturverein", na "Sociedade dos Atiradores", na "Comunidade Evangélica", os seus conselhos eram ouvidos e respeitados. É uma figura que aparece em todos os acontecimentos da vida administrativa, política e social do incipiente município, como das de maior relevo.

No mês de agosto do ano de 1887, Scheeffer entrou no gozo de uma licença de dois meses, durante os quais foi substituído pelo vice-presidente Leopoldo Hoeschl.

Durante o governo da Câmara presidida por Scheeffer, vários foram os melhoramentos introduzidos no município e sua sede.

Deram-se providências para a instalação de uma estação telegráfica e da organização do Patrimônio Municipal. Em Gaspar foi criada uma escola pública para o sexo masculino. A estrada para Curitibanos e Lajes também mereceu a atenção da Câmara, por intermédio da qual Gottlieb Reif recebeu determinada importância para ultimar os trabalhos de que a referida estrada carecia.

Em 1888, Leopoldo Hoeschl foi eleito deputado provincial e, em Gaspar, deram-se sérios incidentes entre os colonos e o procurador da Câmara, por ocasião da cobrança de impostos. O Governo da Província teve que mandar um destacamento policial para a manutenção da ordem.

Tendo sido nomeado coletor das Rendas Provinciais, José Henrique Flores Filho despedia-se de seus pares em 15 de junho desse ano. Na sua vaga foi eleito, com 78 votos, o comerciante Gustavo Salinger.

A 22 de fevereiro de 1887 faleceu em Desterro, Capital da Província, Fernando Hackradt, o sócio do Dr. Blumenau na fundação da colônia, contando 70 anos de idade. Hackradt foi o fundador da atual "Carlos Hoepcke S. A."

75



Nessa época custava, em Blumenau, o quilo de carne verde de 1ª qualidade, 280 réis; carne de porco, 300 réis; toucinho fresco, 440 réis; carne seca, 440 réis; lingüiça, 800 réis; chouriços de sangue ou de fígado, 560 réis.

No quadriênio de 1883 a 1887, a exportação do município foi a seguinte: Banha, 366.577 quilos; carnes conservadas, 70.720 quilos; manteiga, 252.966 quilos; açúcar, 535.576 quilos; tabaco, 42.299 quilos; toucinho, 2.073 quilos; cera, 1.054 quilos; farinha de mandioca, 3.396 sacos; milho, 3.505 sacos; batatas, 386 sacos; cachaça, 125.735 litros; vinho de uvas, 3.408 garrafas; charutos, 4.397.000.

Christina Karsten, mandatária da morte de seu marido, e Frederico Franz, autor dessa morte, foram condenados pelo júri à pena capital. Essas duas condenações, aliás, foram as únicas penas de morte aplicadas pelo júri durante toda a existência da colônia e do município. Os condenados tiveram a sentença comutada para a de prisão perpétua por decisão do Imperador, para o qual fora interposto recurso.

Gustavo Salinger foi eleito presidente da Câmara em 7 de janeiro de 1889.

Comerciante, cônsul da Alemanha, homem de grande operosidade, Salinger subiu ao poder muito prestigiado.

Começara, porém, a administrar o município, e pôr em prática as suas iniciativas exatamente em época de grandes agitações políticas no País e que transformaram, afinal, o regime governativo.

Foi sob a presidência desse criterioso administrador que a Câmara blumenauense, a 25 de novembro de 1889, aderiu à República, já proclamada e aceita em todo o território nacional.

Com a mudança do regime, os arraiais políticos municipais ficaram completamente desorientados. Novos homens surgiram à frente da política municipal.

Salinger, pois, terminando o primeiro ano de sua gestão, foi substituído na presidência da Câmara, a 7 de janeiro de 1890, por Henrique Clasen, até então vice-presidente. Deixando o cargo, Salinger não mais apareceu na administração, dedicando toda a sua atividade ao comércio e às indústrias e, com outros capitalistas e industriais, iniciou obras que muito influíram no engrandecimento de Blumenau.

A gestão de Henrique Clasen foi efêmera.

Assumindo a presidência a 7 de janeiro, entregou-a a 18 do mesmo mês e ano ao Dr. José Bonifácio da Cunha, que fora nomeado pelo primeiro governador republicano do Estado para o cargo de presidente da Intendência Municipal, órgão que substituiu a Câmara Municipal.

Clasen continuou, porém, como vice-intendente.

Assim, o quinto administrador de Blumenau, médico que conquistou largo prestígio no município pelo seu altruísmo, inaugurou o período administrativo republicano no município, período que teve os seus primeiros anos muito agitados, como, aliás, aconteceu por quase todo o Brasil.

Bonifácio Cunha nasceu em Santo Amaro, Bahia, e formou-se na Faculdade de Medicina de Salvador. Fez parte da expedição Madeira-Mamoré, a que prestou serviços assinalados, tendo-lhe conferido o Governo, em recompensa, o hábito da Ordem de Cristo.

Adoeceu nessa expedição e, em busca de clima mais ameno, veio para Blumenau em 1885.

Não se envolveu, de princípio, em questões políticas. Dedicava-se, inteiramente, à profissão, conseguindo atrair as simpatias da população. Em pouco tempo aprendeu o alemão.

Mal, porém, foi proclamada a República, Bonifácio Cunha e Vitorino de Paula Ramos, comissário de terras, apareceram no cenário político, desenvolvendo extraordinária atividade.

Decretada a dissolução das Câmaras Municipais e consequente criação das intendências, foram nomeados intendentes de Blumenau: José Bonifácio Cunha, Henrique Clasen, Frederico Rabe, Gottlieb Reif e José Agostinho Pereira, sob a presidência do primeiro.

A 18 de janeiro de 1890 foi instalada a Intendência, revestindo-se o ato de excepcional importância e brilhantismo.

A 10 de fevereiro foi instalada a Câmara, tendo tomado posse do cargo de Juiz de Direito o Dr. Pedro Celestino Felício de Araujo, juiz municipal e de órfãos do extinto termo. Manoel dos Santos Lostada foi o primeiro promotor público.

A 8 de março de 1891 realizaram-se as eleições para deputados à Assembléia Constituinte Estadual, tendo Blumenau dado dois deputados; Vitorino de Paula Ramos e José Bonifácio da Cunha.

Hercílio Luz, que, pouco depois, iria desempenhar saliente papel na história do município e do Estado, havia sido nomeado Chefe da Comissão de Terras, em substituição ao Dr. Paula Ramos, que transferira residência para a Capital (7/2/91).

Promulgada a Constituição Estadual, foi designado o dia 31 de agosto, ainda de 1891, para eleição do superintendente e conselheiros municipais.

Foram eleitos nessa eleição, superintendente o Dr. Bonifácio Cunha com 1062 votos, e conselheiros municipais Luiz Altenburg e outros.

Entretanto, nuvens prenunciadoras de fortes tempestades políticas amontoavam-se nos horizontes da Pátria.

Deodoro da Fonseca dissolveu o Congresso Nacional e a sedição estou-

rou em vários pontos do País. Floriano Peixoto assumiu o governo e obrigou muitos governadores que haviam aderido ao movimento contra Deodoro, a resignarem, enquanto o Congresso reclamava a reintegração dos que o mesmo movimento derribara do poder.

Em Desterro, as coisas também andavam pretas. Grupos de federalistas tentaram depor o governador Lauro Müller. Na Capital e nos municípios formaram-se grupos de republicanos para correr em defesa do governador ameaçado.

Em Blumenau, Hercílio Luz, auxiliado pelos demais republicanos, armou um numeroso contingente de colonos que, sob o seu comando, de von Ockel, Pedro Feddersen e outros, seguiram, nos vapores "Progresso" e "Jahn", para Itajaí e Porto Belo, onde desembarcaram para dirigir-se por terra à Capital. A viagem desse destemido grupo de mais de cem homens foi cheia de incidentes, alguns bem cômicos e pitorescos.

Chegados a Tijucas, receberam do Governador ordem de regressar, visto que Lauro Müller, obedecendo à imposição do 25° Batalhão de Caçadores, resolvera resignar para evitar inútil derramamento de sangue. O regresso dos blumenauenses deu-se por Nova Trento e Brusque, onde os esperavam carros e carroças vindos de Blumenau.

Já governava o Estado a Junta composta por Reis Falcão, Artur Deocleciano e Nunes Pires, quando, a primeiro de janeiro de 1892, o Dr. José Bonifácio da Cunha assumiu o exercício do cargo de superintendente municipal, para que fora eleito. Gustavo Salinger e Augusto Müller foram escolhidos presidente e vice-presidente do Conselho Municipal.

A Junta Governativa decretou, entretanto, a dissolução do Congresso e dos Conselhos Municipais, nomeando conselhos de Intendência que deveriam dirigir os municípios até as novas eleições.

Nos municípios organizavam-se fortes núcleos de resistência, tendo, em Tijucas e em Brusque, a população deposto as autoridades, fiada nas decisões do Tribunal de Justiça que desconhecia, na Junta, autoridade para anular eleições e dissolver Conselhos.

Hercílio Luz e os republicanos continuaram com muitos dos seus homens em armas. O tenente Manoel Joaquim Machado, que substituíra, como governador interino, a Junta Governativa, nomeou intendentes de Blumenau o Dr. Fritz Müller, Guilherme Engelke, Adão Schmidt, José Joaquim Gomes, Augusto Germer e Francisco Lungershausen.

Bonifácio Cunha e os conselheiros municipais resistiram, porém, às ordens do Governo do Estado, que mandou a Blumenau o Chefe de Policia a fim de resolver, amigavelmente, a séria situação política. Mas os chefes republicanos responderam-lhe, com firmeza, que estavam dispostos a reconhecer o Governo, mas nunca sujeitar-se à demissão do Conselho e do superintendente eleitos.



Pouco depois, Fritz Müller oficiou ao Conselheiro intimando-o que se dissolvesse e lhe entregasse o governo do município.

O Conselho Municipal, em memorável sessão de 2 de abril de 1892, resolveu ainda resistir e só abandonar, à força, o poder. Augusto Müller dirigiu aos seus pares uma brilhante alocução, aconselhando desobediência ao ato do Governo. Todos os conselheiros votaram nesse sentido, exceto Henrique Reuter, que justificou o seu voto, resignando ao cargo.

Em meio a toda essa confusão, o Dr. Bonifácio Cunha resignou, também, ao posto de superintendente, mandando depositar, em banco da Capital do Estado, a importância existente nos cofres municipais.

Afinal, o Conselho Municipal teve que ceder.

O Dr. Servílio José Gonçalves, Chefe de Polícia do Estado, veio novamente a Blumenau com uma força de 45 policiais e deu posse a Fritz Müller e seus companheiros.

Isso se deu a 7 de abril de 1892.

Governou, assim, o Dr. José Bonifácio da Cunha o município de Blumenau, nesse primeiro período, de 18 de janeiro de 1890 a 7 de abril de 1892.

Muito ligeiramente, passaremos em revista outros incidentes ocorridos na agitada administração de Bonifácio Cunha.

Logo que este começou a envolver-se na política, encontrou pela frente um adversário valoroso, que lhe deu combate sem tréguas, mas que, afinal, foi vencido e cruelmente.

Foi o Padre José Maria Jacobs, vigário da paróquia.

Esse sacerdote, um grande coração e um espírito de verdadeiro apóstolo, era altivo de gênio, e não se curvava facilmente às imposições de quem quer que fosse.

Adversário dos republicanos, combateu-os nas urnas, criou-lhes dificuldades de toda sorte, com um ardor e uma insistência que sobremodo irritava os chefes da situação.

Estes, não podendo domar as nobres e desassombradas atitudes do padre, valeram-se de todos os meios para inutilizá-lo.

Conseguiram-no com perseguições sem conta, envolvendo-o, até, em três processos judiciais, de que lhe resultou, num deles, a condenação a vários meses de prisão; esta sentença foi anulada pelo Tribunal de Justiça.

Desses três processos escrevemos um resumo em folheto, publicado em 1928, intitulado "O Padre Jacobs". Foi uma luta de gigantes na qual o padre não levou a melhor. Mas cedeu porque os desgostos lhe minaram a saúde, roubaram-lhe o ânimo e o levaram, afinal, à sepultura.

Fritz Müller manteve-se, apenas, 27 dias como presidente da Intendência.

79



Sua ação, nesse tempo, desenvolveu-se quase que exclusivamente no sentido de desfazer alguns atos de seu antecessor.

O conselho dividiu o município em 11 seções eleitorais e providenciou a realização das novas eleições.

Fritz Müller, mau político, mas grande sábio e célebre naturalista, antipatizado pelos adversários e pelos próprios correligionários, foi demitido pelo Governo a 4 de maio.

O destacamento policial, trazido pelo Dr. Servílio de Araujo, permaneceu em Blumenau para garantir o funcionamento da Intendência, enquanto, aberta ou sorrateiramente, os chefes republicanos iam fazendo a campanha de desprestígio e desmoralização do novo governo.

Guilherme Engelke substituiu Fritz Müller na presidência da Intendência. Empossado em 6 de maio, não conseguiu manter-se senão 22 dias. Resignou a 28 do mesmo mês a favor de Francisco Faust.

Realizaram-se as eleições para deputados à nova Constituinte Estadual, tendo sido eleitos por Blumenau Leopoldo Engelke e Elesbão Pinto da Luz.

Os republicanos abstiveram-se dessas eleições e foi ridículo o número de votos dados aos deputados eleitos.

A 14 de junho instalou-se o novo Congresso que elegeu governador do Estado Eliseu Guilherme da Silva.

Foi designado o dia 20 de novembro para as eleições municipais, tendo, seis dias antes, isto é, a 14, Guilherme Engelke reassumido a presidência do Conselho de Intendência.

O município contava, então, com 2.566 eleitores.

Os republicanos resolveram mexer-se.

Desenvolveram formidável propaganda em todo o município, de forma que, por ocasião do pleito, inflingiram ruidosa derrota aos governistas: 1.174 votos republicanos contra, apenas, 69 dos donos da situação.

O Conselho de Intendência se reuniu a 21 de dezembro de 1892 e anulou as eleições sob o fundamento de terem sido eleitos 9 em vez de 7 conselheiros e ainda por várias outras razões, e marcou o dia 21 de janeiro do ano seguinte para se proceder a novas eleições.

Nestas, os governistas foram derrotados outra vez e estrondosamente.

Não teve o Conselho outro remédio senão reconhecer os eleitos que foram: Henrique Probst, com 1.141 votos; Luís Abry, 1.139; Antônio Bernardo Haendchen, 675; Jens Jensen, 672; Fernando Hackbarth, 580; Aleandro Lenzi, 470; João Scoz, 467 e Augusto Keunecke com 561 votos, mas que não foi reconhecido por ser o agente do correio.

Esse Conselho prestou a promessa e foi empossado a 2 de março de 1893.



Durante a campanha de propaganda, deram-se fatos desagradabilíssimos e de sérias consequências. Exaltados como se achavam os ânimos, o menor incidente poderia alcançar proporções assustadoras. E, de fato, um quase-nada pôs a vila em polvorosa no dia 16 de fevereiro.

Manoel dos Santos Lostada, auxiliar de Hercílio Luz no Comissariado de Terras, foi, a pedido deste último, solicitar uma certidão ao Juiz de Paz sobre um processo que contra o mesmo Hercílio fora instaurado por ter, dias antes, esbofeteado o Juiz de Direito da Comarca. O comissário de polícia, Elesbão Pinto da Luz, impediu que se desse a certidão. Lostada, indignado, invectivou o comissário, passando-lhe uma descompostura em regra. Algumas horas depois, Elesbão dirigiu-se à venda de Henrique Probst e prendeu Lostada, que ali se achava. Os amigos de Lostada, com Hercílio Luz à frente, reuniram-se e se dispuseram a ir à cadeia soltar o companheiro. Encontraram Elesbão na rua e o interpelam. Elesbão sacou de um revólver e fez fogo contra Hercílio. Do grupo partiram também dezenas de tiros contra o comissário que, ferido, fugiu em direção a umas moitas de bambu, à margem do Garcia, e ganhou, dali, a residência da viúva de José Henrique Flores Filho, onde se escondeu.

Resultou desse fato a vinda, a Blumenau, do Chefe de Polícia Francisco Antônio Vieira Caldas, que encontrou meios de provar, em processo volumoso, e a seu modo, o procedimento criminoso de Hercílio e seus companheiros, que foram pronunciados.

Presos, Hercílio, Bonifácio Cunha, Francisco Margarida e Santos Lostada, foram remetidos, escoltados, à Capital do Estado, aonde chegaram a 3 de março de 1893.

Aos esforços ingentes dos amigos dos acusados para libertá-los, o Governo respondia com medidas violentas para mantê-los em custódia, única maneira de se ver livre de tão "indesejáveis" elementos.

O Superior Tribunal de Justiça do Estado, para o qual os prisioneiros haviam interposto recurso, impronunciou-os. O Tenente Machado, que a 28 de outubro anterior havia reassumido o governo, dissolveu aquela corte da Justiça, criando o Tribunal de Relação.

Mas, Hercílio e seus companheiros, cuja situação ia melhorando em face das desinteligências entre o Tenente Machado e o Marechal Floriano, recorreram para o Supremo Tribunal Federal que, avocando o processo, ordenou o comparecimento dos acusados à Capital Federal e os absolveu.

A 8 de junho de 1893 voltaram Hercílio e seus companheiros para Blumenau, onde tiveram solene recepção, tendo havido, à noite, grande baile em sua honra, mas em que se deram cenas desagradáveis com soldados do destacamento local.

Não pararam, porém, por aqui as peripécias em que se haviam envolvido



os próceres republicanos blumenauenses.

A 14 de julho de 1893 reuniu-se a Câmara Municipal e, em gesto memorável, proclamou governador do Estado o Dr. Hercílio Luz, que prestou perante ela o juramento de estilo. Hercílio Luz baixou decreto designando Blumenau como a capital provisória do Estado e outros atos de natureza administrativa.

À frente de companheiros em armas, Hercílio Luz depôs o governo Machado e tomou, triunfalmente, posse do palácio do Governo na Capital do Estado.

Floriano Peixoto, porém, não concordou com a medida violenta. Restabeleceu o governo deposto. Hercílio teve que fugir.

Nesse meio tempo, o governo Machado mandou um contingente de 200 soldados para restabelecer a ordem em Blumenau.

Os colonos blumenauenses reuniram-se e, de armas na mão, repeliram essa força a tiros, matando dois soldados, ferindo 9 e aprisionando um.

Ao Tenente Machado sucedeu Moreira César, de triste memória.

Ainda por algum tempo reinou a anarquia e a intranquilidade. Com a vitória da legalidade, realizaram-se, a 8 de setembro de 1894, as eleições para a Assembléia Estadual e para governador e vice-governador do Estado. Foram eleitos Hercílio Luz, governador, e o Dr. Polidoro Olavo de Santiago, vice-governador. Blumenau elegeu três deputados: Bonifácio Cunha, Luís Abry e Manoel dos Santos Lostada. Paula Ramos foi eleito deputado federal.

Em 28 de julho de 1894, pelo decreto nº 197, Blumenau foi elevada à categoria de cidade.

Promulgada a Constituição, foram designados dias para as eleições nos municípios.

Em Blumenau, foram eleitos: superintendente municipal, Otto Stutzer e conselheiros, Pedro Cristiano Feddersen, Luís Abry, Frederico Wilde, Ricardo Voigt, Aléssio Frainer, Pedro Schmidt, Paulo Zimmermann, André Campregher e Henrique Klug. Tomaram posse a 16 de abril de 1895.

Pedro Feddersen foi escolhido presidente da Câmara.

Reorganizando a vida administrativa de Blumenau, Stutzer decretou o novo "Código de Posturas".

Em 31 de maio, Hercílio Luz visitou, oficialmente, como governador do Estado, o município, recebendo-o o Conselho Municipal, em sessão solene.

Entre outros benefícios recebidos do Governo do Estado, Blumenau obteve, nesse mesmo ano, um auxílio de Cr\$ 150.000,00 para a construção da ponte sobre o rio Itajaí, no Salto, ponte que somente foi terminada no governo de Vidal Ramos, em 1912.

A 11 de dezembro de 1896 foi o superintendente autorizado a abrir concorrência para a iluminação elétrica da cidade.

O ordenado do superintendente era de Cr\$ 300,00 mensais.



Em novembro de 1898 realizaram-se as eleições para superintendente e conselheiros municipais para o quadriênio de 1899 a 1903.

Otto Stutzer candidatou-se à reeleição.

Foi, entretanto, derrotado pelo Dr. José Bonifácio Cunha que, saindo do silêncio a que se votara, em virtude de desentendimentos com o governador Hercílio Luz, apresentou-se candidato ao governo do município.

O pleito foi renhidíssimo. "Blumenauer Zeitung" defendia a candidatura Cunha, enquanto que "Der Urwaldsbote", adquirido do pastor Faulhaber, pelo grupo Stutzer – Feddersen, defendia a candidatura Oto Stutzer.

Bonifácio Cunha obteve 809 votos e Stutzer 778.

O quadriênio foi de proveito ao município, decorrendo em ambiente de paz e de ordem.

A 2 de janeiro de 1899, José Bonifácio Cunha tomou posse do cargo para o qual fora eleito.

A 30 de outubro faleceu, na Alemanha, o Dr. Hermann Blumenau, fundador do município, tendo a Câmara Municipal prestado significativa homenagem à sua memória, dando o seu nome à Alameda das Palmeiras.



Rua 15 de novembro – início dos anos 20.

Bonifácio Cunha sofreu, também, forte oposição política, passando os quatro anos de seu governo em luta com Pedro Christiano Feddersen, presidente da Câmara, que encabeçava a resistência, e que, em 1900, fora substituído na presidência por Carlos Jensen Júnior. O "Der Urwaldsbote" salientou-se nessa luta, martelando, sistematicamente, os atos de Bonifácio Cunha e preparando a sua derrota nas eleições seguintes.

Dos atos praticados por Bonifácio Cunha em sua gestão, transparece um grande amor à terra que governava e ao culto do seu passado.

A ele se deve a ereção do monumento comemorativo à colonização do município, com a qual a população prestou uma comovida e justa homenagem à memória de Hermann Blumenau e seus colaboradores na tarefa sobre-humana que foram o início e os primeiros anos de vida da colônia, muito embora esse monumento fosse inaugurado na gestão do seu sucessor.

Também a Bonifácio Cunha se deve o fato de ter a Câmara designado o dia 2 de setembro de 1850 como o da fundação de Blumenau e, não, a data estabelecida pelo fundador, conforme já fizemos ver, linhas atrás.

Assim, a 2 de setembro de 1900, comemorou-se, com extraordinária pompa, o cinquentenário de Blumenau, tendo-se realizado, além das comemorações oficiais, muitas solenidades particulares e religiosas, além de uma exposição de produtos coloniais.

Foi publicado um livro comemorativo.

Em setembro de 1902 realizaram-se as eleições para a renovação da Câmara e superintendência municipal. Bonifácio Cunha apresentou-se candidato à reeleição. Foi, porém, derrotado pelo candidato dos partidários de Feddersen, que apoiavam o Governo.

Esse candidato foi Alvin Schrader, que tomou posse a 1º de janeiro de 1903 e governou durante doze anos, ou seja, por três quadriênios, tendo sido reeleito por duas vezes.

A sua longa administração decorreu num ambiente tranquilo e de trabalho que muito concorreu para que o município desse passos agigantados em todos os ramos da atividade pública e particular. As indústrias tomaram extraordinário desenvolvimento com a inauguração dos serviços de luz e energia elétrica; a agricultura encontrou novos campos de atividade nos terrenos de serra acima, subindo pelos rios do Sul, do Oeste e Hercílio, onde várias empresas particulares requereram terras, vendendo-as em lotes aos colonos que ainda continuavam chegando da Europa, ou aos descendentes dos velhos blumenauenses.

Construíram-se estradas e pontes; a cidade foi dotada de telefone; foi construída a Estrada de Ferro Santa Catarina, que ligou Blumenau, primeiramente, a Hansa-Hamônia, atual Ibirama e, posteriormente, a Rio do Sul e Trombudo; foi construída a ponte de ferro sobre o ribeirão Garcia, à rua 15 de Novembro, há



pouco substituída pelo Estado por outra de cimento armado.

Não poderemos, pela falta de espaço, acompanhar as administrações municipais, em todos os seus detalhes.

Mas, embora arriscando ultrapassar os limites deste trabalho e cansar a paciência dos nossos leitores, queremos transcrever um trecho de relatório de Alvin Schrader, de 1905, por versar um assunto que tem servido de cavalo de batalha, em detrimento do bom nome do município e dos sentimentos de brasilidade de sua população, as chamadas "escolas alemãs".

Nesse ano pensou-se em passar todas as escolas particulares para a administração do município. As verbas, porém, eram pequenas. A receita do município ia a Cr\$ 94.099,90 apenas. Para se pôr em prática o projeto, havia necessidade de uma verba anual, mínima, somente para a instrução pública, de Cr\$ 70.000,00. Por isso Schrader escrevia:

"Esta idéia só poderá ser realizada, quando o município puder contar com meios muito mais importantes para as escolas, meios proporcionais aos demais gastos da administração.

Até agora, não conhecíamos exatamente as importâncias que as sociedades particulares dispendem, anualmente, para manter as suas escolas.

No ano passado, porém, num grande esforço, consegui levantar dados estatísticos, mais ou menos exatos, sobre esse ponto, no que fui muito auxiliado pelos professores e respectivas comunidades.

O resultado é interessante em mais de um sentido.

Prestaram informações 112 escolas, entre elas as quatro únicas escolas do Governo existentes neste município, sendo duas na cidade de Blumenau e duas no Gaspar. Deixou de prestar informações, segundo me consta, apenas uma escola sita no Encano.

Essas 112 escolas estão distribuídas pelos três distritos, na forma seguinte:

1º distrito – Blumenau: 54 escolas com 2.097 alunos, sendo 1.121 do sexo masculino e 56 do sexo feminino.

2º distrito – Gaspar: 5 escolas com 157 alunos, sendo 101 do sexo masculino e 56 do sexo feminino.

3º distrito – Indaial: 53 escolas com 1.718 alunos, sendo 936 do sexo masculino e 782 do sexo feminino.

Ao todo, 112 escolas com 3.972 alunos, sendo 2.158 meninos e 1.814 meninas.

A respeito das línguas em que se leciona, diz seguinte exposição:



Em português	4 escolas
1 0	
Em português e alemão	5 escolas
Em italiano e alemão	1 escola
Em polaco e alemão	4 escolas
Em italiano apenas	17 escolas
Em alemão apenas	81 escolas
Total	112 escolas

Ensina-se a língua vernácula em 73 escolas (66%). Tomando em consideração o número dos alunos, resulta que dos 3.972 alunos que frequentam escolas no município de Blumenau, 2.866, ou 72%, recebem ensino da língua vernácula.

Somente faltam professores e livros aptos.

Pode ver-se, pelas notas estatísticas referidas, as quantias que anualmente são empregadas pelos particulares para a manutenção das referidas escolas. Com os ordenados dos professores, despendem-se anualmente cerca de 52.000\$000, devendo a isso aduzir-se as importâncias para conservação das casas de escola e moradia dos professores como também para aquisição de material etc., que também pode ser avaliada em alguns contos de réis, por tudo cerca de 60:000\$000.

Essa quantia, porém, não seria suficiente, se o município tivesse de tomar as escolas sob a sua própria administração. Em tal caso deveríamos estabelecer uma verba de 70:000\$000 a 80:000\$000. E mesmo tomando a nosso cargo somente uma parte dos compromissos escolares, não o poderíamos fazer sem aumentar os impostos muito sensivelmente.

A presente estatística é uma prova saliente de quantos serviços já prestou a iniciativa particular em Blumenau no domínio da instrução. Sem a espontaneidade enérgica da população, a qual, completamente abandonada pelo Estado e pelo município, por iniciativa própria, fez e faz ainda pesados sacrifícios, seria bem triste o estado da instrução da geração presente. Assim, pelo menos, foi providenciado o mais necessário, embora deixe ainda muito a desejar".

Em 1911, em outubro, outra enchente do Itajaí, que assumiu proporções idênticas às de 1880, a que nos referimos, causou prejuízos enormes à cidade e ao município.

Os jornais da época estão cheios de narrações que emocionam.

Para os reparos, passada a catástrofe, concorreram donativos de todas as partes do País e do estrangeiro.

O Governo Federal mandou estacionar em Blumenau, no propósito de concorrer para uma mais célere nacionalização do interior que, por motivos conhecidos, se mantinha, quase que na sua totalidade, ignorante da língua e costumes nacionais, o 55° Batalhão de Caçadores.

Em 1915 assumiu o governo do município o Sr. Paulo Zimmermann, e-



leito no ano anterior.

A situação econômica do município, em virtude da guerra mundial então em curso, não era das melhores.

Mesmo assim, Zimmermann iniciou vários melhoramentos na cidade e no interior do município, caracterizando-se o seu governo por uma assistência dedicada e ininterrupta às estradas e pontes do interior, de vital importância para a vida dos habitantes das linhas coloniais.

Durante o seu governo foi aberta a atual rua Sete de Setembro. O prédio da municipalidade foi reformado.

Foram criados dois novos distritos de paz, Hansa e Bela Aliança, o primeiro com sede na atual cidade de Ibirama e o segundo na de Rio do Sul.

Em 1918, Paulo Zimmermann foi reeleito, tomando posse do seu segundo mandato em janeiro de 1919.

No ano anterior, fora encampada pelo Governo a Estrada de Ferro Santa Catarina e a ela incorporada a Companhia de Navegação Fluvial.

Foram criados os distritos de Rodeio, Encruzilhada, Ascurra e Massaranduba.

Em 1918, pelo recenseamento realizado, a população do município era de 59.969 habitantes.

Em 1919 esse número ascendia a, aproximadamente, 62.500, dos quais 31.850 (51%) homens e 30.650 (49%) mulheres; 60.320 eram brasileiros e 2.180 de outras nacionalidades.

Em substituição ao 55° Batalhão de Caçadores, ficou acantonada em Blumenau a 9ª Companhia de Metralhadoras Pesadas.

Existiam 11 agências do correio e 7 estações telegráficas.

Em substituição ao Dr. João Pedro da Silva que, durante 10 anos, exercera o cargo de Juiz de Direito da Comarca, foi nomeado o Dr. Amadeu Felipe da Luz.

Paulo Zimmermann faleceu no exercício do cargo de superintendente municipal a 9 de maio de 1923.

Achando-se, por essa ocasião, ausente o presidente da Câmara Municipal, Dr. Vitor Konder, que foi, depois, no governo Washington Luís, Ministro da Viação e Obras Públicas, assumiu o exercício do cargo de superintendente o Sr. Curt Hering, vice-presidente da Câmara.

Foi marcado o dia 24 de junho de 1923 para proceder-se à eleição de novo superintendente.

Curt Hering, industrial experimentado e cidadão de peregrinas virtudes morais e cívicas, foi eleito sem oposição alguma e tomou posse do cargo a 28 de junho.

Também esse superintendente dedicou a maior parte de sua atividade à



conservação das estradas, ao problema da instrução, e, sobretudo, ao embelezamento da cidade.

Deve-se a ele o calçamento a paralelepípedos da rua XV de Novembro e o prédio para instalação dos Correios e Telégrafos.

Foi criado o distrito de Benedito, Timbó, e construída a grande ponte de cimento armado sobre o Itajaí-Açu, na vila de Indaial.

Em 1925 foi comemorado, com grande pompa, o 75° aniversário da fundação de Blumenau e o 50° da chegada dos primeiros imigrantes italianos. Realizou-se uma exposição de produtos agrícolas e industriais que patenteou o extraordinário grau de adiantamento do município.

De março a novembro de 1925 esteve no exercício do cargo de superintendente o Sr. Reinhold Anton, em virtude de ter o Sr. Curt Hering viajado à Europa.

Curt Hering foi reeleito em 1926 e tomou posse do segundo mandato a 1º de janeiro do ano seguinte.

Washington Luís, eleito presidente da República, visitou Blumenau a 29 de maio de 1926, sendo recebido com grandes festividades.

Vitor Konder, que fora eleito para a presidência da Câmara Municipal e, posteriormente, escolhido pelo governo Hercílio Luz para o cargo de Secretário da Fazenda, foi distinguido pelo Presidente Washington para o posto de Ministro de Estado dos Negócios de Viação e Obras Públicas. Esse gesto do Presidente da República causou boa impressão entre a população blumenauense, pois, segundo o próprio presidente afirmara, ele representava uma homenagem ao maior município catarinense e à magnífica orientação administrativa de seus dirigentes.

Em 1927 procedeu-se a um recenseamento municipal, cujos dados principais foram os seguintes:

Habitantes: 98.663, distribuídos entre 16.658 famílias 49.913 homens e 48.750 mulheres. 51.244 católicos, 47.109 protestantes e 310 de outras confissões. A percentagem de analfabetos foi de 30%.

Foi, em 1930, criado o município de Rio do Sul, com os limites do respectivo distrito que, assim, ficou desmembrado de Blumenau, juntamente com o distrito de Taió, ficando a superfície de Blumenau reduzida a 7.449 quilômetros quadrados.

Curt Hering caiu com a vitória da Revolução de 30.

No desempenho da missão que lhe foi confiada pela população blumenauense, revelou-se um patriota, honesto e bom. Os seus municípios reverenciarão a sua memória como um dos seus filhos mais dignos de estima e de respeito.

Assumiu a 13 de outubro o cargo de prefeito municipal, apoiado pelas forças revolucionárias, que haviam chegado ao município, o Sr. João Kersanach, que se manteve no poder, apenas, até 6 de janeiro de 1931.



É cedo ainda para se fazer qualquer comentário em torno da administração desse prócer liberal, bem como dos sucessos de que Blumenau foi teatro nos últimos meses de 1930, quando também foi a capital interina do Estado, enquanto Florianópolis, ainda em poder das autoridades legais, resistia às forças revolucionárias que, sob o comando do general Assis Brasil, punham-na de assédio.

A 6 de janeiro, tomou posse, nomeado pela interventoria Federal, o Sr. Antônio Cândido de Figueiredo, que governou até 20 de abril de 1933.

Soube manter-se à altura do cargo, num momento em que as transformações políticas, por que passara o País, traziam os espíritos bastante preocupados. Sua administração foi assinalada por vários melhoramentos nas ruas e estradas da cidade e dos distritos.

A 24 de abril desse mesmo ano de 1933, tomou posse, nomeado ainda pelo interventor federal, o Sr. Jacob Alexandre Schmitt.



O movimento por Blumenau Unido levou muitos blumenauenses às ruas para protestar contra os desmembramentos do município.

Durante o governo desse prefeito, em abril de 1935, deu-se o desmembramento de Blumenau em 6 outros municípios. O Sr. Aristiliano Ramos, então interventor federal no Estado, tendo sofrido grande derrota no pleito para deputados à Assembléia Constituinte, resolveu dar autonomia política a quase todos os distritos blumenauenses. Assim, foram criados os município de Gaspar, Indaial,



Timbó, Rodeio e Hamônia. Blumenau ficou apenas com o distrito de Massaranduba e o de Rio do Testo, posteriormente criado.

Dos 11.000 quilômetros quadrados de superfície de que se compunha, o município de Blumenau passou a contar, apenas, 1.160.

Esse fato provocou a revolta popular.

O comércio e as indústrias cerraram suas portas em sinal de protesto e durante mais de uma semana a cidade de Blumenau apresentou aspecto de verdadeira praça em pé de guerra. Não fosse a prudência de algumas autoridades, o bom senso de alguns cidadãos mais avisados, o fato teria assumido proporções de verdadeiro desastre com o derramamento de sangue, que esteve bem iminente, pois o Governo Estadual já enviava força armada contra Blumenau e a população desta cidade se preparava para recebê-la a bala.

Felizmente tudo voltou à normalidade, mas Jacob Schimitt não pôde manter-se no poder. O desmembramento do município, em que, aliás não teve interferência, chamara sobre ele a animosidade geral.

A lei nº. 468, de 26 de janeiro de 1934, criou o distrito de Rio do Testo, com sede na povoação de Pomerode.

Jacob Schimitt foi exonerado a 25 de fevereiro de 1934, substituindo-o o capitão Antônio Martins dos Santos, da Força Pública do Estado, que tomou posse nesse mesmo dia.

A atuação prudente desse distinto oficial à frente do governo do município concorreu grandemente para que os blumenauenses, dentro de pouco tempo, estivessem conformados com o retalhamento do grande município. Agiu com ponderação e critério, à altura do momento difícil em que recebera as rédeas administrativas de Blumenau, que empunhou até 20 de agosto, quando foi exonerado pela resolução n°. 3.932, do Governo do Estado.

Foi nomeado nesse dia, tendo tomado posse a 20, o Sr. João Gomes da Nóbrega.

Substituiu-o Germano Beduschi a 29 de maio de 1935.

Durante o governo desse prefeito deu-se começo à canalização do ribeirão Bom Retiro, na parte entre as ruas Sete de Setembro e o rio Itajaí, e que atravessava a rua XV de Novembro justamente onde começa a atual rua Nereu Ramos. Outras obras de real utilidade foram ultimadas no seu governo.

Coube a esse administrador presidir, as primeiras eleições constitucionais para prefeito municipal, depois da Revolução de 30.

Germano Beduschi foi o candidato oficial e Alberto Stein o seu contendor. Este último, chefe do Integralismo no município, contava com forças eleitorais extraordinárias, em virtude do movimento que chefiava e que, por todo o País, tomara notável incremento.

A eleição realizou-se a 1º de março de 1936, vencendo Alberto Stein por



enorme maioria de votos. Sua posse teve lugar a 4 de abril seguinte, pela Câmara Municipal, constituída por esmagadora maioria de integralistas. Ferreira da Silva foi o presidente eleito dessa primeira Câmara constitucional, que teve vida muito curta: pouco mais de um ano.

Durante o governo de Alberto Stein, e a convite deste, as filhas do fundador, Cristina e Gertrudes, visitaram Blumenau, tendo sido recebidas com justas manifestações de júbilo pela população.

Algumas obras de vulto, como a ponte de cimento, fronteira à igreja protestante, assinalaram a administração de Stein.

O golpe de Estado de 28 de novembro de 37, que extinguiu o Congresso Nacional e as Câmaras Municipais, pôs termo também ao governo de Alberto Stein.

Substituiu-o, nomeado pela resolução 3.178, de 10 de janeiro de 38, José Ferreira da Silva, que governou até 14 de maio de 1941.

Ferreira da Silva mandou demolir os prédios da antiga cadeia e da Prefeitura, que era ainda o mesmo, com as modificações mandadas fazer no governo de Paulo Zimmermann, que o Dr. Blumenau construíra para sede da direção da colônia, levantando, em seu lugar, o atual edifício do Paço Municipal, sem dúvida uma das mais importantes sedes de governo municipal no interior do Brasil.

Ainda nessa administração foram concluídas as obras do canal Bom Retiro, o matadouro municipal, o campo de aviação, a Escola Agrícola Municipal, os estudos, orçamentos e empréstimos para a canalização de água. Estes últimos serviços foram terminados na administração seguinte.

Também datam desse governo a criação de várias dezenas de escolas rurais, o Grupo Escolar Machado de Assis, a ereção da estátua do Dr. Blumenau, a fundação do Museu "Fritz Müller" e vários outros melhoramentos nas praças e ruas da cidade e do interior do município.

Durante o governo do prefeito Ferreira da Silva, Blumenau foi visitado pelo Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas. Esse presidente, que teve uma recepção verdadeiramente brilhante, entusiástica, respondendo ao discurso de saudação do governador da cidade, teve palavras de admiração e de louvor à obra do Dr. Blumenau e de seus continuadores, reconhecendo o espírito de civismo e brasilidade dos descendentes dos primeiros colonos. No magnífico prédio do Teatro Carlos Gomes - monumento que o amor dos blumenauenses às artes dramática e musical levantou e que é dos maiores teatros e mais bem montados do Brasil - realizou-se um banquete de 600 talheres, dos maiores, senão o maior, com que o Presidente até então já fora homenageando no País. Vários números da Orquestra Sinfônica Blumenauense, como o arranjo do Hino Nacional, do Maestro Geyer, causaram entusiasmo pela perfeição com que foram executados, arrancando do Presidente Vargas palavras de franco elogio e entusiasmo.



Essa orquestra, em 1942, a convite dos Diários Associados e financiada por eles, foi ao Rio e a São Paulo, realizando consertos nos principais teatros daqueles importantes centros, sempre aplaudida pelos críticos mais exigentes.



Visita do Presidente Getulio Vargas a Blumenau em março de 1940

O Dr. Afonso Rabe foi o substituto de Ferreira da Silva, tendo assumido o governo a 28 de junho de 1941. Inaugurou-se, durante o governo desse médico, o serviço de água potável, melhoramento pelo qual a população da cidade vinha ansiando há muitos anos.

É de justiça consignar-se, nesta altura, o concurso inestimável do então interventor federal, Dr. Nereu Ramos, para que Blumenau viesse, afinal, a contar com esse serviço que, incontestavelmente, melhorou muito as condições da saúde pública da zona urbana, sujeita a surtos periódicos de tifo e outras moléstias, que desapareceram por completo.

Ao Dr. Afonso Rabe sucedeu ao Sr. Alfredo Campos, em 22 de janeiro de 1944, o qual governou até 13 de novembro de 1945, e a este, o Sr. Frederico Guilherme Busch Júnior, em 13 de novembro. Busch Júnior administrou o município apenas três meses, substituindo-o, em 19 de fevereiro de 1946, Germano Beduschi, que passou o cargo ao secretário Bruno Hildebrand. Este presidiu às segundas eleições constitucionais para prefeito, realizadas em 23 de novembro de



1947, nas quais se apresentaram como candidatos Vitor Hering, pelo Partido Social Democrático; Frederico G. Busch Júnior, pela União Democrática Nacional e Domingos Borba, pelo Partido Trabalhista.

Eleito com significativa maioria, o Sr. Frederico Busch Júnior tomou posse do cargo de prefeito municipal a 15 de dezembro do mesmo ano. Sob o seu governo, Blumenau sofreu a perda de mais um distrito, o de Massaranduba, que, com o de Guaramirim, desmembrado do de Joinville, e parte do de Luís Alves, desmembrado do de Itajaí, passou a constituir município autônomo. Ao governo de Busch Júnior, Blumenau deverá os preparativos para a comemoração do primeiro centenário de sua fundação e o sucesso que certamente alcançarão os vários pontos do programa já elaborado e em plena execução.

Conforme já frisamos algumas vezes neste trabalho, tivemos que passar ao alto de muitos e importantes acontecimentos da história de Blumenau, cuja explanação ao espaço a que este artigo teve que se restringir, não comportaria.

Assim também, e lamentavelmente, tivemos que fugir à analise de fatos e circunstâncias que grandemente concorreram para o engrandecimento do município, para a sua riqueza econômica e adiantamento cultural de seu povo, para a formação e o desenvolvimento, enfim, da célula plantada à beira do ribeirão da Velha e que se transformou na realidade magnífica de que, justamente, o País inteiro se pode orgulhar.

Mereceria, por exemplo, capítulo especial à história da imprensa blumenauense e a da sua atuação corajosa e eficiente em prol do progresso do município e no sentido de mantê-lo sempre dentro das normas de conduta política, econômica e moral que, desde os começos da colônia, os blumenauenses primaram por seguir invariavelmente.

O Dr. Blumenau, já o dissemos, era profundamente religioso, de costumes austeros, de moral que não admitia meios termos.

Escolheu os seus colonos entre homens de iguais virtudes. Formou, assim, uma comunidade que nunca deu acolhida a idéias que não se coadunassem com os princípios em que havia baseado o seu empreendimento.

O papel dos jornais blumenauenses, na preservação dessa tradição de virtudes morais e cívicas, de amor à terra e ao trabalho, foi notável.

Entre as lutas políticas em que muitas vezes se empenharam, o "Blumenauer Zeitung", fundado em 1881, de um lado, e o "Immigrant", que depois se transformou em "Der Urwaldsbote", de outro, jamais esqueceram aqueles princípios.

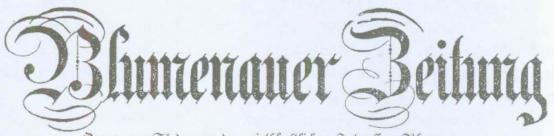
Quer desses, quer dos jornais que depois vieram à luz, na cidade e no interior do município, "O Nacional", "Brasil", "Cidade de Blumenau", "Correio de Blumenau", "Alvorada", "A Nação", na sede, e "L'Amico", "O Escudo", "A Comarca" em Rodeio e outros, transparece, em todos os artigos e notícias, nos edito-

riais de maior responsabilidade, como nos simples comentários e notícias, a preocupação com que, todos eles, procuravam defender a obra de Hermann Blumenau na sua pureza.

Fossem orientados para onde quer que o interesse de grupos ou partidos políticos os arrastassem no momento; jogassem-se, embora, em ataques pessoais, nem sempre airosos e dignos; pendessem para esta ou aquela orientação política nacional, o fato é que, sempre que os interesses blumenauenses estiveram em jogo, os jornais esqueciam polêmicas e dissensões para defenderem o patrimônio material e moral que o Dr. Blumenau legara ao Brasil.

No tocante ao espírito de brasilidade dos homens que povoaram as margens do Itajaí e dos seus descendentes, do seu amor à terra que tão carinhosamente os acolhera, da sua gratidão à Pátria que adotaram como sua, também, e ainda que o contradigam espíritos mal avisados ou mal intencionados, o papel dos jornais blumenauenses, quer dos editados em língua alemã, ou italiana, quer dos escritos em português, foi notável.

Bastaria rememorar as campanhas ardorosas em que se empenhou o "Blumenauer Zeitung" em prol da República e de Hercílio Luz e seu grupo, contra Lauro Müller e outros teuto-brasileiros, para se certificar de que, acima de qualquer outro sentimento menos justificável, os blumenauenses punham o seu interesse e o seu amor à causa do Brasil.



Organ zur Förderung der wirtschaftlichen Interessen Winnenaus.

Blumenau, Connabend, ben 14. Anguft 1909.

ifierung ber Gifeninduftrie.

er "Germania" entushmen, teat mit i und großen Gedanken fürzlich die ing vor den Kongreß, indem sie ihm folgenden Johalts unterbreitete:

aber zum Anlachen dieses Sustems gesichet, nuter besten Kreischen Kreischen

Jornal Blumenauer Zeitung, fundado em 1881

E campanhas como essa de 1981 e 93, em que os jornais blumenauenses se puseram francamente ao lado de candidatos genuinamente brasileiros contra contendores alemães ou teutos, reproduziram-se várias vezes no decorrer dos anos.

Outro ponto que mereceria estudo especial, em capítulo que se estenderia por páginas e mais páginas, tal a fertilidade do assunto, seria a influência que tiveram na formação material e moral do município e do seu povo, as sociedades culturais, recreativas e beneficentes que, desde a chegada dos dezessete primeiros imigrantes, foram-se formando onde quer que grupos de colonos se estabelecessem.

As sociedades de atiradores e de ginástica eram escolas de educação física em que, pela prática de esportes de todo o gênero, se preparava uma mocidade sadia e forte.

As sociedades de cantores, que eram muitas, reuniam moços e velhos para a prática do canto, tão do gosto dos teutos e outros povos europeus, e ensejavam verdadeiras competições entre clubes de diferentes localidades, com distribuição de prêmios e festejos de modalidades várias.

As "Schulvereine" (sociedades escolares), prestaram assinalados serviços à alfabetização e educação da mocidade. Sem elas, pode-se afirmar desassombradamente, pois se assegura uma verdade incontestável, Santa Catarina não estaria, como está, entre os primeiros, se não é o primeiro, dentre os Estados brasileiros de menor índice de analfabetos.

Mal um grupo de colonos se estabelecia em determinada linha colonial, pela estrada geral, ou pelas chamadas "Tiefe", caminhos dos fundos dos lotes principais, lá se criava também uma sociedade escolar que providenciava casa, material didático e professor, para que as crianças não crescessem sem instrução, sem o ensino da religião.

Vimos, linhas atrás, que, quando, em 1883 Blumenau consumou a sua emancipação política, existiam, no Vale do Itajaí, mais de cem escolas mantidas pelas chamadas "Schulgemeinde" enquanto o Governo da Província não tinha mais do que quatro, assim mesmo uma delas vaga.

Por si só, esse fato vale por uma resposta bem significativa àqueles que criticam terem os colonos blumenauenses, por muitos anos, ignorado quase que totalmente o idioma pátrio. Como se isso fosse culpa deles!

As sociedades escolares, com o fito, principalmente, de renovar o material didático, de conservar o prédio escolar, ou melhorar as condições de vida dos professores com a renda arrecadada, promoviam também festejos populares, churrascadas e bailes, a que compareciam todos os colonos das vizinhanças, unindo-se, assim, a outras sociedades recreativas, criadas pela iniciativa particular, nos recantos mais povoados do município.



Alunos do II e III ano primário do Colégio Santo Antônio - 1926

Já desde os primórdios de seu desenvolvimento, a colônia tinha a sua banda de música. Tinham-nas também as povoações que se foram formando ao longo das linhas coloniais do interior, como Rio do Testo, Indaial etc.

Havia, na sede, um grupo dramático que levava à cena, de quando em quando, peças escolhidas. No Interior também se formavam, periodicamente, grupos de amadores para a representação de peças teatrais ou números de variedades.

Dentre as inúmeras sociedades científicas, literárias, recreativas e culturais em que o espírito do colono blumenauense encontrava satisfação de seus anseios de instruir-se, educar-se e divertir-se, deve-se destacar a "Kulturverein" (Sociedade de Cultura), a que já aludimos.

Nela se salientaram o sábio Fritz Müller, seu irmão Augusto, Friedenreich, Odebrecht e outros, que eram incansáveis batalhadores em prol do engrandecimento da colônia, do bem estar físico e espiritual de seus habitantes. A "Kulturverein", além das suas reuniões semanais, em que eram tratados assuntos de vital importância, e cujas conclusões eram publicadas nos jornais locais para ciência de todos os colonos, tratava da distribuição de sementes, da venda e propaganda dos produtos coloniais, da melhoria e intensificação da produção, enfim, de tudo quanto pudesse trazer à colônia maior riqueza, conforto e bem-estar.

Em suas sessões, Fritz Müller fez conferências interessantíssimas, que tiveram repercussão nos círculos científicos do mundo inteiro.

Essa sociedade, principalmente, deu a Blumenau grande projeção, não apenas no cenário nacional, mas levou o seu nome além das nossas fronteiras, aos países mais cultos e progressistas do mundo, como o de uma colônia de organiza-



ção modelar, onde havia paz, abundância e felicidade.

Foi ela, ainda, que tomou a iniciativa de organizar exposições de produtos blumenauenses no estrangeiro ou comparecer com eles a exposições internacionais.

Outro capítulo que requereria páginas inteiras para se aquilatar de sua importância fundamental na vida da colônia e do município seria o referente ao movimento religioso, quer católico, quer protestante, no Vale do Itajaí.

No seu plano de colonização, o Dr. Blumenau determinou a divisão de lotes destinados à igreja, escola e cemitério, de dez em dez quilômetros de linhas coloniais. Assinalava, assim, a importância que a escola e a igreja teriam no futuro desenvolvimento de sua colônia. Esses dois fatores, realmente, foram os que mais concorreram para a formação de uma sociedade de mais de trezentas mil almas, de nível cultural elevado, de princípios morais austeros, que nem mesmo a corrupção geral que anda pelo mundo, conseguiu abalar e que vivem num ambiente de tranquilidade, de atividade criadora altamente útil aos superiores e sagrados interesses da pátria brasileira.

Desde a dedicação ímpar do Pastor Hesse, ao zelo e atividade dos ministros protestantes que se lhe seguiram na cura d'almas dos adeptos do evangelismo, não se sabe o que mais distinguir no muito com que todos concorreram para a salvaguarda dos princípios morais trazidos de além-mar.

Constituída, inicialmente, por uma grande maioria de colonos protestantes, evangélicos e luteranos, a colônia de Blumenau teve por principais orientadores de sua vida espiritual os pastores evangélicos. Os poucos católicos que nela existiam, iam assistir missa e cumprir seus deveres religiosos na capela de S. Pedro Apóstolo de Gaspar, a duas léguas de Blumenau, para onde vinham, de quando em quando, o Padre Boegershausen, vigário de Joinville, e o Padre Gattone, seu coadjutor.

Este último transferiu mais tarde sua residência definitiva para Gaspar, donde foram pastoreados os católicos blumenauenses até 1876, quando se inaugurou a igreja matriz da colônia, ampla e de lindo estilo, com a sua torre de linhas impecáveis a se espelhar nas águas mansas do Itajaí-Açu.

Com a vinda do Padre Jacobs, o primeiro vigário de Blumenau e que, de 1874 até 1892, orientou os destinos espirituais da colônia, o catolicismo e a educação religiosa da mocidade blumenauense tomaram singular impulso.

Fundou o Colégio São Paulo, depois transformado no atual Colégio Santo Antônio, pelo qual passaram gerações inteiras de blumenauenses, alguns dos quais alcançaram larga projeção a vida política, social e econômica do País.

A vida do Padre Jacobs, alguns lados da qual eu focalizei num folheto publicado em 1928, foi um rosário de lutas desesperadas em prol da preservação da fé e dos bons costumes dos colonos blumenauenses, da educação de seus filhos



dentro dos rígidos princípios da moral cristã. Foi uma vida de combate e de martírios, uma vida de verdadeiro herói e de verdadeiro patriota.

Os Padres Franciscanos, que sucederam ao Padre Jacobs na direção espiritual do município e que se instalaram também em outros pontos do Vale do Itajaí, como Indaial, Rodeio, Salto Grande e Gaspar, têm sido dignos continuadores da obra educativa do primeiro e virtuoso vigário de Blumenau, do seu zelo e entusiasmo pela causa de Deus e da Pátria.

Blumenau deve aos humildes e incansáveis filhos de São Francisco muitas iniciativas que grandemente influíram para o atual estado de extraordinário progresso em que se encontra em todos os ramos da atividade humana.

No tocante à obra realizada no município pelas Irmãs protestantes no Hospital de Santa Catarina e na Maternidade, pelas Irmãs católicas da Divina Providência no Hospital de Santa Isabel, no Colégio da Sagrada Família, no Rodeio e outros pontos do município, não é menos digna de elogios, justos e merecidos, porque também elas têm representado papel importantíssimo na vida de Blumenau.

Os Padres Salesianos, que há pouco mais de 25 anos se estabeleceram em Ascurra e em Rio do Sul, têm uma folha de serviços a favor do progresso do município que dificilmente as palavras poderiam encarecer.

Analisar tudo isso detidamente, demandaria o espaço de centenas de páginas, de livros inteiros. E nós, infelizmente, temos que nos cingir à medida recomendada pelos que nos honraram com a incumbência de que certamente muito mal nos estamos desempenhando.

Perdoe-nos, pois, o leitor e leve à conta dessa restrição e do muito que carecemos de competência para esta grande tarefa, as faltas que encontrar neste trabalho.

Olhando para o estado atual da obra magnifica de Hermann Blumenau, florescente e gloriosa, cantemos um hino de louvor à memória desse grande sábio e humilde colono, que deu tudo quanto tinha de esforços e de inteligência para dotar o Brasil de uma jóia de que ele se pode justamente ufanar.

Ele veio ao Brasil, moço, cheio de vida e de entusiasmo.

Regressou à sua terra, alquebrado pelo peso dos anos e trabalhos, mais pobre do que quando aqui aportara.

Teve mais desgostos do que vitórias; mais sofrimentos do que prazeres.

A sua memória, porém, viverá dentro de nós, no coração do Brasil, como um dos que maiores serviços prestaram à causa do engrandecimento, da riqueza e do bem-estar da Pátria e do povo brasileiro.

Glória a Hermann Blumenau, "exemplo de estrangeiro que soube amar o Brasil e bem servi-lo"!

Blumenau 150 Anos de fundação

Blumenau e sua contemporaneidade

TEXTO:

SUELI M. V. PETRY* Blumenau, edificada por aqueles que acreditaram no potencial de um projeto idealizado pelo alemão Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, desenvolveu-se e transformou-se numa próspera cidade. Ao atingir seu sesquicentenário de fundação é importante relembrar os muitos atores que fizeram parte desta história: indígenas, luso-brasileiros, imigrantes, migrantes e todos que aqui viveram, ultrapassaram o universo das dificuldades e realizaram conquistas, deixando suas marcas neste processo de construção da cidade.

Temos portanto uma cidade que nos últimos 50 anos passou por transformações de toda ordem. Coube ao tempo nublar as seqüelas de episódios que estão registrados num passado pouco distante¹. Mesmo reduzido drasticamente em sua extensão territorial, o Município não esmoreceu e, uma vez restabelecido da fragilidade imposta pela política nacionalizadora e pelas circunstâncias da 2ª Guerra Mundial, sua capacidade econômica passou a ser configurada pelas indústrias locais, cujos produtos começaram a tornar-se referencial no mercado nacional.

A cidade revitalizada foi tomada por uma onda de patriotismo preparando-se para comemorar em grande estilo a passagem do seu Centenário de Fundação (1950). Com forte apelo ao passado, o evento foi celebrado contando com a participação dos mais diversos segmentos da sociedade que conferiu tributos àqueles ícones notabilizados pelos seus feitos em favor do progresso da região. Transformado num centro urbano e industrial, o município confirmou a projeção delineada em décadas anteriores como uma rentável fonte da economia catarinense.

Ao assumir a Prefeitura, Hercílio Deeke (1951-1955) definiu novas áreas urbanas e deu corpo ao sistema viário de Blumenau, através da implantação de uma

ELUMENIA!

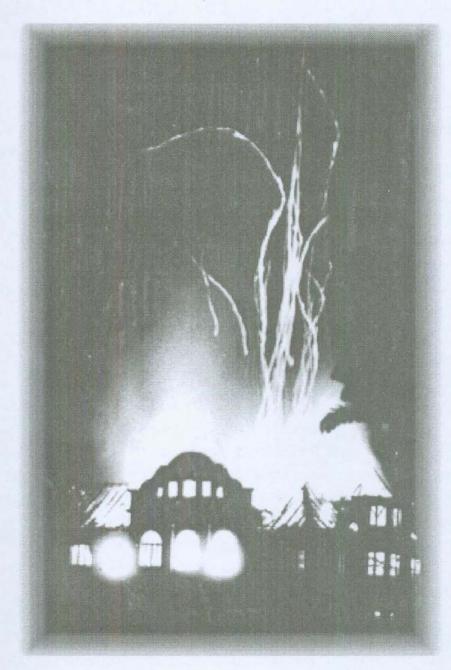
^{*)} Historiadora e diretora da Revista "Blumenau em Cadernos".

¹ Veja-se, sobre este assunto: FALCÃO, Luiz Felipe. Entre Ontem e Amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí: Univali, 2000. p. 416.



nova infra-estrutura. Para atender à população, que neste tempo vinha crescendo em decorrência das migrações, foi ampliado o serviço de água e construída uma central rodoviária, responsável pelo beneficiamento do fluxo dos veículos.²

Divorciada da área urbana pelo grande rio Itajaí, a região da Ponta Aguda, que até então não havia sofrido intervenção, foi atingida com o prolongamento da ferrovia Blumenau-Itajaí, através da "Ponte dos Arcos", hoje denominada "En-



Incêndio ocorrido na Prefeitura Municipal em dezembro de 1958

genheiro Antônio Victorino Ávila Filho". Foi um elo para que ocorresse o desenvolvimento daquela localidade e consequentemente o acesso à rua Itajaí. Em 1954, o presidente da República João Café Filho, aqui esteve para inaugurar o novo trecho da ferrovia.

A integração ao centro urbano encurtou as distâncias com a conclusão da ponte Adolfo Konder, provocando uma mudança no vazio que aquela localidade ocupava. A abertura de novas casas de comércio na 15 de Novembro e a construção da nova igreja matriz São Paulo Apóstolo, trouxe à cidade outras feições3. Nesta mesma época o prédio sede da Prefeitura Municipal foi atingido por um incêndio, destruindo acervo histórico e o arquivo da Administração

² DEEKE, Hercílio. Relatório dos negócios administrativos do Município de Blumenau. 1954.

³ SIEBERT, Cláudia. A Evolução Urbana de Blumenau: a Cidade se Forma (1850-1938) in: Nosso Passado (In) comum. Blumenau: Ed. Furb, Cultura em Movimento, 2000. p.212.



municipal e grande parte das instalações onde o Fórum exercia as suas atividades. Este local hoje está em fase de restauração após quatro décadas de longa espera.

A implantação de escolas, estrategicamente instaladas no interior do município, encurtou as distâncias para atender filhos de operários, agricultores e moradores das proximidades dos complexos industriais e rurais.

Do ponto de vista cultural, os grandes eventos aconteciam na Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, que se tornou um local de recepção das autoridades e pessoas ilustres que chegavam à cidade. Também promovia concertos, apresentações teatrais e outros acontecimentos sociais que mobilizaram a elite local e regional.

Para dar guarda à memória local constituiu-se a Sociedade Amigos de Blumenau, enquanto a difusão e a socialização das fontes e temas voltados à história regional passaram a ser publicados na revista Blumenau em Cadernos (1957), idealizada pelo historiador José Ferreira da Silva. Este periódico integrou-se à leitura de muitos blumenauenses e pesquisadores.⁴

Este foi também, um momento de alargamento das concepções culturais até então estabelecidas. O cinema já inserido na vida da cidade, desde o início do século, ganhou mais espaço com a entrega das novas e modernas instalações do Cine Busch, enquanto a Rádio Nereu Ramos entrava no ar, inovando a radiodifusão local. O destaque ficava por conta dos programas diversificados, entre estes o "Preto no Branco", de grande repercussão pelas entrevistas realizadas com personalidades dos mais variados segmentos do saber para a discussão.

Nestes debates muitas bandeiras foram erguidas, entre elas: a necessidade da criação de uma Faculdade para a região, mobilização para construção de barragens contra as cheias do rio Itajaí, o asfaltamento da Jorge Lacerda entre outras. Estas reivindicações frutificaram anos mais tarde com ações monumentalizadas como a criação da atual Universidade Regional de Blumenau — Furb (1964), a construção das barragens nos principais afluentes do Itajaí⁵ e o asfaltamento de ruas. Ações como estas, proporcionaram condições para a década dos anos sessenta plasmar um novo perfil sócio econômico para a cidade e região do vale do Itajaí.

A população blumenauense, no início da década dos anos sessenta, girava em torno de 67.000 habitantes, e grande parte concentrava-se no entorno das empresas, evidenciando a força de atração que representava o complexo industrial. O gradual aumento do poder aquisitivo das pessoas refletia-se nas mudanças que vinham ocorrendo na cidade, e o crescente número de pessoas em busca de emprego contribuiu para alterar as antigas áreas coloniais, cedendo espaços aos loteamentos.

Blumenau, ao apresentar um visual verticalizado, com a edificação dos primeiros prédios de porte (Grande Hotel Blumenau e Edificio Catarinense) pas-

⁴ A que viemos. In: Blumenau em Cadernos. Tomo I (1), 1957.

O LUME, n. 440, 1955.



sou a ganhar ares de cidade grande⁶.

No cenário nacional o país atravessava um período de insatisfações. Uma acentuada crise econômica, greves e outros movimentos acabaram derrubando o Governo do presidente João Goulart. Era o início do movimento comandado por militares, que ficou para a História como a Revolução de 31 de março de 19647. A partir de então, o General Humberto de Alencar Castelo Branco foi nomeado para governar o Brasil.



Visita do Presidente Castelo Branco na cidade de Blumenau em 1965

Dentro da nova política nacional, Blumenau manteve-se aliada ao Governo Federal. O prefeito da época, Hercílio Deeke, pronunciou-se: "...reagir, até mesmo pela força, contra qualquer manifestação provocada pelos aproveitadores e corruptos que pretendem arrastar o país ao comunismo."

As demonstrações de solidariedade da cidade em relação ao governo militar foram notórias nas cerimônias cívico-religiosas, como a organizada "Marcha com Deus, pela Família e Liberdade". O povo também foi às ruas para receber os

⁶ O LUME, n. 405, 1961.

⁷ Em 26 de março de 1963, pela Lei 14/63 foi conferido a este presidente o título de cidadão blumenauense, mas em 1964 foi desconsiderado sendo que em 1994, devolvido pela Câmara Municipal.



soldados do 23º Regimento de Infantaria, vindos de missão no sul do Estado, com 600 homens, para garantir a ordem⁸.

A expressão solidária de Blumenau pronunciou-se ainda na adesão da população à "Campanha do Ouro para o Bem do Brasil". Nesta ocasião, o município arrecadou consideráveis valores para auxiliar o País, conforme se propagava para amenizar as dívidas⁹.

A compensação deste empenho, e evidentemente o potencial econômico local, foram fatores solidificantes das relações entre o poder municipal com a estância federal. A confirmação, veio em 1965, com a visita do Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco à nossa cidade. Nesta oportunidade conheceu o parque fabril de algumas indústrias, firmou convênios, que contribuíram para o progresso tecnológico, posteriormente ratificados pelos Ministros da Fazenda, Delfim Neto, e dos Transportes, Mário Andreazza, quando aqui estiveram.

Com a posse do prefeito Carlos Curt Zadrozny (1966-1969), o Município sofreu uma reestruturação administrativa, que se constituiu na racionalização dos serviços através da organização de comissões que se encarregaram de formular o projeto de modernização e crescimento da cidade¹⁰.

Nesta oportunidade o despertar para o mercado turístico nasceu dentro de uma política de revelar uma cidade com um diferencial que causasse impacto no cenário nacional com a questão: "Adivinhe que país é este?". Com esta chamada, a Comissão Municipal de Turismo produziu um folder e um encarte de oito páginas, contendo informações sobre a cidade, mapa e roteiro, que causou grande repercussão ao ser publicado na Revista Seleções¹¹.

O nome Blumenau extravasou as fronteiras do Estado, atraindo visitantes entusiasmados pelo forte apelo da imagem da cidade e comercialização dos produtos fabricados pelas indústrias locais.

Ações como a realização da Feira de Amostras de Santa Catarina (Famosc), a realização do Festival da Cerveja de Blumenau (1º, 2 º e 3º), a introdução de incentivos fiscais estimulando a entidade privada para a edificação de hotéis, como também a construção de um quiosque de informações na rua XV de Novembro e o embelezamento da cidade estimularam o turista a visitar Blumenau.

A exploração de uma vista panorâmica da cidade fechou com a construção de um restaurante típico, denominado "Frohsinn", no alto do Morro do Aipim. Vale aqui registrar, que este morro fora doado ao município pelo filho do fundador, o engenheiro Pedro Hermann, quando esteve em 1911 em visita à cida-

⁸ DEEKE. Hercílio. Relatório dos negócios administrativos do Município de Blumenau. Blumenau. Tipografia e Livraria Blumenauense. 1964. p.6-7.

⁹ Idem. p.6.

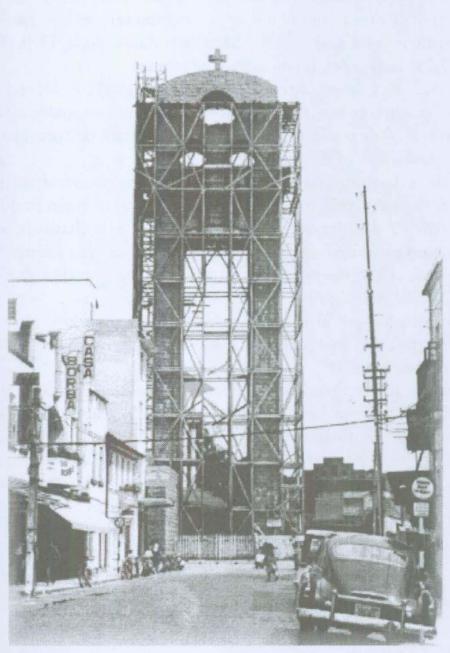
¹⁰ Relatório do Governo de Carlos Curt Zadrozny 1966-1969. Blumenau, Gráfica 43. 1969.

¹¹ Seleções do Reader's Digest. Tomo LIV, n. 320, 1968.



de. Outro ícone do município que passou a compor o cenário postal da cidade, transformando-se num dos mais fotografados, foi a torre da Igreja Matriz São Paulo Apóstolo concluída em 1963.

É dentro desta atmosfera de incremento ao desenvolvimento sócioeconômico local, que a municipalidade concedeu, através de legislação, estímulos fiscais aos grupos interessados, visando incentivar a implantação de indústrias e a fixação de outras casas comerciais.



Construção da Torre da catedral de Blumenau no início dos anos 60

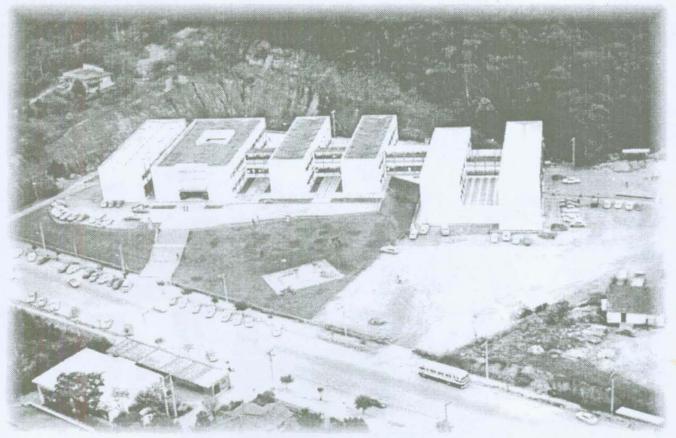
O ensino, que até então era ministrado em nível de 2º Grau. passou a contar com uma Faculdade. Este ato obteve grande repercussão e significância para a região, pois representou a instalação da primeira Faculdade no interior do território catarinense. Com a sua instituição em 2 de maio de 1964, a Faculdade de Ciências Econômicas de Blumenau, correspondeu às expectativas de formar os primeiros profissionais graduados. Ao longo dos anos vários cursos foram oferecidos na Fundação Regional de Blumenau -FURB e, em 1986, foi elevada à categoria de Universidade.

A efervescência dos anos sessenta absorveu todas as áreas. O desenvolvimento da tecnologia extravasou os

vários campos científicos, com o avanço da modernidade, celebrizada com a



conquista do espaço pelo homem. O regime militar imposto pela Revolução de 64, foi um acontecimento marcante na História do Brasil. A edição do AI-5 pelo governo de Costa e Silva (1967-1969) radicalizou o regime militar. Os partidos políticos desapareceram, o congresso nacional foi fechado, e em meio a este clima também em Blumenau algumas pessoas sofreram o revés desta revolução, por discordar e por defender suas bandeiras de militância.



Complexo Universitário da FURB

Neste período de repressão, políticos, militantes e intelectuais que denunciavam a velada liberdade de expressão, sentiram de perto a força do regime vigente.

A geração da "Jovem Guarda", influenciada pelos sons internacionais que se infiltravam como nova cultura no País, fazia uso do repertório de músicas traduzidas, enquanto o movimento do "tropicalismo" utilizava-se da linguagem figurada para manifestar o seu descontentamento. Com roupas extravagantes, cabelos longos e muitas vezes desleixados, a juventude irreverentemente chamava atenção pela sua postura, contestando os novos tempos. O ambiente blumenauense não fugia à regra: promoções de ordem artístico-culturais realizadas pelos jovens



foram marcadas pelo surgimento do Clube Nova Geração, formação do Cine Clube¹² e realização do "1° Salão Pró Arte Nova de Blumenau (1965). Na Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller (1967), realizou-se o primeiro "Salão Blumenauense de Belas Artes". Este último, além de revelar novos artistas, impressionou o público pelo vanguardismo de muitos trabalhos¹³.

Em meio a esta movimentação, a instalação da primeira estação de televisão no estado catarinense colocava mais uma vez Blumenau na linha de frente, ao colocar no ar a TV Coligadas – Canal 3, como um órgão de difusão para todo o Vale do Itajaí.



Cenas de uma gravação externa pela equipe da TV Coligadas - Canal 3

O país estava sob vigília constante do regime militar e o município concluía a década motivado em dar continuidade à política desenvolvimentista. A cidade recebeu nova imagem com a valorização paisagística do rio Itajaí, após a conclusão do primeiro trecho da Avenida Beira-Rio.

A vida política continuava diluída em dois partidos: a ARENA e o MDB. No governo municipal a quebra da seqüência da classe empresarial na administração pública foi surpreendida com a primeira eleição promovida pelo Governo Mi-

¹² Nova Geração. Ano I (3), dezembro, 1964.

¹³ A Cidade. Blumenau, 18/08/1967.



litar. A surpresa veio por conta da eleição do radialista Evelásio Vieira (MDB). No mote da sua plataforma política estava o aumento do número de empregos através de estímulos fiscais para a implantação de novas empresas. Contagiada pelo sentimento nacional, a década iniciava-se dentro de um forte patriotismo. A vitória da seleção brasileira na conquista do tricampeonato mundial de futebol fez com que o povo entoasse o canto: "...todos juntos pra... frente Brasil... Brasil!" Havia também slogans do tipo: "Brasil! Ame-o ou deixe-o".

No grande Vale do Itajaí, a economia liderada por Blumenau, despontava no cenário nacional de acordo com as potencialidades das empresas. Alimentadas pelo incremento dos incentivos fiscais, liberados pelo Governo Federal, e empolgadas pelas alterações da legislação trabalhista, as indústrias do ramo têxtil passaram a empregar centenas de mulheres para a jornada do terceiro turno. Esta nova situação trouxe o êxodo rural em maior escala, uma vez que muitas famílias deixaram o campo para trabalhar na cidade. As estatísticas revelavam para o decênio de 1970-1980, um crescimento urbano em torno de 53,7% 14.

Rapidez e agilidade para realizar os negócios exigiam tecnologia de ponta para o aperfeiçoamento da comunicação com o exterior. O Governo Federal, atendendo ao apelo das lideranças locais, implantou em 1971, os serviços do sistema Discagem Direta à Distância – DDD, sendo Blumenau a primeira no Estado a dispor do mesmo. Mantendo-se na vanguarda, no ramo das comunicações no mesmo ano o Jornal de Santa Catarina – JSC, era o primeiro a lançar um periódico impresso em offset, no Estado catarinense.

Apesar da euforia econômica, a região ressentia-se dos serviços da Estrada de Ferro Santa Catarina que foi desativada em 1971. Construída com capital alemão, foi encampada na primeira Guerra pelo governo brasileiro. Lamentavelmente, por falta de sensibilidade e vontade política, apesar dos investimentos aplicados para o seu prolongamento até o porto de Itajaí, foi erradicada após 62 anos de atividades. O patrimônio por vários anos esteve exposto ao tempo, ficando desta ferrovia apenas alguns vestígios como a máquina, carinhosamente apelidada de "Macuca", exposta ao lado da Prefeitura. Este monumento hoje se transformou em referência de um passado vigoroso da história ferroviária, na região do Vale do Itajaí.

As boas relações do governo federal com as lideranças blumenauenses confirmaram-se mais uma vez, com a visita de dois presidentes da República ao município, no transcorrer da década: Emílio Garrastazu Médici (1972) e Ernesto Geisel (1976).

Em função da conjuntura internacional, programas econômicos e sociais do governo federal favoreciam os capitalistas industriais, além do crescimento do

¹⁴ Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Blumenau - Ippub. Blumenau Perfil: 1996. p.28.



comércio e consequentemente maiores ganhos de produtividade. A emergente classe média brasileira, seduzida pelas oportunidades de trabalho e consumo, saciava-se com a aquisição de bens duráveis, realizando o sonho da casa própria, utilizando-se dos financiamentos do BNH - Banco Nacional de Habitação¹⁵. Em Blumenau, esta nova situação cunhou na cidade um novo ciclo de edificações de médio e grande porte, alterando o perfil urbano provocado pelo aumento da população e área de ocupação.

No mercado de trabalho outras opções se abriram com a ampliação do ramo hoteleiro e abertura de pontos comerciais, passando a cidade a contar com um expressivo número de casas bancárias que encontraram espaço para atuarem em nome da expansão econômica.

O turismo imprimiu outra fonte de divisas para o Município. A Comissão Municipal de Turismo organizou-se, dotando a cidade de uma infra-estrutura capaz de assegurar a permanência do visitante na cidade. Despertado para esta nova fatia do mercado, o setor privado investiu em empreendimentos de atração tais como: Construção do Restaurante Típico Moinho do Vale, passeios sobre as águas do Itajaí com o restaurante flutuante Vapor Blumenau II.



Restaurante flutuante Blumenau II realizava passeios no Rio Itajaí

¹⁵ TEIXEIRA.Francisco.M.P. História Concisa do Brasil. São Paulo, Global, 1993. p.318-323.



Este empreendimento infelizmente durou pouco tempo. Com problemas de gerenciamento e manutenção e com o refluxo do turismo este barco restaurante permaneceu muito tempo ancorado nas margens do Itajaí, tornando-se alvo de críticas na imprensa pelo seu estado de abandono e depredação. Atualmente, ancorado no vizinho município de Ilhota, está aguardando um outro destino.

O Governo Municipal, através da ornamentação e ajardinamento dos logradouros públicos, estimulou a população a fazer o mesmo, promovendo o concurso do mais belo jardim, passando a adotar o slogan "Cidade Jardim".

Em 1973 o blumenauense foi tomado de surpresa pela fusão das empresas Fábrica de Artefatos Têxteis Artex e a Empresa Industrial Garcia, que passaram a operar juntas. Com esta fusão constituiu-se o segundo maior complexo fabril mundial.

O município, contando com uma população estimada em 100 mil habitantes, teve como prefeito o economista Félix Christiano Theiss (1972-1976). O seu governo foi marcado pelas ações da Comissão Municipal de Desenvolvimento Econômico. Foram aprovados incentivos, estimulando a vinda de empresas. Os benefícios trouxeram algumas multinacionais (Albany Indústria e Comércio Ltda, Johnson & Johnson) que contribuíram na diversificação do mercado e na geração de empregos.

Outra medida foi a definição de diretrizes para implantar o plano diretor físico-territorial. A construção da ponte José Ferreira da Silva, possibilitou a ligação entre os bairros Vorstadt e Itoupava Norte, viabilizando o projeto do Anel Viário Norte.



Mausoléu Dr. Blumenau, construído em 1974 para receber os restos mortais do fundador da cidade.



Em 1974, pela passagem do Sesquicentenário da imigração alemã no Brasil, foi edificado o Mausoléu Dr. Blumenau, no qual foram depositados os restos mortais do fundador da cidade, Hermann Bruno Otto Blumenau, que estavam na Alemanha.

Ao delinear-se a segunda metade dos anos setenta, a economia brasileira viu-se abalada com a alta dos juros internacionais, provocada pela crise do petróleo. Esta crise, gerou uma série de problemas de ordem econômica e social, cujos reflexos também se manifestaram em nossa região.

A fragilização do milagre brasileiro entrou na bancarrota, desacelerando o modelo econômico nacional. Foi neste contexto de crise, que o General Ernesto Geisel (1974-79) assumiu a presidência da República, propondo uma redemocratização. Dois anos depois, o mesmo visitou Blumenau. Naquela oportunidade anunciou a liberação de verbas para a conclusão da Barragem Norte, como também assinou contrato para a construção da rodovia BR-470, no trecho entre Blumenau-Navegantes, concretizada somente 20 anos após este ato.

O comando da cidade, a partir de 1977, passou para as mãos do advogado Renato de Mello Vianna (1977-1982/MDB). Numa iniciativa pioneira, este prefeito procurou sanar os problemas ambientais. Para defender a causa ecológica, criou a Assessoria Especial do Meio Ambiente¹⁶. Com a função de estabelecer programas, esta nova pasta tinha à sua frente principalmente a poluição dos rios e ribeirões, causada pelos dejetos eliminados por empresas locais. O trabalho realizado surtiu efeitos e as empresas passaram a investir em estações de tratamento de efluentes, melhorando sensivelmente a qualidade da água eliminada. E, para estabelecer metas e definir as áreas de aterros sanitários nos bairros, a municipalidade entregou este encargo ao Departamento de Serviços Urbanos - DSU.

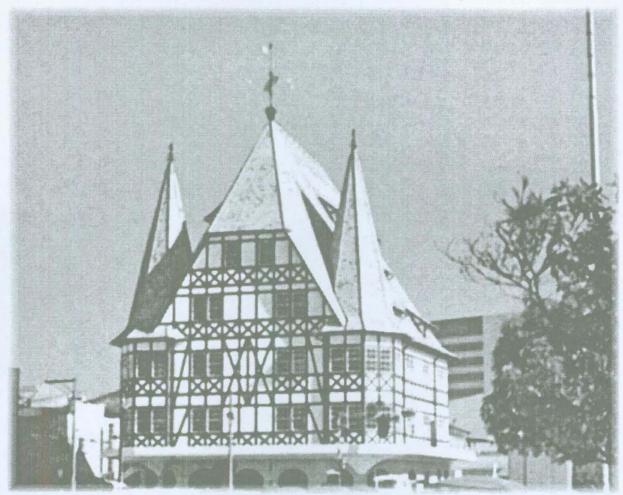
A malha urbana de Blumenau projetava-se em todas as direções. O centro urbano não mais comportava o intenso fluxo de veículos que disputavam espaço com os coletivos que faziam o percurso dos bairros e ônibus provenientes das cidades vizinhas. A solução para o desafogamento do trânsito foi a construção do terminal rodoviário "Hercílio Deeke" numa área mais afastada da zona central, na região da Itoupava Norte. Com a finalidade de obter um crescimento ordenado e humanizado, a municipalidade criou o Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano – IPPUB

A bucólica cidade perdera as características de uma região agrícola há muito tempo. Objetivando humanizá-la frente às edificações, instituiu-se através de dispositivo de lei, gabarito controlador para os "espigões". A lei de 1977, que estimulava a edificação de casas enxaimel, foi posteriormente ampliada com a finalidade de preservar as antigas construções de valor histórico. Motivada pelos in-

Governo Vianna: quatro anos que fizeram de Blumenau uma cidade mais humana e desenvolvida. Blumenau, Serviço de Imprensa da Prefeitura Municipal. 1982.



centivos fiscais, a iniciativa privada passou a construir edificações, alterando o perfil da cidade pela sua monumentalidade, como foi o caso do Castelinho Moellmann (1978), réplica de um castelo medieval da Alemanha, sede da prefeitura de Michelstadt, tornando-se uma interferência que passou a fazer parte da paisagem da cidade e um cartão postal de Blumenau.



Castelinho da Moellmann, uma réplica da Prefeitura de Michelstadt

A diversidade cultural blumenauense desta década fez surgir a primeira Galeria de Artes de Santa Catarina, a "Açu-Açu". À frente desta iniciativa estavam a escultora Elke Hering Bell, o crítico de artes, escritor e advogado Péricles Luiz Medeiros Prade e o poeta Lindolfo Bell, propagador da poesia e da "Catequese Poética". Vem desta época o espaço para poetas e escultores popularizarem nas praças as suas obras, como também, o movimento de um grupo de pessoas ligadas às artes, decididas a criar a Casa do Artista. A municipalidade, por sua vez, abriu espaço para uma Galeria Municipal de Artes, a qual passou a desenvolver suas funções numa residência à rua Ângelo Dias. Também os talentos mirins, encontraram oportunidade de revelar-se com a criação da Escolinha de Artes Monteiro Lobato.



A década de setenta chegava ao seu final, usufruindo o efêmero brilho de uma política sócio-econômica que passou a se ofuscar com os enfrentamentos de ordem econômica. Os fatores causadores foram atribuídos aos constantes aumentos dos preços do petróleo no mercado internacional, responsáveis pelas altas taxas dos juros.

A cidade procurava alternativas para superar a situação que se tornara difícil para muitos que perdiam o emprego e o poder aquisitivo. Na tentativa de incrementar o turismo e proporcionar uma nova paisagem na entrada da cidade, foi construída na Ponta Aguda (Prainha), a Praça Jucelino Kubitschek de Oliveira (1979). Para reunir as secretarias e ampliar o espaço de atendimento, edificiou um novo prédio.



Praça Jucelino Kubitschek de Oliveira

Em 1982 foi inaugurada a nova Prefeitura Municipal. Com uma população de 157.288 habitantes, o censo realizado no início da década dos anos oitenta, informava que deste número, 31.700 pessoas vieram de outras cidades em busca de emprego e aqui passaram a viver.¹⁷

No panorama nacional, a abertura política ensaiava os passos da redemocratização após 20 anos de repressão. Na conclusão do mandato do General João Baptista Figueiredo (1979-1985), finalizava-se a fase do militarismo no poder.

¹⁷ Censo de 1980. IPPUB. Blumenau, 1980.



Com uma economia quebrada, os arrochos e planos de estabilização aumentavam o tamanho da inflação que tomava conta do país. Considerada a cidade mais industrializada do estado catarinense, Blumenau passou a sentir os efeitos da crise econômica brasileira. Milhares de pessoas perderam seus empregos, ficando para a classe média e aos trabalhadores o maior ônus implantado pelo sistema.

Ao eleger-se em 1983, o administrador Dalto dos Reis, jamais imaginara o quanto a sua gestão ficaria marcada na história, pelos vários problemas confrontados com as águas do rio Itajaí. Sua gestão foi de reconstrução da cidade. Nos anos de 1983 e 1984, duas grandes enchentes de enormes proporções provocaram incalculáveis prejuízos à cidade e região do Vale do Itajaí. Empresas atingidas ameaçavam deixar a cidade. As multinacionais Johnson & Johnson e a Albany transferiram suas filiais para outras cidades, enquanto algumas empresas de pequeno porte encerraram suas atividades.

A desolação era desestimulante até para os mais otimistas. Recuperar-se do pesadelo das águas, revitalizar a cidade e a auto-estima dos blumenauenses entristecidos com as perdas era o novo desafío. Programações adiadas em função do caos, começaram a sair do papel.



Avenida Beira Rio nas enchentes de 1983

A secretaria de Turismo, procurando dar um novo sentido a esta área geradora de divisas, juntamente com os líderes da iniciativa privada, buscou estabelecer uma política para reorganizar este setor que até então representava a terceira fonte de arrecadação do município. A realização da Oktoberfest foi oportuna. Projetada com forte apelo na herança cultural dos seus colonizadores, a representação da festa foi elaborada com elementos que faziam parte das tradições da cidade. Para atrair o público providenciou-se a organização de desfiles que passaram a contar com o apoio e a participação dos clubes de Caça e Tiro, dos grupos folclóricos que na época eram poucos, sendo que em função desta festa e pela invocação das raízes históricas, motivaram as entidades culturais para a criação de novos grupos. Juntaram-se ao evento outros elementos das manifestações sócio culturais que também desfilaram na XV de Novembro, ao som das tradicionais bandas e bandinhas musicais responsáveis pela animação do alegre cortejo. Outro requinte incorporado foram os pratos típicos, cujas receitas em alguns casos foram adaptadas

Oktoberfest-84



5/14-outubro-84 Blumenau-SC

ao gosto da festa. Tudo regado com muito chope, os atores desta festa inventada, impressionaram o público que veio assisti-los e participar durante os 18 dias da Oktoberfest. O evento ganhou corpo, os pavilhões da PROEB aumentaram em número para atender os festeiros. Vivenciando a sua 17ª versão, a "Oktoberfest" apresenta hoje sintomas de fadiga, fazendo-se necessário um repensar sobre a mesma, realizando reajustes para retornar aos trilhos que a constituíram.



Marcada por contratempos de toda ordem, a década registrou no meio cultural, o sucesso da Orquestra de Câmara de Blumenau (1981), composta por professores e alunos, em suas apresentações divulgou o nome de Blumenau. Em dezembro de 1999, devido aos problemas financeiros que vinha apresentando, a Orquestra fez sua última apresentação e foi desativada. Para substituí-la, organizou-se a Orquestra do Teatro Carlos Gomes, iniciada em janeiro do ano 2000.

A vinda do Ministro da Educação Marcos Maciel, para oficializar a criação da Universidade Regional de Blumenau (1986), constituiu-se num momento significativo, por tratar-se da primeira Universidade a ser instalada no interior do território catarinense.

Com manifestações acirradas, desencadeou-se na cidade um forte debate a favor e contra a transformação da Praça Hercílio Luz em Biergarten (Jardim da Cerveja). Com a causa ganha pelo poder público, o fato se consumou, para descontentamento dos preservadores da memória histórica. Confirmando as previsões daqueles que se posicionaram contra a criação do Biergarten, anos mais tarde, mesmo à revelia dos protestos de vários representantes da comunidade que entraram com uma ação na justiça, a municipalidade permitiu a edificação de uma cervejaria, desrespeitando um dos referenciais históricos de Blumenau.



Vista do Biergarten na Praça Hercílio Luz - 1987



Entrementes, o esporte amador, responsável por muitas glórias conquistadas durante a realização dos Jogos Abertos e demais competições esportivas, ganhava um moderno complexo esportivo no Sesi. O articulador deste monumental foi o empresário blumenauense Bernardo Wolfgang Werner. Justifica-se assim, a adoção do seu nome àquele complexo esportivo.

A década sinalizava o final em meio a uma forte crise econômica, onda de descontentamento e pressão contra o desemprego, perdas salariais e cada vez mais o empobrecimento da classe média.

Os reclames contra o sistema econômico nacional eram fortes. Em Blumenau, o clima não era diferente. Uma greve geral convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores Têxteis conseguiu reunir em frente à Igreja Matriz São Paulo Apóstolo mais de 30 mil operários¹⁸. No palco dos acontecimentos do país, o governo militar agonizava, o povo realizava pela primeira vez, após quase três decênios de recessão, a escolha pelo voto do seu presidente.

Numa disputa acirrada, levada ao segundo turno, a vitória coube ao jovem político Fernando Collor de Mello (1990-1992).

Este governo foi curto, marcado por um quadro inflacionário, sem conseguir estabilizar a economia, fazendo uso de medidas ditadoras como foi o caso do confisco das "poupanças". As medidas tomadas pelo corpo econômico do governo pouco satisfizeram a massa popular. Veio o desgaste e a mobilização nas ruas com os estudantes "caras pintadas" e demais segmentos da sociedade que levaram à decretação do impeachment do presidente em 1992¹º. Em Blumenau, os anos noventa despontaram em meio a uma série de dificuldades e transformações. O município era administrado pelo engenheiro Vilson Pedro Kleinübing (1989-1990), após ter quebrado uma seqüência de vinte anos do PMDB no poder.

As empresas locais sofriam os reveses dos planos econômicos e para aumentar a crise houve a entrada dos produtos asiáticos negociados por preços muito inferiores aos produzidos no mercado nacional. Naturalmente as demissões dos empregados das indústrias locais geraram sérios problemas de ordem social na cidade. Entre os anos de 1994 e 1999 mais de dez mil pessoas que trabalhavam na área têxtil de Blumenau foram demitidas²⁰. Corroboraram para aumentar este quadro a introdução de maquinários com tecnologia de ponta. A introdução da terceirização nas indústrias passou a ocupar espaços.

Acompanhando o ritmo da modernidade, Blumenau, mais uma vez, colocou-se na vanguarda, desta feita ao inovar na criação de softwares, converteu-se no centro da informática brasileira.

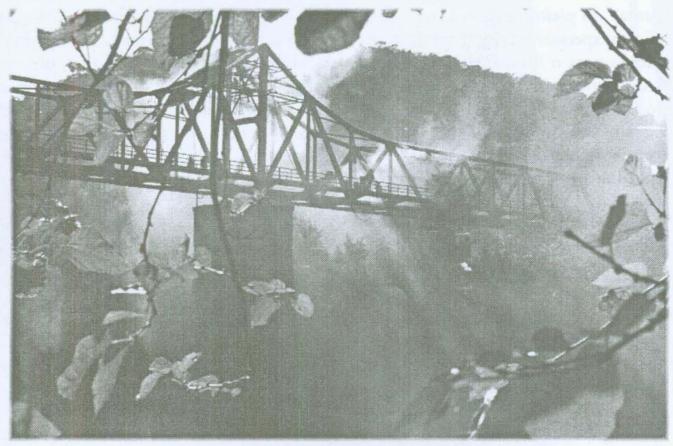
¹⁸ Jornal de Santa Catarina. Blumenau, 03/1989.

¹⁹ TEIXEIRA, op. cit., p. 318-323

Jornal de Santa Catarina. Edição Especial - 150 Anos Blumenau. vol.2. O Passado. Blumenau, 2/09/2000. p.47



Neste intervalo de tempo, Blumenau registrou uma população que ultrapassou a faixa dos 240 mil habitantes. A cidade cresceu, porém os problemas que se acumularam ao longo dos anos exigiam ações imediatas. As questões do trânsito foram amenizadas com a transformação do antigo leito ferroviário da ponte metálica numa via de comunicação para a passagem de veículos. Festivamente inaugurada, pelo prefeito Victor Fernando Sasse (1990-1992), e demais autoridades contou com a presença dos patrocinadores da restauração da ponte, como o jornalista Roberto Marinho da TV Globo. Esta linha de comunicação passou a chamar-se ponte "Deputado Aldo Pereira de Andrade".



Ponte Aldo Pereira de Andrade, antigo leito da EFSC

No quadro nacional o governo de Itamar Franco (1992) tomou medidas enérgicas, procurando manter o controle da inflação. Entre as decisões incluiu-se a introdução de uma nova moeda, o "Real". Se o mesmo apresentou-se como atenuante, estancando a inflação, no meio empresarial a cidade assistia a tradicionais empresas entrarem em concordata e falências.

Não podendo competir com a novidade do Shopping Neumarkt e pela desaceleração do fluxo turístico, a rua 15 de Novembro se ressentiu pelo envelhecimento dos seus estabelecimentos, que não acompanharam os novos tempos. Um clima de desânimo tomou conta de determinados setores.

Com muita expectativa, reelegeu-se para a gestão 1993-1996 o deputado federal Renato de Mello Vianna. Entre as suas metas estavam a construção da controvertida ponte do Tamarindo, reivindicação que vinha se arrastando por longa data. Com a sua edificação, o trânsito da região norte da cidade estaria desafogado. O projeto de construção em blocos foi muito questionado e polemizado. Para dar fluxo ao sistema viário, realizou-se o asfaltamento do corredor Norte/Sul, reduzindo os problemas de engarrafamento na cidade.

Em meio à movimentada disputa entre as tradicionais correntes partidárias, foi eleito para governar Blumenau no período de 1997-2000, o vereador do Partido dos Trabalhadores, Décio Nery de Lima, cuja vitória foi tida como "surpresa" do pleito, uma vez que os números das pesquisas asseguravam uma votação inexpressiva, sem chances de eleger-se. Sua gestão foi marcada pelo planejamento para o futuro da cidade, através do Projeto Século 21. Contando com verbas oriundas do financiamento aprovado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDS, o projeto estabeleceu mudanças urbanas na cidade com o asfaltamento de muitas ruas do centro e bairros da cidade. Dirigiu seu governo principalmente à classe dos menos favorecidos, dando destaque a projetos de cunho social. Casas populares foram construídas em parceria com a iniciativa privada.

Confiando no potencial turístico da cidade, captou recursos para investir no complexo da Proeb, palco de eventos que incrementam o desenvolvimento do turismo, dotando aquele espaço de um amplo centro de convenções, o Willy Sievert. No seu governo, finalmente a ponte do Tamarindo foi inaugurada.

Procurou-se popularizar a cultura, trabalho desenvolvido pela Fundação Cultural de Blumenau. As ações culturais foram inovadas através de vários projetos como a realização do Festival Nacional de Danças Folclóricas e Festival Nacional de Teatro Infantil, Projeto Pão e Poesia, entre outros.

O plano de reurbanizar a rua XV de Novembro tornou-se realidade. A obra iniciada em julho de 1999, foi edificada em tempo recorde graças à parceria entre proprietários de imóveis e o poder público.

Coube ao Prefeito Décio Lima, nomear uma comissão para organizar as comemorações alusivas ao Centenário de Morte do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau em outubro de 1999 e os preparativos referentes ao Sesquicentenário de fundação de Blumenau.

Para desempenhar estas funções, foi criado o Instituto Blumenau 150 Anos, que teve como presidente o jovem empresário Ricardo Stodiek. As ações deste Instituto contaram com a participação da comunidade. O Resgate da memória histórico-cultural de Blumenau e região, através de campanhas e coleta de acervos junto às famílias, instituições públicas e entidades privadas, ganhou ênfase. Organizou-se vasta programação na qual constaram exposições de arte, fotografias



e documentos entre outras, apresentações culturais e lançamento de livros. Sediado em área nobre, no Castelinho Moellmann, à Rua 15 de Novembro, o Instituto Blumenau 150 Anos fez dele o palco principal de encontro dos blumenauenses nos eventos comemorativos.



Apresentação da Ode ao Dr. Blumenau pelo Grupo "Pró-dança" no Teatro Carlos Gomes – programação dos 150 anos de Blumenau

A revitalização do centro histórico foi outra meta estabelecida pelo Instituto Blumenau 150 Anos, que procurou parcerias para restaurar monumentos históricos tais como: antiga Prefeitura Municipal (parte destruída pelo incêndio de 1958), restauração do Vapor Blumenau, e a aprovação de convênio para restaurar a residência do vice-diretor da Colônia Hermann Wenderburg, construída em 1858, anexa ao complexo do Museu da Família Colonial.

Homenagens a Hermann Blumenau junto ao mausoléu da família e um grande desfile histórico marcaram o 2 de setembro do ano 2000. Fizeram-se presentes a bisneta do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, sra. Jutta Blumenau-Niesel e seu esposo, autoridades vindas da Alemanha, Governador do Estado, Prefeitos da região, senadores, deputados, representações eclesiásticas, militares e civis, juntamente com expressivo número da população blumenauense que veio prestar a sua homenagem à cidade e ao seu fundador.



Desfile comemorativo do Sesquicentenário de Blumenau

Encerradas as atividades comemorativas do Sesquicentenário, Blumenau entra no novo milênio com firmeza para enfrentar o futuro. O desafio é mantê-la forte, fazê-la crescer ordenadamente, dentro de uma sinergia de desenvolvimento, competitividade e qualidade de vida.

A jovem cidade cresceu rapidamente e seus 150 anos representam um processo de 6 gerações. Este desenvolvimento, de certo modo, aconteceu bruscamente. Portanto, temos o compromisso de preservar aquilo que as gerações passadas nos deixaram, garantindo assim a sobrevivência de nossas manifestações culturais e sociais.

Evoca-se aqui a coletividade e, principalmente, os governantes, para que conduzam o futuro de Blumenau numa inserção positiva, potencializando dinâmicas econômicas, sociais e culturais, colocando o Município no novo século, movido por ações abrangentes que envolvam toda a sociedade no sentido de torná-la mais justa, humana e feliz.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos pre--) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números) -) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números) -) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00 -) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo) Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2001 (Tomo 42). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo: Forma de pagamento: ☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação) ☐ Cheque Banco: Número: Valor: R\$ Dados do assinante: Nome: Endereço: Caixa Postal: CEP: _____ Fone p/ contato: _____ Estado: Cidade: Assinatura

> Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva" Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)



TOMO XLI Setembro/Outubro de 2000 - Nº 09/10

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering

Benjamim Margarida (in memoriam)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (in memoriam)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Cia. Hering

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeireira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau

